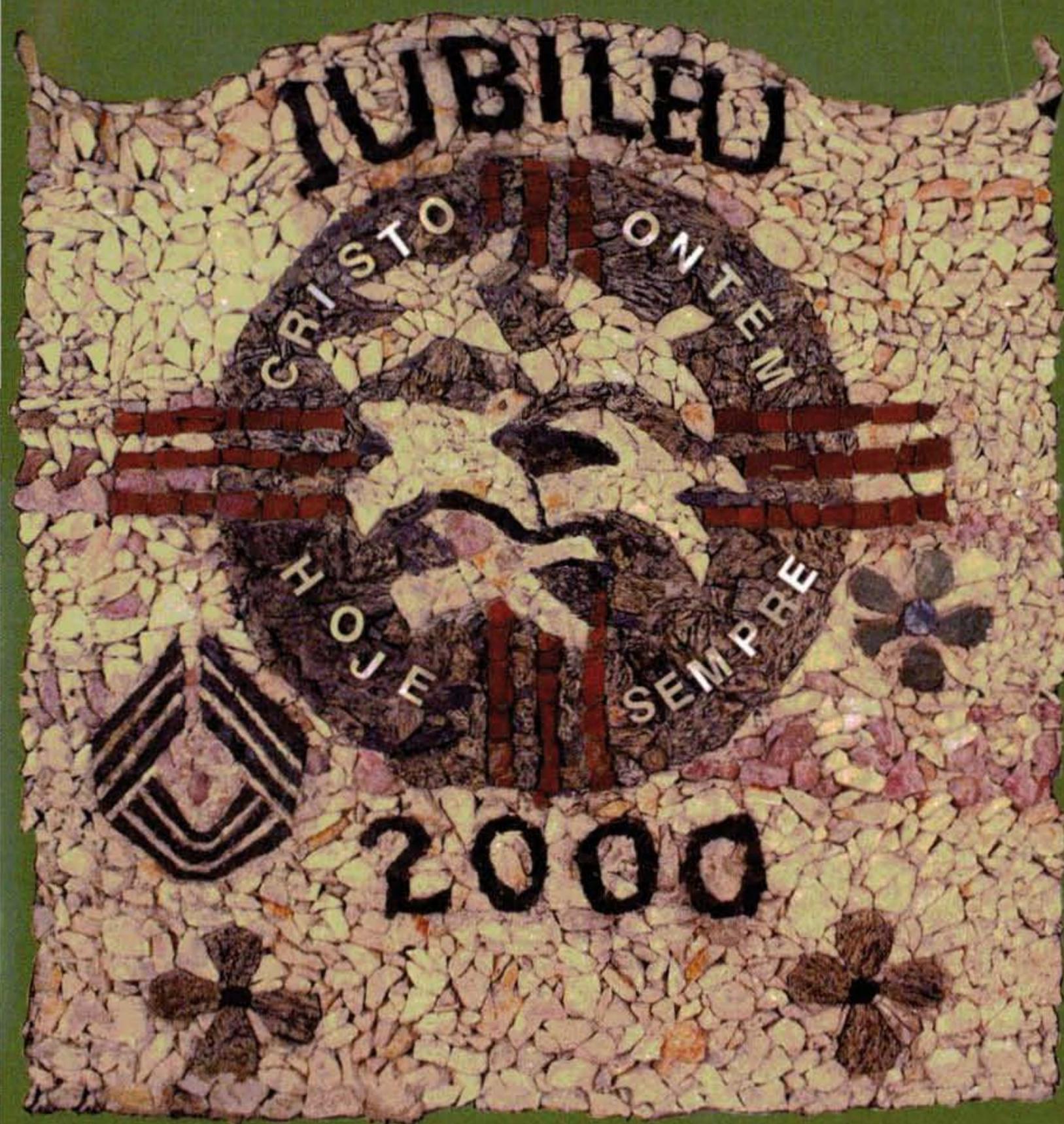


convergência

ABRIL • 1998 • ANO XXXIII Nº 311

convergência



- MEDELLÍN, TRINTA ANOS DEPOIS
- A CONSCIÊNCIA ÉTICA E O ESPÍRITO SANTO
- O ESPÍRITO DO SENHOR ESTÁ SOBRE MIM
EVANGELHO DE LUCAS
- EDUCAÇÃO PARA A JUSTIÇA E A SOLIDARIEDADE
- ANÁLISE DE CONJUNTURA

SUMÁRIO

EDITORIAL	129
Ir. Carmelita de Freitas, FJ	
PALAVRA DO PAPA	131
INFORME CRB	135
Irmãzinha Therezinha de Jesus	
MEDELLÍN, TRINTA ANOS DEPOIS	143
Pe. J. B. Libanio, SJ	
A CONSCIÊNCIA ÉTICA E O ESPÍRITO SANTO	155
Frei Bernardino Leers, OFM	
O ESPÍRITO DO SENHOR ESTÁ SOBRE MIM EVANGELHO DE LUCAS	166
Irmã Rosana Pulga, FSP	
EDUCAÇÃO PARA A JUSTIÇA E A SOLIDARIEDADE	173
Jussol — SP	
ANÁLISE DE CONJUNTURA	180
Pe. Virgílio Leite Uchôa	

NOSSA CAPA

A ilustração para os próximos anos chama a atenção para a participação e o envolvimento da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) no projeto de evangelização "Rumo ao novo milênio". Trata-se de uma fotografia tomada do mural artístico confeccionado em pedras de variadas cores numa parede interna, junto à capela da sede da CRB Nacional. Inspirado no logotipo escolhido pela Comissão Central da Santa Sé para o Jubileu, presidida pelo Cardeal Roger Etchegaray, a partir de um concurso vencido pela estudante de arte italiana Emanuela Rocchi, o artista plástico José Antonio Abreu, de Igarapé, MG, compôs o mosaico com grande expressão e beleza. Nele se destacam o globo terrestre, os cinco continentes representados pelas pombas, a cruz estilizada e as palavras: CRISTO, ONTEM, HOJE, SEMPRE, sinalizando o anúncio principal do projeto (Pe. João Roque Rohr, SJ).

ASSINATURA PARA 1998:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 60,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) R\$ 6,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitório, SJ

Frei Prudente Nery, OFM Cap.

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

Cinelândia • Tel.: (021) 240-7299

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 6914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

CRISTO, NOSSA ESPERANÇA, RESSUSCITOU!

Na celebração eucarística, a liturgia atual da Igreja coloca nos lábios dos cristãos e cristãs, logo após a consagração, uma aclamação de extraordinária beleza: "Anunciamos a vossa morte. Proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!" Estas palavras com que o povo fiel responde participativamente ao rito consecratório são, antes de tudo, uma densa e concisa profissão de fé. É como se do coração da comunidade celebrativa eclodisse a expressão consciente e jubilosa daquilo que constitui o núcleo fundamental da sua fé, a intenção básica do gesto rememorativo-salvífico do partir o pão e do beber do cálice.

Também na páscoa judaica, antes de comer do cordeiro, o judeu piedoso era convidado a recitar com devoção e ação de graças a sua profissão de fé, fazendo memória dos prodígios e maravilhas que Javé operava em favor do povo, através de gerações.

Na páscoa nova — a celebração eucarística — as maravilhas salvíficas de Javé são compendiadas no binômio morte/ressurreição, que sintetiza o mais substancial do credo cristão, e alimenta a esperança da comunidade na renovada e permanente vinda do Senhor Jesus.

Mas esta aclamação, compêndio e confissão de fé, não se pode reduzir a uma fórmula a ser recitada num dado momento da Missa, de maneira consciente ou rotineira. Ela é, pelo seu conteúdo e pelo momento em que é proclamada, um compromisso de vida. Anunciar a morte de Jesus é professar

a fé no amor misericordioso e libertador do Pai que na morte do Filho nos reconcilia com o Amor e a Vida, e nos liberta de todo jugo da servidão, do pecado e da discórdia. É confessar a fé no "absurdo" salvífico do evento extremo da Cruz que evoca pecado e graça, condenação e salvação, ação dos homens e ação de Deus.

Mas anunciar a morte de Jesus é, também, e a partir dessa mesma confissão de fé, denunciar a dor, a humilhação e a agonia dos povos crucificados da nossa história hodierna. É comprometer-se com tudo aquilo que significa descer da cruz esses povos crucificados e fazer que tenha vida, conforme o desejo expresso de Jesus: "Eu vim trazer vida, vida em abundância". Então, sim, o jubiloso proclamar a ressurreição de Jesus ganhará realismo histórico e densidade humana. Será um eco permanente do aleluia da manhã de Páscoa. Será anúncio gozoso de vida para todos, sem exclusão e sem ódios, sem discriminação nem violências. Nessa perspectiva, a esperança cristã, o anseio pela vida definitiva de Jesus, pela consumação do Reino, encaixa-se de maneira plausível e alentadora. Toda vez que com palavras e obras, com profecia e testemunho se anuncia a morte de Jesus e se proclama a sua ressurreição, atualiza-se na história aquela definitividade que esperamos na nossa contingência e finitude, a permanente vinda salvífico-libertadora de Jesus, até a consumação dos séculos.

Nas celebrações eucarísticas deste tempo pascal, a aclamação dos fiéis após a consagração tem um sentido e um sabor peculiares. Está impregnada da força vivificadora da Pala-

vra, rememorativa dos eventos pascais, proclamada na liturgia da Palavra. Constitui um vigoroso apelo à comunidade celebrativa para manter a firmeza da sua fé, atualizando no cotidiano a “memória perigosa” de Jesus, morto e ressuscitado para que todo homem e toda mulher conheçam a ternura misericordiosa do nosso Deus e tenham vida em abundância.

É nesse contexto de Páscoa que CONVERGÊNCIA deste mês chega às comunidades religiosas com um cálido augúrio de Vida para todos. Os textos aqui publicados são subsídios que querem ajudar a fazer sempre mais lúcido e efetivo o compromisso de religiosos e religiosas com a causa de Jesus e a “memória perigosa” de sua morte e ressurreição, até que Ele venha.

O sugestivo artigo do Pe. João Batista Libânio — “Medellín, trinta anos depois” — faz uma releitura teológico-pastoral desse grande evento que marcou profundamente a trajetória histórica da Igreja na América Latina. O autor centra a sua releitura, sobretudo, em três elementos da rica herança de Medellín: libertação, educação libertadora, vida religiosa inserida. De cada um desses três elementos traça um breve perfil histórico, e se interroga sobre a sua incidência no hoje do continente, indicando possíveis desdobramentos e abrindo perspectivas para o atual momento histórico e para o futuro da Igreja. Para o autor, o risco maior que corremos hoje consiste em querer deixar a história para trás, aceitar passivamente o decretado “fim da história”. A memória e tradição de Medellín estão chamadas a resistir a esses nivelamentos. Não por mero saudosismo, senão para relançar sonhos ainda não realizados, vividos tão ardentemente desde Medellín.

“A Consciência ética e o Espírito Santo” — é o excelente e bem fundamentado artigo do Fr. Bernardino Leers. Partindo de pressupostos antropológicos e psico-sociológicos, o autor expõe, com notável riqueza bíblica e sentido prático, a complexa questão da for-

mação, do desenvolvimento e do exercício da consciência cristã, sob a permanente ação do Espírito Santo. Conforme se expressa o autor, esta ação do Espírito Santo muitas vezes “não é como acender a luz do quarto obscuro da consciência, mas usa a mediação humana de pessoas e situações... Os apelos são legião e abrem os olhos e os ouvidos para situações de injustiça, de violência, de exclusão...”

Ir. Rosana Pulga no seu artigo — “O Espírito Santo está sobre mim. Evangelho de Lucas” — oferece às comunidades uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas. Lembrando que, de acordo com o Projeto Rumo ao Novo Milênio, em 1998 é o evangelista Lucas quem vai orientar nossa caminhada na estrada de Jesus e introduzir-nos na casa da misericórdia, onde se encontra a salvação, a autora faz uma sugestiva apresentação do texto lucano, situando-o no contexto de sua produção, e destacando alguns dos seus grandes eixos, particularmente a presença e atuação do Espírito Santo.

O artigo do Grupo JUSSOL da CRB de São Paulo — “Educação para a Justiça e a solidariedade” — apresenta uma reflexão sugestiva e muito oportuna sobre o tema da Campanha da Fraternidade deste ano. A partir de uma série de questionamentos feitos no início do texto, o artigo procura deixar claros o objetivo da CF/98 e, sobretudo, os grandes desafios que a educação enfrenta hoje, um mundo em constantes e profundas mudanças, destacando a missão que tem a Vida Religiosa nesse contexto.

O texto do Pe. Virgílio Uchôa — “Análise de Conjuntura” — oferece valiosos elementos de análise, que podem ajudar as Comunidades religiosas a se situarem de maneira mais lúcida e criativa diante dos grandes desafios da atual conjuntura sócio-econômico e eclesial.

A Palavra do Papa focaliza um dos grandes problemas que enfrenta hoje a sociedade e que incide fortemente na missão da Igreja e da Vida Religiosa: a realidade dura e sofrida dos migrantes, nos vários contextos geográficos e culturais do mundo atual.

CADA PESSOA SEJA RESPEITADA E ELIMINEM-SE AS DISCRIMINAÇÕES QUE HUMILHAM A DIGNIDADE HUMANA

O Santo Padre escreveu a Mensagem anual para a celebração do "Dia Mundial dos Migrantes e dos Refugiados" de 1998, a celebrar-se oportunamente em cada nação, segundo as prescrições estabelecidas pelas correspondentes Conferências Episcopais. Publicamos a seguir o texto da referida Mensagem pontifícia.

Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. A Igreja considera o intensificar-se dos fluxos de migrantes e refugiados com viva solicitude pastoral e interroga-se sobre as causas desse fenômeno e as particulares condições em que se encontram quantos são obrigados, por vários motivos, a abandonar a própria pátria. Com efeito, a situação dos emigrantes e dos refugiados no mundo parece fazer-se cada vez mais

precária. A violência obriga, às vezes, populações inteiras a deixar a terra de origem, para escaparem de contínuas atrocidades; com maior freqüência são a miséria e a carência de perspectivas de desenvolvimento que impelem indivíduos e famílias à via do exílio, a fim de procurarem meios de subsistência em países distantes, nos quais não é fácil encontrar acolhimento adequado.

Muitas são as iniciativas em ordem a aliviar as dificuldades e os sofrimentos dos migrantes e dos refugiados. A quem a eles se dedica exprimo vivo apreço, juntamente com um cordial encorajamento a prosseguir generosamente na atividade de apoio, superando as não poucas dificuldades que se encontram no caminho. Aos problemas conexos com as barreiras culturais, sociais e, por vezes, até mesmo religiosas, unem-se os ligados a outros fenômenos como o desemprego, que aflige também Países tradicionalmente meta de imigração, o esfacelamento da família, a carência de serviços e a precariedade que investe tantos aspectos do viver quotidiano. A tudo isto se une o temor, por parte das comunidades de acolhimento, de perderem a própria identidade por causa do rápido crescimento destes "estranhos", em virtude do dinamismo demográfico, dos mecanismos legais da união familiar e do próprio recrutamento clandestino, na chamada econo-

132
C
O
M
P
O
S
I
T
O
E
S
T
R
U
T
U
R
A
D
A
C
O
M
U
N
I
D
A
D
E
C
R
I
S
T
I
A
N
A

mia submersa. Quando não há a perspectiva de uma integração harmoniosa e pacífica, o fechamento em si e a tensão com o ambiente, a dispersão e o desperdício das energias tornam-se riscos reais, com aspectos negativos e, às vezes, dramáticos. Os homens encontram-se "mais dispersos do que antes, confundidos na linguagem, divididos entre si e incapazes de consenso e de convergências" (*Reconciliatio et paenitentia*, 13).

Um grande papel tanto positivo como negativo podem desempenhar, a respeito disso, os mass media. A sua ação pode favorecer uma justa avaliação e uma maior compreensão dos problemas dos "recém-chegados", afugentando preconceitos e reações emotivas, ou então, alimentando egoísmos e hostilidades, obstaculizando e comprometendo uma justa integração.

2. Tudo isto apresenta urgentes desafios à comunidade cristã que faz da atenção para com os migrantes e os refugiados uma das suas prioridades pastorais. O Dia Mundial do Migrante constitui, sob este ponto de vista, uma ocasião oportuna para refletir sobre o modo como intervir, de maneira sempre mais eficaz, neste delicado âmbito do apostolado.

Para o cristão, o acolhimento e a solidariedade para com o estrangeiro não constituem apenas um dever humano de hospitalidade, mas uma precisa exigência que deriva da própria fidelidade ao ensinamento de Cristo. Ocupar-se dos migrantes, para o crente, significa empenhar-se para assegurar, a irmãos e irmãs que vieram de longe, um lugar no seio de cada uma das comunidades cristãs, atuando para que, a cada um, sejam reconhecidos os direitos próprios de todo o ser humano. A Igreja convida todos os homens de boa vontade a oferecerem a própria contribuição, para que cada pessoa seja respeitada e se eliminem as discriminações que humilham a dignidade humana. A sua ação, sustentada pela ora-

ção, inspira-se no Evangelho e é guiada pela sua experiência secular.

A Comunidade eclesial desenvolve, além disso, uma ação de estímulo em relação aos responsáveis dos povos e da comunidade internacional, das instituições e dos organismos envolvidos, a vários títulos, no fenômeno da migração. Perita em humanidade, a Igreja exerce esta sua tarefa quer iluminando as consciências com o ensinamento e o testemunho, quer estimulando oportunas iniciativas para fazer com que os imigrados encontrem o justo lugar no seio de cada uma das sociedades.

3. Em particular, ela exorta de maneira concreta os migrantes e os refugiados cristãos a não se fecharem em si mesmos, isolando-se do caminho pastoral da diocese ou da paróquia que os acolhe. Ao mesmo tempo, porém, adverte o clero e os fiéis para que não tentem uma simples assimilação deles que anule as suas características peculiares. Ela favorece, antes, a gradual inserção destes irmãos, valorizando-lhes as diversidades para construir uma autêntica família de crentes, acolhedora e solidária.

Para isto, convém que a comunidade local, na qual se inserem os migrantes e os refugiados, ponha à sua disposição estruturas que os ajudem a assumir ativamente as responsabilidades que lhes competem. Nesta perspectiva, do sacerdote designado de maneira específica para o cuidado dos migrantes é requerido que se faça ponte entre culturas e mentalidades diferentes. Isto supõe nele a consciência de desempenhar um verdadeiro ministério, "impelido pelo mesmo movimento que levou o próprio Cristo, na encarnação, a sujeitar-Se às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu" (AG. 10).

O fato, depois, de às vezes a ação apostólica em favor dos migrantes se desenvolver entre desconfianças e até mesmo hostilidades, jamais se pode tornar motivo para

renunciar ao empenho da solidariedade e da promoção humana. A exigente afirmação de Jesus “Era peregrino e recolhestes-Me” (Mt 25, 35) conserva em qualquer circunstância toda a sua força e interpreta a consciência de quantos querem seguir os Seus passos. Acolher o outro não é, para o crente apenas filantropia ou atenção ao próprio semelhante. É muito mais, porque em cada ser humano ele sabe que encontra Cristo que espera ser amado e servido nos irmãos, de modo especial nos mais pobres e necessitados.

4. Jesus, o Filho unigênito que Se fez homem, é o ícone vivo da solidariedade de Deus com os homens. Ele, “sendo rico, Se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer pela pobreza” (2 Cor 8,9). Só uma comunidade cristã atenta realmente aos outros acolhe e põe em prática o testamento deixado por Jesus aos Apóstolos no Cenáculo, na vigília da Sua morte na Cruz: “Assim como eu vos amei, vós também deveis amar uns aos outros” (Jo 13,34). O Redentor pede um amor que seja dom de si, gratuito e desinteressado. Ressoam mais que nunca proféticas, a respeito disso, as palavras de São Tiago que assim escrevia às “doze tribos da diáspora”, isto é, provavelmente aos cristãos de origem hebraica dispersos no mundo greco-romano: “De que aproveitará, irmãos, a alguém dizer que tem fé se não tiver obras? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: “ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos”, sem lhes dar o que é necessário ao corpo, de que lhe aproveitará? Assim também a fé: se não tiver obras, é morta em si mesma” (Tg 2,14-17).

5. É-me grato indicar aqui o luminoso exemplo de um apóstolo, que soube testemunhar, de maneira viva e profética, o amor de Cristo pelos migrantes. Refiro-me a D. João Baptista Scalabrini, que precisamente hoje, 9 de novembro, tive a alegria de proclamar Beato.

Ele viveu, a partir de dentro o drama do êxodo dos emigrantes que nas últimas décadas do século passado, da Europa, se dirigiam em grande número para os Países do Novo Mundo, e viu, com clareza, a necessidade de um cuidado pastoral específico, mediante uma apropriada rede de assistência social. Nesta perspectiva, dando prova de intuito espiritual não menos que de prático sentido concreto, instituiu a “Congregação dos Missionários e das Missionárias de São Carlos”. Além disso, patrocinou com veemência a variedade de instrumentos legislativos e institucionais para a proteção humana e jurídica dos migrantes, contra todas as formas de exploração.

Hoje, em situações sociais certamente diferentes, os filhos e as filhas espirituais de D. Scalabrini, aos quais se uniram sucessivamente como herdeiras do mesmo carisma, as “Missionárias Leigas Escalabrianas”, continuam na sua mesma esteira a testemunhar o amor de Cristo pelos migrantes e a propor-lhes o Evangelho, mensagem universal de salvação. D. Scalabrini sustente com seu exemplo e com sua intercessão quantos, em todas as partes da terra, trabalham ao serviço dos migrantes e dos refugiados.

6. Para oferecer um sólido testemunho cristão neste setor exigente e complexo, é importante “redescobrir o Espírito Santo como Aquele que constrói o Reino de Deus no curso da história e prepara a sua plena manifestação em Jesus Cristo”, (Carta Apostólica *Tertio millennio adveniente*, 45).

Como esquecer que o ano de 1998 é dedicado ao Espírito Santo, cujo papel se revelou de maneira extraordinariamente eficaz no evento do Pentecostes? Na Mensagem para o XVI Dia Mundial da Paz (1983), eu escrevia: a descida do “Espírito Santo fez reencontrar aos primeiros discípulos do Senhor, para além da diversidade das línguas, o caminho real da paz na fraternidade (n.12).

Na antiga Babel, a soberba tinha rompido a unidade da família humana. O Espí-

rito do Pentecostes vem restabelecer com os seus dons a unidade perdida, reconstituindo-a segundo o modelo da comunhão trinitária, na qual as três Pessoas subsistem distintas na indivisa unidade da natureza divina. Todos os que escutavam os Apóstolos, sobre os quais desceu o Espírito, ficavam admirados aos ouvir a palavra de cada um na própria língua (cf At 2,7-11). A unanimidade da escuta, outrora como hoje, não descompõe a diversidade das culturas pois “todas as culturas são um esforço de reflexão sobre o mistério do mundo e, em particular, o mistério do homem é uma maneira de dar expressão à dimensão transcendental da vida humana”. Para além “de todas as diferenças que constituem os indivíduos e os povos há uma *comunidade fundamental*, dado que as várias culturas não são, na realidade, senão modos diversos de enfrentar a questão do significado da existência pessoal” (Discurso à 50a *Assembléia Geral das Nações Unidas*, 5 de Outubro de 1995 n. 9).

O ano do Espírito Santo convida, portanto, os crentes a viverem de modo mais intenso a virtude teologal da esperança, que lhes oferece motivações sólidas e profundas para o empenho na nova evangelização e em favor de quantos, provenientes de Países e culturas diferentes, esperam a nossa ajuda para realizar plenamente as próprias potencialidades humanas.

7. Evangelizar é explicar a todos a razão da nossa esperança (cf. 1Pd 3,15). Nesse dever os primeiros cristãos, embora fossem uma minoria na sociedade, eram empreendedores de maneira audaz. Sustentados pela *parresia* infundida neles pelo Espírito Santo sabiam exprimir com franqueza o testemunho da própria fé.

Também hoje “os cristãos são chamados a preparar-se para o Grande Jubileu do

início do terceiro milênio, *renovando* a sua esperança no *advento* definitivo do Reino de Deus, preparando-o, dia após dia, no seu íntimo, na Comunidade cristã a que pertencem, no contexto social onde estão inseridos” (Carta Apost. *Tertio millenio adveniente*, 46).

O fenômeno da mobilidade humana evoca a imagem mesma da Igreja, povo peregrinante sobre a terra, mas constantemente orientado para a Pátria celeste. Embora nas inúmeras dificuldades que comporta, este caminho evoca o mundo futuro, cuja imagem de perspectiva estimula à transformação do presente que deve ser libertado das injustiças e das opressões em vista do encontro com Deus, meta última de todos os homens.

Confio o empenho apostólico da Comunidade cristã em favor dos migrantes e dos refugiados a “Maria, que concebeu o Verbo encarnado por obra do Espírito Santo e que depois, em toda a existência, se deixou guiar pela Sua ação interior. Ela leva à sua expressão plena o anélito dos pobres Javé, resplandecendo como modelo para quantos se confiam, com todo o coração, às promessas de Deus” (ibid, n. 48). Com solicitude materna Ela acompanhe todos os que trabalham em favor dos migrantes e dos refugiados; enxugue as lágrimas e console aqueles que tiveram de abandonar a própria terra e os seus afetos.

Chegue a todos também o conforto da minha Bênção.

Vaticano, 9 de novembro do ano de 1997, vigésimo de Pontificado.

Joannes Paulus n. II

1. RELEMBRANDO O NASCIMENTO DA FRATERNIDADE DAS IRMÃZINHAS DE JESUS (DO IRMÃO CARLOS DE JESUS)

A Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus — com 58 anos de idade hoje — nasceu no Saara, do coração de uma francesa — Madalena Hutin — cativada por JESUS e impelida a seu seguimento, nos mesmos passos do Irmão Carlos de Jesus (Charles de Foucauld). Em plena época de colonialismo europeu, profundamente marcado pelo Islão, Carlos aprofunda seu caminho de conversão quando “hóspede” desse povo muçulmano ao qual unirá para sempre seu destino. Nessa fé “outra” experimenta a transcendência de Deus, como experimentará no “pobre”, que seu próprio mundo oprimia, sua terrível proximidade: faminto, sedento, nu... (Mt 25, 31-46).

Vinte e três anos depois, com o mesmo coração apaixonado e imenso ardor missionário, Madalena se envereda por igual caminho, sem imaginar que posteriormente lhe seria pedido, pela própria Igreja, ser mãe de uma nova família religiosa. Desafiada a viver, junto aos nômades do deserto, o respeito contemplativo da alteridade na fé, na religião, na cultura... Numa total gratuidade, portanto, sem esperar outro fruto que o que pudesse vir da semente escondida na terra. Sem outro desejo que o de viver com o outro, e o outro pobre-oprimido, a Boa Nova do Evangelho: radicalmente irmãos e irmãs porque filhos e filhas do mesmo Pai. E porque assim foi do agrado d’Ele.

Mas a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus, que nascera exclusivamente para o mundo muçulmano, vai se espalhar, poucos anos depois, pelo mundo afora. Pelos cinco continentes e nos cantos mais vulneráveis, onde a fraternidade humana estivesse mais ferida e sofresse mais particularmente as conseqüências do pecado do mundo:

“Você deverá estar decidida a escolher, antes de tudo, esses postos, os meios mais pobres e abandonados, ‘aqueles para os quais ninguém iria’, populações nômades ou outras minorias desconhecidas ou desprezadas. Deverá procurar no mapa-mundi se não existe em qualquer canto esquecido um punhado de gente que a ninguém interesse, justamente por serem apenas um punhado espalhado num grande espaço de terra inacessível a outras formas de apostolado. É lá que você irá, de preferência, pois talvez, se você não for, ninguém lhes vá contar que Jesus os ama, que sofreu e morreu por eles”¹.

Abrindo-se assim a tantos meios, raças e nações, as Irmãzinhas de Jesus não renunciaram, por isso, à sua intuição inicial — “parte de herança”, dom de Deus — que as ultrapassa ao mesmo tempo que as desafia sempre. Dessa mesma semente é que foram brotando no chão da história novas expressões dessa solidariedade de vida com

1. De Irmãzinha Madalena de Jesus.

os mais pobres e mais abandonados. De modo particular com aqueles que se encontram “fora dos muros” ou que aí são colocados pela sociedade e, quem sabe, pela própria Igreja.

A Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus, à maneira do Irmão Carlos, recebe sua vocação dentro desse desafio da alteridade. Chamada a receber do “outro” algo do segredo de Deus que só ele pode revelar... a receber do “pobre” e do “pequeno” o questionamento evangélico que só ele pode suscitar. Nasce nesse chão, nesse desafio, e fora dele não poderá compreender-se a si mesma. Onde quer que se encontre, permanece “contemplativa” dos mistérios de Deus, convencida de não poder vislumbrá-los fora do mundo, fora da vida concreta dos homens e mulheres que foram empobrecidos e postos no último lugar nesta terra. Em todas as sociedades onde Deus é esquecido e o homem desfigurado.

Consciente de iniciar uma vida religiosa nova e não-convencional, Irmãzinha Madalena se sabe instrumento de algo que a ultrapassa e do qual não pode vangloriar-se. Sabe que se trata simplesmente “de uma concepção diferente, que tenta responder às necessidades de um novo século”². Percorre caminhos ainda não trilhados, deixando que Deus e a vida, feita de buscas e incertezas, vá configurando esse novo perfil: o de uma vida contemplativa cuja clausura é o mundo dos pobres e oprimidos, sua vida, sua luta, sua esperança — e cuja intercessão se faz possível através de uma solidariedade concreta, em seu quotidiano nazareno.

Por tudo isso, Irmãzinha Madalena não hesita em “inserir” essa vida religiosa não só em meio muçulmano, mas em todas as “favelas” do mundo, no Oriente e no Ocidente, no Norte e no Sul. Pequenas comunidades de três ou quatro, que podem mais facilmente, por sua leveza de estrutura, ser

nômades não somente no deserto do Saara, mas também nas caravanas dos circos, dos Ciganos, dos Feirantes, — integrar uma aldeia indígena — penetrar em meio de acesso mais difícil como as vítimas da prostituição, etc. Não estando comprometidas com obras organizadas, podem viver de seu próprio salário, segundo o contexto onde vivam: trabalho operário, rural, artesanal, etc.

A fraternidade das Irmãzinhas de Jesus foi portanto desde sempre “inserida”, não concebendo seu lugar senão nesse chão dos pobres e oprimidos deste mundo que ainda não é um mundo de filhos e de irmãos... Solidárias, portanto, em seu ser profundo e em sua vida quotidiana: casa, bairro, trabalho e, se Deus assim permitir, na sorte e no destino... querem, na gratuidade do amor, entregar-se a uma vida de adoração e de intercessão, carregando de modo particular o grito dos pobres.

“Contemplativas no meio do mundo”, como sempre expressou Irmãzinha Madalena de Jesus, as Irmãzinhas nasceram “inseridas”. Confrontadas também desde o nascimento aos outros na fé e na religião, aos diferentes na cultura, sempre se sentiram desafiadas a ir ao encontro destes até na intuição profunda que os põe em contato com Deus. Desafio de inculturação — que ainda não receberá esse nome... — que nunca chega ao fim porque é feito de conversão contínua aos segredos de Deus, que só um olhar humilde, respeitoso e contemplativo pode perceber. “Tu estás no meio de nós como o pobre”... ouviu de um amigo muçulmano o Irmão Carlos de Jesus... Confirmação de sua vocação, graça que só pode ser concedida a um coração que se faça pobre e humilde, para que Deus possa nele completar sua obra.

Fraternidade do Morro da Mangueira
Irmãzinha Therezinha de Jesus

2. De Irmãzinha Madalena de Jesus

2. MENSAGEM FINAL DO 7º ENCONTRO NACIONAL DE PRESBÍTEROS

Prezado irmão presbítero!

Que o Deus da Paz te acompanhe ao longo do caminho!

"AINDA TENS LONGO CAMINHO A PERCORRER" (1 Rs 19,7)

Atentos ao chamado dirigido por Javé ao Profeta Elias, conscientes de que também nós ainda temos longo caminho a percorrer, proveniente de 213 dioceses, formamos uma assembléia de 450 pessoas, contando os presbíteros delegados, bispos, convidados, assessores e assessoras, para participar do VII Encontro Nacional de Presbíteros. Contamos com a presença amigável do vice-presidente e do secretário da CNBB, de dois bispos do Peru e um presbítero do Uruguai. Dedicados e eficientes assessores nos ajudaram a analisar o caminho em que nos encontramos, a vislumbrar o futuro e a propor pistas de ação. Valeram a pena os dois anos de preparação em nossas dioceses e regionais. Os estudos que fizemos a partir do Documento Preparatório "Presbíteros rumo ao novo milênio" nos ajudaram a entender e assumir melhor nossa missão de presbíteros nesta passagem de milênio. Aqui partilhamos alegrias e sofrimentos do nosso ministério presbiteral. Contemplamos o longo caminho percorrido pelos presbíteros do Brasil, desde 1969 — ano da criação da CNC até hoje. Recordamos os avanços conquistados, as mudanças havidas, os sonhos acalentados mais ainda não realizados. Percebemos que, nestes quase trinta anos, foi se formando entre nós um clero mais jovem, mais diocesano e mais brasileiro. O retiro espiritual e as celebrações criativas e inculturadas foram momentos fortes de encontro com o Deus vivo e com os irmãos e irmãs e nos ajudaram a vislumbrar, com mais clareza, o longo caminho à nossa frente.

"AINDA TENS LONGO CAMINHO A PERCORRER"

Não conformados com o mundo presente, voltamos nosso olhar crítico de pastores para as conseqüências sociais do modelo econômico neoliberal que se apresenta como absoluto, exigindo sem misericórdia o sacrifício de tantas vítimas e aumentando o número dos excluídos: desempregados, agricultores sem terra, crianças sem escola, doentes sem acesso à saúde, idosos sem aposentadoria digna... Vimos que o Estado se deixa dominar por essa ideologia, criando condições institucionais que favorecem as elites dominantes e descomprometendo-se com as necessidades sociais do povo. Vimos que este modelo econômico tem os meios de comunicação a seu serviço e tenta convencer toda a população de que ele é bom e irreversível. Percebemos, porém, diante do único Senhor da história, que nenhuma maré histórica é absoluta e irreversível. A maré neoliberal já está perdendo a força em muitos países. É urgente que nós como presbíteros de uma Igreja servidora dos pobres, em um país de tantas contradições sociais, tomemos posição crítica e convincente contra esse modelo.

"AINDA TENS LONGO CAMINHO A PERCORRER"

Voltamos também nosso olhar para nossa própria realidade eclesial e ministerial. Vimos que muitos sonhos, embalados pela renovação proposta pelo Concílio Vaticano II, pelas Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, pelas Comunidades Eclesiais de Base, pelas experiências de uma Igreja toda ministerial, pelo protagonismo dos leigos e pelos movimentos populares e religiosos, parece que foram engolidos pela força de algumas es-

truturas da Igreja e por novas conjunturas eclesiais e eclesiológicas, políticas e econômicas. Como os discípulos de Emaús, “nós pensávamos que...” (Lc 24,21).

“AINDA TENS LONGO CAMINHO A PERCORRER”

Neste encontro, aprendemos a contemplar toda esta realidade política, econômica, social e eclesial, com olhos pascais, o olhar do Cristo Ressuscitado. Ouvimos Paulo a nos dizer: “não vos conformeis com o mundo presente” (Rm 12,2). Sentimo-nos chamados a cultivar uma espiritualidade na perspectiva das opções do Reino, no seguimento de Jesus, com o coração voltado para as misérias, um coração forte mesmo em meio aos conflitos. Reconhecemos que, para fazer frente a esta realidade, o Projeto de Evangelização “Rumo ao Novo Milênio” tem sido um dom de Deus para nós presbíteros e nossas comunidades. Ele nos está dando um sentido maior de unidade eclesial, de identidade católica, de serviço libertador e de missão evangelizadora. Esperamos que a intensificação das atividades, ao redor do Projeto, nos leve todos a colaborar para termos, nos albores do novo milênio, uma Igreja renovada. Uma Igreja que favoreça a experiência pessoal e comunitária do encontro com o Deus vivo, que anuncie com mansidão e coragem a Palavra transformadora e libertadora de Deus, que acolha todas as pessoas, sem guiar-se por preconceitos e discriminações. Uma Igreja misericordiosa que ampare com carinho os excluídos e marginalizados, empenhando-se por sua libertação e por sua inserção na sociedade. Uma Igreja que mantenha viva a chama da esperança, em meio às lutas de nosso povo, contra os deuses da morte e a idolatria do mercado.

“AINDA TENS LONGO CAMINHO A PERCORRER”

Por tudo isso, propusemo-nos a viver nosso ministério presbiteral com novo entusiasmo. Apoiamos com vivo ânimo a proposta do Documento Preparatório de criar ou dinamizar a Pastoral Presbiteral em nossas

dioceses. Entendemos que nós presbíteros, pela importância de nosso trabalho, precisamos de maior atenção. Sugerimos que haja, em cada diocese, uma equipe de presbíteros e leigos/as que se dediquem à assistência e ao acompanhamento dos presbíteros em geral e, sobretudo, dos que se encontram em situação difícil. Cabe a essa Pastoral o cuidado com a espiritualidade, a saúde física e psico-afetiva, a substância e a formação permanente dos presbíteros e o incentivo da solidariedade e da fraternidade entre nós.

“AINDA TENS LONGO CAMINHO A PERCORRER”

Convidamos os irmãos presbíteros de todo o Brasil a refundarmos na Bíblia, na Tradição viva da Igreja e na vida do povo, o nosso ministério e espiritualidade. Queremos ser homens de relações, capazes de diálogo com todos, antecipadores de acontecimentos, inspiradores, competentes e esperançosos, cheios e criadores de esperança. Superando o vício da competição vingadora, queremos cultivar a virtude da humildade servidora. Em vista de um ministério mais fecundo e de uma nova imagem do presbítero do terceiro milênio, nos propomos a ser líderes que apóiam o caminho, incentivam a colaboração e encorajam os corações.

“AINDA TENS LONGO CAMINHO A PERCORRER”

Precisamos ter coragem e sabedoria para denunciar a idolatria do mercado que causa a morte de tanta gente. Temos que ser criativos na linguagem e nos métodos para anunciar e testemunhar o Deus criador e salvador que quer vida e abundância para todos. Devemos trabalhar na formação de cidadãos comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e solidária. O apoio à Reforma Agrária e o empenho para que as eleições deste ano manifestem a voz sofrida e esperançosa do povo serão sinais de nosso ministério profético. É fundamental que aproveite-

mos a 3ª Semana Social Brasileira como meio de evangelização é de conscientização sobre o resgate das dívidas sociais. A caminhada de preparação para o X Encontro Intereclesial de CEBs, a ser realizado no ano 2000, é uma oportunidade única de retomada dos grandes ideais de uma Igreja que espelhe mais a Santíssima Trindade, que promova mais comunhão e participação e que congregue os pobres na fé em Deus salvador e libertador.

"AINDA TENS LONGO CAMINHO A PERCORRER"

Ao chegarmos em Itaici, recebemos a notícia de que nosso amigo, Pe. Manoel Valdery da Rocha, presidente da Comissão Nacional do Clero, que deveria presidir o Encontro, estava hospitalizado, em situação grave, por causa de um acidente sofrido dias antes. Acompanhamos solidários sua dor e sofrimento. Sentimos que seu sacrifício rendeu frutos preciosos para o Encontro. Contamos, durante estes dias, com a bênção do Papa que, em resposta a nosso fax, nos

escreveu, invocando "abundantes luzes do alto para que todos os sacerdotes, como fiéis dispensadores da graça de Deus, anunciem, com renovado ardor missionário, a Jesus Cristo, 'o mesmo ontem, hoje e sempre'".

"AINDA TENS LONGO CAMINHO A PERCORRER"

Conclamamos a todos os irmãos presbíteros a permanecerem unidos na caminhada da Comissão Nacional do Clero e das Comissões Regionais de Presbíteros, pois é longo o caminho que temos a percorrer a fim de que Javé vença Baal e todo o povo possa regozijar-se com sua fé no único e verdadeiro Deus. Nos encontros de preparação e neste VII Encontro Nacional de Presbíteros, cada um de nós ouviu ressoar em seus ouvidos o insistente convite, que hoje e sempre é dirigido também a ti.

"AINDA TENS LONGO CAMINHO A PERCORRER"

3. EXTRAÍDO DA CARTA MENSAGEM DA ASSEMBLÉIA DO COMINA

A Assembléia Nacional do COMINA (Conselho Missionário Nacional), realizada em Brasília de 06 a 09 de novembro de 1997, reuniu representantes dos Conselhos Missionários Regionais (COMIREs), os leigos missionários, a CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), a imprensa missionária, as POM (Pontifícias Obras Missionárias), o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), o CONIC (Conselho Nacional das Igrejas Cristãs), a Infância Missionária e outros convidados, sob a presidência de Dom Erwin Krautler. A temática desta Assembléia pode ser assim expressa:

— Continuidade das Prioridades e Compromissos do COMLA 5;

- a nossa participação no PRNM (Projeto Rumo ao Novo Milênio), querido pelo Papa e promovido pela CNBB;
- a celebração do jubileu de prata do COMINA;
- um olhar sereno e ao mesmo tempo perspicaz sobre o passado, o presente e o futuro da missão;
- a busca de alternativas para a Missão Universal da Igreja nas concretas situações de nosso País e além-fronteiras;
- um associar-se também aos 25 anos de fundação do CIMI e aos 15 anos do CONIC, festejando juntos.

A nossa primeira e mais forte palavra vai, certamente, aos missionários e missionárias que, nestes tempos belos e desafiadores, fazem de suas vidas doação e missão, portadores que são da Boa Nova de Jesus, lá onde o Pai os chamou e conduz com sua mão amorosa. "Cumprí vossa missão" (2Tm 4,5).

Ao celebrarmos os 25 anos de criação do COMINA, olhamos com carinho e atenção para os tantos frutos nascidos e crescidos nas comunidades cristãs e nos vários níveis de articulação da Igreja no Brasil. Entre tantos destes frutos, destacamos:

1. O aprofundamento do conceito de missão e sua apropriação por sempre mais cristãos leigos(as), consagrados(as) e ordenados, com a conseqüente multiplicação de equipes e projetos missionários aqui e no exterior.
2. O surgimento de organismos e serviços voltados à animação, organização, formação e cooperação missionária geradores de núcleos regionais e/ou nacionais de apoio e impulso às tantas iniciativas nesse campo que está no coração da Igreja.
3. Os muitos e significativos eventos (os COMLAs 4 e 5) os Mini COMLAs acontecidos nas Dioceses, Regionais e em nível nacional e continental, suscitando a mística da missão e nova consciência do compromisso missionário.

Diante destes e outros sinais da vitalidade da missão da Igreja, queremos também professar:

1. Jesus Cristo é o princípio e o fim da missão para a glória de Deus Pai e que o Kerigma, a obra e a pessoa do Mestre da Galiléia, são o único conteúdo válido para as nossas vidas e toda humanidade.
2. As comunidades cristãs e as estruturas da Igreja, para além de suas limitações, são sempre de novo convocadas pelo próprio Senhor da Messe, que as conduz com Sua graça e misericórdia, a serem serviço e testemunho, diálogo e anúncio da Boa Nova.

3. A missão Ad Gentes, entendida como um êxodo permanente, no bojo das exigências da inculturação do Evangelho é o argumento principal da catolicidade da Igreja e universal oferta da salvação.

Movidos pelo Espírito que a tudo e a todos vivifica, fundados na fé e na esperança, arraigados na caridade, entendemos como importantes as seguintes propostas de ação:

1. A criação de um organismo nacional para a missão no exterior, articulado pela CNBB, CRB e POM, com a finalidade principal de: coordenar os esforços na captação de recursos humanos e materiais; auxiliar os leigos/as missionários/as, famílias religiosas e as Igrejas Particulares a participarem mais efetivamente de projetos missionários.

Para isto, é importante aproveitar os missionários(as) que voltam ao nosso País para uma maior tomada de consciência do fazer missionário da Igreja.

2. Tornar as missões populares, em sua perspectiva de animação e evangelização inculturada, um projeto a ser difundido. Estas missões populares, dentro da mística da Nova Evangelização, não só criam novo ardor nos missionários, como abrem horizontes mais abrangentes para a evangelização, proporcionando o protagonismo dos leigos — adultos, jovens e crianças.
3. Buscar sempre mais alternativas de animação, organização, formação e cooperação missionária, seja através dos COMIREs, COMIDIs, COMIPAs, etc., seja no esforço permanente de valorização da imprensa missionária e presença sempre maior nos MCS, seja no fortalecimento dos organismos e serviços missionários já existentes.

Nada disso terá valor e sentido, se não estivermos envolvidos pela membrana da mística missionária, isto é, pela convicção profunda de que:

1. Somos chamados todos a trabalharmos como mensageiros itinerantes da Boa Nova, no confronto das tantas e tão inusitadas fronteiras que o COMLA 5 nos lembrava (étnicas, econômicas, políticas, culturais e religiosas).
2. O que nos caracteriza é o fato de procurarmos viver em íntima união com o Deus de Jesus, bebendo na dupla fonte da Palavra e da Eucaristia, sensíveis aos novos sinais dos tempos.

Lembrando as palavras do Papa João Paulo II, trazidas aos nossos atentos ouvidos por Dom Luciano Mendes de Almeida, queremos ver fecundar a missão no terreno propício das comunidades eclesiais,

a partir da opção preferencial pelos pobres, paradigma da prática missionária de Jesus, os preferidos do Deus de todas as libertações. A comunhão missionária abarca, inclui e globaliza esta opção pelos pobres.

Por fim, não podemos deixar de pedir a todos os missionários e missionárias, animadores e promotores da missão e a todos os corações generosos: Vivamos na esperança dos filhos amados de Deus, como Maria, Mãe da Esperança, com aquela expectativa de novos céus e novas terras, construídos desde agora pela ação do Espírito e o labor de nossas mãos.

Brasília, 09 de novembro de 1997

4. TESTEMUNHA CORAJOSA DA FÉ

«A sua existência foi um verdadeiro cântico de louvor ao Deus da vida»

A cerimônia de despedida do saudoso Cardeal Eduardo Francisco Pironio, falecido na manhã do dia 5 de fevereiro de 1998, constituiu a derradeira expressão de agradecimento da Igreja universal ao valoroso testemunho de fé e à dedicação apostólica deste grande batalhador da causa de Deus a serviço da Igreja.

Na manhã de sábado, 7 de fevereiro, o Santo Padre presidiu no altar da Catedral, na Basílica Vaticana, à solene Missa exequial em sufrágio pelo Purpurado falecido. Concelebraram com o Papa vinte e sete Cardeais.

No dia 10 de fevereiro o corpo do Cardeal Pironio foi transportado para o Santuário de Nossa Senhora de Luján, na Argentina, onde foi sepultado.

Excertos da homilia do Papa, na qual é comentado o «Testamento espiritual» do ilustre filho da Igreja e da Argentina:

“O Cardeal Eduardo Francisco Pironio foi testemunha daquela fé corajosa que sabe confiar em Deus mesmo quando, nos desígnios misteriosos da sua Providência, Ele consente a prova.

Sim, este nosso venerado Irmão acreditou com fé inquebrantável nas promessas do Redentor. Com estas palavras inicia o seu Testamento espiritual: «Fui batizado no nome da Santíssima Trindade; acreditei firmemente n’Ela, pela misericórdia de Deus; saboreei a Sua presença amorosa na pequenez da minha alma... Agora entro na “alegria do meu Senhor”, na contemplação direta, “face a face”, da Trindade. Até agora “peregrinei de longe rumo ao Senhor”, agora “vejo-O como Ele é”. Sou feliz. Magnificat!».

Aprendera a sua fé no regaço da mãe, mulher de formação cristã firme, embora simples, que soube imprimir no coração dos filhos o genuíno sentido evangélico da existência.

A sua existência foi um cântico de fé ao Deus da vida. Diz ainda ele no seu Testamento espiritual: «Como é belo viver! Tu nos fizeste, Senhor, para a vida. Amo-a, ofereço-a, espero-a. Tu és a Vida, como sempre foste a minha Verdade e o meu Caminho».

Ele testemunhou a sua fé na alegria: alegria de ser sacerdote e desejo constante de «comunicá-la aos jovens de hoje, como o meu melhor testamento e herança», como ele mesmo deixou escrito. Alegria de servir o Evangelho, nas várias e onerosas tarefas que lhe foram confiadas.

Aqui em Roma ele continuou com o estilo pastoral de sempre, manifestando um acentuado amor pela Vida Consagrada e pelos leigos, em particular pelos jovens. No seu “Testamento espiritual” escreveu: «Como amo os religiosos, as religiosas e todos os leigos consagrados no mundo! Como invoco Maria Santíssima por eles! Como ofereço hoje, com alegria, a minha vida para que sejam fiéis!... Amo-os intensamente, abraço-os e abençôo-os». E acrescenta: «Rendo graças a Deus por ter podido consumir as minhas pobres forças e talentos na dedicação aos caríssimos leigos, cuja amizade e testemunho me enriqueceram espiritualmente».

Como esquecer a grande contribuição por ele dada às celebrações das Jornadas Mundiais da Juventude? Desejaria prestar aqui publicamente um cordial agradecimento a este Irmão, que me foi de grande ajuda no exercício do ministério petrino.

Esta sua incessante cooperação tornou-se ainda mais apostólica nestes seus últimos anos, marcados pela doença. O apóstolo Pedro falou-nos há pouco do «valor da fé, muito mais precioso que o ouro», e recordou-nos que não nos devemos maravilhar se

somos submetidos à prova, dado que aquele metal, «embora perecível, contudo é provado pelo fogo» (1Pd 1,7). A fé do Cardeal Pironio foi provada duramente no crisol do sofrimento. Minado no físico por uma grave enfermidade, soube aceitar com resignação e paciência a pesada prova que lhe era pedida. A respeito desta sua árdua experiência, deixou escrito: «Agradeço ao Senhor o privilégio da cruz. Sinto-me extremamente feliz por ter sofrido muito. Só me desagrada não ter sofrido bem e não ter saboreado sempre em silêncio a minha cruz. Desejo que, pelo menos agora, a minha cruz comece a ser luminosa e fecunda».

E no ocaso da sua existência, soube haurir ainda da fé aquele otimismo e aquela esperança que caracterizaram a sua vida inteira. «Todos são Vossos, ó Senhor, que amais a vida» (Sb 11, 26), gostava de repetir, e o seu lema cardinalício era como que o seu sigilo: «Cristo, em Vós, esperança da glória».

Ao terminar os dias, quando já era tempo de içar as velas para a última viagem, escrevia no seu “Testamento”: «Abraço todos verdadeiramente de coração pela última vez, no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Deponho todos no coração de Maria, a Virgem pobre, contemplativa e fiel. Ave Maria! A ela peço: “Depois deste exílio mostra-nos Jesus, o fruto benedito do teu seio!”».

Queira a Mãe de Deus acolhê-lo entre os seus braços e introduzi-lo na morada eterna, que o Senhor prepara para os Seus servos fiéis.

E tu, caro Irmão, repousa em paz!”

(*Extraído de L'Osservatore Romano*
— nº 7 — 14/02/98, p. 4)

MEDELLÍN, TRINTA ANOS DEPOIS

Pe. J. B. Libanio, SJ
Belo Horizonte, MG

Medellín, como fato histórico, pertence ao passado.

No entanto, tornou-se para a Igreja da América Latina e até para simples cidadãos do continente, uma bandeira e um símbolo.

Toda uma geração de Igreja já ouve falar de Medellín, como fato perdido nas brumas do passado. São trinta anos de distância. Aqueles, que lá estiveram construindo o acontecimento, em grande parte, já partiram para a terceira margem da existência. Paulo VI era o papa de então. Foi, aliás, o primeiro papa da história da Igreja a pisar nosso Continente latino-americano. O cardeal Avelar, que presidiu à Conferência, também nos deixou faz anos. E assim muitas das figuras de destaque já não estão entre nós.

As testemunhas vivas, quer do próprio evento, quer daquele período ebuliente de Igreja, necessitam ir passando para as novas gerações a memória do vivido. E a trinta anos de distância, tem-se visão bem diferente da relevância desse evento. Alguns pontos sonhados concretizaram-se. Outros iniciaram uma trajetória interrompida. Outros nem sequer decolaram. Assim é a história humana.

É sabido que a intenção de Paulo VI era convocar uma conferência do episcopado latino-americano para aplicar o Concílio ao nosso continente. Como Padre Conciliar na Primeira Sessão e depois como Papa nas demais, terá percebido, com sua inteligência sagaz, a defasagem entre os ensinamentos do Concílio e a consciência média dos bispos da América Latina. Eram, sem dúvida, homens zelosos e dedicados, mas alheios à problemática teológica que se agitara no Concílio. E agora, que fazer para que o Concílio se tornasse uma realidade nesse Continente de fé?

A América Latina necessitaria de um pequeno Concílio de internalização do grande Concílio. Medellín foi pensado para tanto. "Os homens propõem, Deus dispõe". Aquilo, que deveria ter sido uma Assembleia de mera apropriação latino-americana dos ensinamentos conciliares, resultou uma interpretação criativa. Ultrapassou, em alguns pontos, de maneira absolutamente surpreendente, o próprio Concílio. Vai marcar indelevelmente a Igreja do Continente, teológica e pastoralmente.

A herança de Medellín é muito rica. Na estreiteza do espaço desse artigo, retomamos somente três elementos. Um primeiro diz respeito ao fato maior da libertação. Um segundo se refere à educação. Tema que se faz atual com a Campanha da Fraternidade de 1998. E a terceira herança visa ao público primeiro da Revista, os religiosos. Processo de Libertação, educação libertadora, vida religiosa inserida são heranças de Medellín. E hoje?

1. DO DESENVOLVIMENTO À LIBERTAÇÃO

Medellín começou falando do “desenvolvimento integral”, assumindo a linguagem da “*Populorum progressio*” de Paulo VI¹. Os anos de 50 tinham agitado toda a América Latina com a teoria do desenvolvimento. O Brasil, de modo especial, embalara-se nessa perspectiva sob a batuta generosa e entusiasta do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira².

No horizonte, estavam os países desenvolvidos, que antes tinham sido subdesenvolvidos como nós. E alcançaram um estágio de desenvolvimento invejável. Cábiamos, encetar o mesmo processo, fazendo, como se dizia então, o “take off” do desenvolvimento. Nada melhor do que aprender deles como romper as barreiras do atraso e entrar de cheio no progresso.

Dentro do esquema capitalista, aconselhavam-se então como fatores de crescimento econômico: capital, mercado e tecnologia. E a maneira como conseguí-los era abrir-se às empresas transnacionais que possuíam esses três ingredientes simultaneamente. Na verdade, dispunham de gigantescos capitais ociosos que poderiam ser investidos em nosso Continente. O ciclo do milagre econômico na Europa e o grande salto de crescimento dos EE. UU. já davam folga para investir-se em outros países. As corporações transnacionais tinham, ademais, alcançado acentuado avanço tecnológico e poderiam transferir algumas dessas tecnologias para nossos países mais atrasados. E finalmente, mesmo que

os países pobres da América Latina não tivessem mercado suficiente para os produtos, elas se encarregariam de colocá-los em qualquer parte do mundo. Estava resolvido o quebra-cabeça do progresso. Era só começar.

E de fato, alguns países lançaram-se nessa aventura. Depois de certo tempo, teóricos da CEPAL, sediados no Chile, elaboraram trabalhos, revelando o engodo de tal projeto. E constatavam que sua execução tinha trazido algum progresso para certos setores e áreas, mas que, em última análise, tinha aumentado a miséria extensiva e intensiva de grupos humanos. Mais. As regiões de um país criaram situações de dependência entre si, e esses países com os países centrais desenvolvidos. Nesse contexto propuseram nova teoria explicativa do fenômeno a partir do binômio “dependência” e “libertação”³. Estava armada a plataforma para Medellín, que se realizaria um ano depois.

A face libertadora de Medellín expressiu-se fundamentalmente na “opção pelos pobres”⁴. A teologia e pastoral da Igreja da América Latina já não se entenderá fora de tal perspectiva, mesmo que as realizações concretas tenham ficado muito aquém do ideal proposto. Na linha do discurso, a “opção pelos pobres” domina o cenário eclesial. Impor-se-á de tal maneira que foi além do nosso Continente, influenciando, — coisa admirável! — o próprio discurso da Igreja oficial universal. Outros continentes reagirão, a seu modo, ao espriar-se de tal tomada de posição da Igreja latino-americana.

1. O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo” (Paulo VI, *O desenvolvimento dos povos: carta encíclica Populorum progressio*, Petrópolis, Vozes, 11/1979).

2. R. Maranhão, *O governo Juscelino Kubitschek*, São Paulo, Brasiliense, 1981. O autor refere-se, posto que criticamente, aos êxitos inegáveis, do ponto de vista de crescimento, do Programa de Metas do Governo Kubitschek: p. 63.

3. F. H. Cardoso - E. Faletto, *Dependência e desenvolvimento na América Latina. Ensaio de interpretação sociológica*, Rio, Civilização Brasileira, 1970.

4. Cl. Boff - J. Pixley, *Opção pelos pobres*, Petrópolis, Vozes, 1986.

Essa formulação receberá mais tarde certa eufemização com adjetivos e advérbios em Puebla, em outros documentos e intervenções do magistério. Contudo, permaneceu como uma constante e um ponto de referência necessário e principal do espírito de Medellín.

A forma eclesial, que permitiu à Igreja viver mais perto do pobre e tornar-se, em parte, uma Igreja dos pobres, foram as comunidades eclesiais de base (CEBs). De maneira ainda incipiente em relação a um milênio de Igreja clerical e centralizada, as CEBs constituem uma experiência eclesial em que o leigo pobre assume seu papel de sujeito especialmente por meio de novos ministérios e da leitura popular da Escritura nos Círculos Bíblicos.

E finalmente, no mesmo conjunto de idéias insere-se a teologia da libertação, um dos frutos mais suculentos de Medellín⁵. Vai ser a forma teológica de pensar a libertação dos pobres e a Igreja das CEBs. Na história da teologia, ela talvez tenha sido a teologia que em menos tempo conseguiu alcançar uma irradiação tão ampla não só no Continente da América Latina como fora e provocar reações ambivalentes das próprias instâncias romanas⁶.

Resumindo esse primeiro ponto de Medellín, temos um horizonte maior — a libertação —, um sujeito privilegiado — os pobres —, uma forma eclesial nova — as CEBs e um modo novo de fazer teologia — a teologia da libertação. Até aqui a memória.

Hoje a situação é bem diferente. Ninguém crê nem no desenvolvimentismo nem

também na teoria da dependência. Os termos são outros: globalização, desestatização, flexibilização, abertura do mercado, ajustes financeiros, privatização, etc. E então surge a pergunta: as intuições de Medellín ainda podem iluminar-nos o momento presente?

Evidentemente já não mais com os elementos subjacentes da teoria da dependência. Esta sofreu as críticas e revisões necessárias⁷. O espírito de Medellín continua vivo no seu duplo olhar de denúncia e anúncio. As denúncias antes visavam às explorações decorrentes da dependência. Hoje a mais formidável exploração é não poder ser explorado, porque excluído. Não dizia ironicamente um empresário: "Como é que pretendem afirmar que os exploramos, se nem sequer nos interessa que trabalhem para nós?"⁸

A exclusão é a rejeição que um sistema social faz de indivíduos ou grupos que teriam direito de estar nele integrados. Sempre houve exclusão ao longo da história humana, desde aquele filho expulso de casa ou crianças sem escola ou hereges excomungados das igrejas até a atual e mais cruenta exclusão econômica. A exclusão faz parte da lógica social dos sistemas. Eles incluem quem lhes interessa e excluem quem não lhes serve.

O processo é ambivalente e até mesmo ambíguo. A mesma sociedade que exclui, cria instituições de integração de seus excluídos. Mas a meio caminho. Só, em casos extremos, os exclui definitivamente, condenando-os à morte. A exclusão da vida é a última e radical.

5. G. Gutiérrez, *Teologia da libertação. Perspectivas*. Petrópolis, Vozes, 1975 (CEP, Lima, 1971).

6. Congregação para a Doutrina da fé, *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*, São Paulo, Loyola, 1984; id., *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação*, São Paulo, Loyola, 1986.

7. F. H. Cardoso, *Teoria da dependência ou análises concretas de situações de dependência*, in Estudos 1, CEBRAP, São Paulo, 1979; J. Comblin, aponta as deficiências e insuficiências dessa teoria: 1) falhas próprias de toda teoria estruturalista que só explica porque o desenvolvimento não é possível, mas não como ele é possível; 2) ela falhou na explicação da realidade brasileira da década de 70; 3) o subdesenvolvimento não pode ser reduzido unicamente à economia: J. Comblin, *Théologie de la pratique révolutionnaire*, Paris, éd. Universitaires, 1974: 123ss.

8. H. Assmann, *Crítica à lógica da exclusão. Ensaio sobre economia e teologia*. São Paulo, Paulus, 1994: 5.

Os caminhos intermédios de exclusão-inclusão são intrigantes. O criminoso, pela contravenção, é excluído do convívio humano. Mas é incluído no sistema carcerário. O mentecapto vê-se excluído das relações normais da sociedade, mas é inserido no sistema psiquiátrico, nalgum manicômio. É uma inclusão, que tem muito de exclusão. O conceito de exclusão e inclusão tem certa ambigüidade e de difícil conceituação, já que é relacional. Depende da realidade em relação à qual se entende.

Quanto mais totalizante é uma instituição, tanto mais pesada é exclusão. Assim, quando a Igreja católica penetrava todos os rincões da vida social na Idade Média e, mesmo depois, em certas geografias, a excomunhão soava como a mais terrível exclusão. Aí estão as histórias das bruxas, dos guetos, das fogueiras da Inquisição.

À medida que a sociedade se diversificou, o peso da exclusão religiosa diminuiu. Assim, na sociedade moderna, se alguém é excluído de um setor da vida social, pode refugiar-se e viver em outro. No entanto, com o crescimento do capitalismo, na sua forma neoliberal e globalizada, a instituição do mercado se torna onipresente e onipotente. Ela decide o grau de exclusão de alguém. Portanto, a nova exclusão consiste no fato de que o mercado se arvorou em "instituição total" e ser excluído dele é ser condenado a viver fora do fluxo humano.

Antigamente estar fora do mercado não tinha a gravidade excludente de agora. Podia-se viver fora ou à margem dele à base de uma economia de sobrevivência, sobretudo de natureza agrícola. Esta tende a desaparecer por se tornar até mesmo inviável. A urbanização gigantesca acabou com a massa rural que vivia desta sorte.

Hoje estar fora do mercado é estar fora de tudo. É a grande exclusão. Os bens mais comezinhos como energia, água, habitação, serviços básicos vêm pelo mercado. A exclusão do mercado é a exclusão fundamental.

Evidentemente, há graus de inserção ou exclusão em relação ao mercado. Por aí se mede a gravidade da exclusão. Em grau extremo de exclusão, temos quem vive sem teto do lixo da cidade. Símbolo atroz da exclusão. Não participa de nenhum fluxo de mercado. Não compra, nem vende nada. Não interfere em nada na vida econômica.

Voltando à pergunta anterior. E Medellín que tem a dizer sobre essa situação? Aquela intuição, que Medellín desenvolveu a respeito da opressão com a proposta de libertação no final da década de 60, permite abrir nova perspectiva de compreensão das relações humanas. Se a exclusão é o fato maior a ser denunciado, a solidariedade é a luz de esperança a ser anunciada.

Como Medellín descobriu no não-homem pobre e oprimido sua dignidade humana, fonte libertadora para a pessoa e fator agregador de movimentos sociais, assim a perspectiva cultural, hoje mais acentuada, permite superar a compreensão do excluído econômico como o totalmente excluído da vida humana.

De novo, a partir do exemplo máximo de exclusão do catador de lixo, um olhar, iluminado pela antropologia e pela fé cristã, consegue entendê-lo sob outra luz. De fato, o gigantesco interdito econômico sobre o catador de lixo não impede que ele produza, se não bens materiais, certamente bens culturais, afetivos, humanos. E isso é uma realidade positiva que impede que ele seja um excluído total. A consideração econômica é redutiva da existência humana.

O primeiro gesto é, portanto, de protesto contra o fato de reduzir o ser humano a seu valor de mercado. Mas faz-se mister um segundo momento de anúncio. Pois, o fato da exclusão do mercado é uma agressão à dignidade humana do catador de lixo. Ele tem todo o direito de viver no seio da sociedade. Desde a sua dignidade de ser humano e de criador de cultura, nasce o anúncio de solidariedade. É nova face da libertação.

A solidariedade concretiza-se em ações esporádicas e necessárias para obviar situações humanas graves, tais como certas campanhas de arrecadação de alimentos ou de outros bens materiais para momentos de crise ou de catástrofes.

Entretanto, está em jogo algo mais profundo. Trata-se de criar uma "cultura da solidariedade". Quando se diz cultura, quer-se ir muito mais longe do que fazer simples gestos isolados de ajuda aos irmãos carentes. Cultura oferece-nos uma representação da realidade, permite que percebamos o significado das realidades que nos envolvem.

Com a cultura da solidariedade, o sentido de nossas relações, de nossos gestos, dos símbolos, que nos cercam, já não é de promover o próprio lucro, de defender ferrenhamente o nosso interesse solitário de indivíduo, mas de criarmos laços entre as pessoas, de vincularmo-nos aos mais necessitados para que disponham das mesmas oportunidades do que nós, enquanto dependa de nós.

A cultura ilumina a vida social de modo que ela não seja um caos, um absurdo, mas inteligível. Se a solidariedade se constituísse em cultura, todo gesto in-solidário perderia plausibilidade, enquanto os gestos solidários, por sua vez, gozariam de acatamento geral. A cultura cria os arranjos de vida em que vivemos os valores universais de maneira concreta. Uma cultura da solidariedade organizaria bem diferentemente o concreto de nossa vida para que esse valor universal pudesse ser vivido por toda a sociedade.

Numa palavra, a cultura nos batalha do levantar-nos pela manhã até o ir deitar-nos pela noite, do consciente reflexo e decidido até o mais profundo do inconsciente. Com a solidariedade-cultura tanto as decisões livres e conscientes, como os desejos arquetípicos e os sonhos ancestrais assumiriam outra configuração.

Se Medellín criou a partir do final da década de 60 o imaginário da libertação, que cavalgou por todo o continente, seu novo sonho deve ser o horizonte da solidariedade, convocando não só as igrejas, nas suas macro-estruturas e nas comunidades de base, como também o cidadão comum das nossas sociedades a construir esse novo imaginário da solidariedade.

Na prática, isso trará tarefas concretas para todos conforme suas possibilidades de ação. Implicará uma nova concepção do Estado, deixando os modelos arcaicos do paternalismo, do providencialismo, do clientelismo, da proteção dos poderosos, para uma função mais decidida e firme, embora menos extensa, no campo das necessidades sociais e básicas da população. Se o flagelo, que ameaça a nova fase de desenvolvimento do capitalismo, seja pela maneira como a tecnologia se está desenvolvendo, seja por causa da concorrência globalizante, é o desemprego com todas as terríveis conseqüências de decadência material e espiritual das pessoas, impõe-se uma criatividade imaginativa de todos para criar novas possibilidades de trabalho e remuneração.

O novo espírito de Medellín passa, portanto, pelo compromisso com uma profunda transformação do Estado, com uma nova consciência do papel da Sociedade civil, com a crescente valorização da cidadania, com uma atitude sábia e crítica diante da forma de modernização e globalização pela qual se tem enveredado o Ocidente. Nesse novo horizonte de compreensão da situação social, alarga-se o conceito de pobre sociológico para todo excluído. A dimensão cultural, de etnia, de gênero, acrescenta-se à consideração prevalentemente sócio-estrutural de Medellín. Amplia-se o espaço de compreensão da opressão, ao adotar-se a categoria da exclusão.

A forma eclesial, que continua sendo um desafio e uma esperança, são as CEBs. Coloca-se no horizonte pensar uma Igreja não

só com CEBs, mas de CEBs⁹. E tanto mais relevante é essa herança de Medellín quanto mais se sente uma tentação de retrocesso às respostas centralizantes, mais fáceis e aparentemente mais eficientes, diante da maré montante das igrejas autônomas neopentecostais, de um lado, e, de outro, diante da pós-modernidade da subjetividade religiosa individualista e anti-institucional.

No entanto, a resposta da centralização é uma ilusão. A sua eficácia imediata é aparente. A longo prazo, a história está apontando para a pluralidade dos pequenos corpos intermédios. E as CEBs respondem precisamente a esse momento cultural além de realizarem perfeitamente o ideal evangélico de Igreja, de que a comunidade dos Atos são uma descrição idealizada.

A teologia da libertação prossegue sua caminhada. Fiel a suas intuições iniciais vem inserindo os novos temas da etnia, do gênero, do diálogo inter-religioso, da ecologia. O horizonte permaneceu o mesmo. Adquire a cor do momento: a libertação dos deserdados da história em relação à opressão da razão ocidental e de seu braço econômico neoliberal. A discussão do novo paradigma da razão tem muito a ver com o impulso primordial da libertação, ao reconhecer-se a trajetória de opressão e alienação do desenvolvimento científico e tecnológico do Ocidente¹⁰. Hoje os parceiros desse movimento libertário estão por todas as partes e em todos os níveis.

2. DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA À NOVA ONDA JOVEM

Medellín assumiu o veio pedagógico da conscientização de Paulo Freire e casou-o

com o horizonte da libertação. Nasceu esse filho maravilhoso da educação libertadora, que renovou, em profundidade, muitas instituições educativas da Igreja e fora dela.

Um pouco de história. Nas décadas anteriores a Medellín, a educação das instituições católicas esposara, em grande parte, uma visão aristocrática. Ela interessava-se pelo aluno, como indivíduo e na sua interioridade, descolado do contexto social. Os alunos, que tinham acesso à maioria dessas escolas, faziam parte do estreito segmento social dos privilegiados. Era tão óbvio que esses jovens fossem os seus destinatários e também que a eles coubesse a tarefa mais tarde de dirigir a sociedade, que os esforços, por parte dos educadores, se concentravam em dar-lhes a melhor formação profissional possível e em plasmar-lhes os comportamentos morais e religiosos condizentes com a visão tradicional.

Estavam, em grande parte, ausentes desse horizonte religioso as práticas sociais e uma visão crítica da sociedade. Nem mesmo o desenvolvimentismo modernizante seduzia essas escolas. Pois, preferiam permanecer ancoradas em pontos firmes da tradição religiosa.

Em momento ulterior, a educação modernizante, que entra no Brasil sobretudo pelas mãos dos evangélicos sob a influência dos Estados Unidos, quebra os moldes da educação aristocrática. A preocupação educativa se alarga a grupos maiores de jovens uma vez que o mercado de trabalho está a solicitar mão-de-obra qualificada em número crescente. Os colégios adaptam-se a essa nova fase, adotando as técnicas modernas de educação, preparando mais eficientemente a nova geração para gerenciar a fase de desenvolvimento em que se entrava. A educação colocava-se a serviço desse momento de crescimento econômico.

9. P. A. Ribeiro de Oliveira, *CEB: Unidade estruturante da Igreja*, in Vários Autores, *Comunidades de Base em questão*, São Paulo, Paulinas, 1997: 121-175.

10. M. Fabri dos Anjos, org., *Teologia e novos paradigmas*, São Paulo, Soter/Loyola, 1996.

A educação modernizante procurava dosar os conhecimentos conforme o destino futuro da camada social a que se dirigia. As camadas dirigentes apropriavam-se de um tipo de conhecimento que as preparava para manterem os quadros do sistema, para fazerem avançar o processo de desenvolvimento com sua capacidade gerencial, criativa, produtiva. As camadas socialmente inferiores recebiam conhecimentos de natureza mais técnica para estarem à altura das exigências tecnológicas de mão-de-obra mais qualificada.

A educação conscientizadora e libertadora de Paulo Freire, que Medellín assume no seu ideário educativo, situa-se noutra perspectiva. Não se contenta com transmitir os conhecimentos necessários para as classes populares poderem inserir-se no processo de desenvolvimento na sua situação subordinada, mas pretende dar-lhes uma consciência crítica do sistema a fim de tomarem posição política diante dele.

Esse passo pedagógico define-se em momento de ebulição e crise da sociedade brasileira. E isso acontece no Nordeste. Aí a oligarquia rural estava entrando em decadência, não conseguindo manter seus privilégios. Uma crescente urbanização e acelerada industrialização com mobilização popular no sentido de busca de participação agitavam o cenário político. O próprio governo populista interessava-se por ampliar suas bases eleitorais e assim favorecia o processo rápido de alfabetização. A educação conscientizadora vinha responder, no plano educacional e político, à necessidade de mobilização democrática do povo brasileiro.

Em termos bem sucintos, o Brasil começava a passar de uma sociedade fecha-

da, de uma sociedade-objeto, de uma sociedade, reflexo distorcido de outros modelos, em que o povo era passivo, submisso, fatalista, incapaz de dialogar e fazer valer seus direitos, para uma sociedade aberta, sociedade-sujeito, sociedade-fonte, em que o povo pouco a pouco assumia ativamente posição, abria-se a um horizonte histórico a ser construído no confronto com outras mentalidades e ideologias. Estão dadas assim as condições objetivas para uma educação conscientizadora e libertadora. Falta o método e sua aplicação. Paulo Freire cria-o e lança as sementes para frutificar alguns anos depois em Medellín a opção da Igreja por tal educação. Desta forma, Medellín tornou plausível para os colégios católicos aquela visão libertadora da educação, que vinha sendo trabalhada por Paulo Freire¹¹.

Isto é passado. É memória. E agora? Os problemas são bem diversos. Entram em cena fatores absolutamente novos. O horizonte da educação libertadora no nosso país era, de certo modo, tomado do ideário socialista. Mesmo em colégios de burguesia, idéias sociais de corte socializante eram veiculadas no contexto da educação libertadora. A repressão militar em muitos países do Continente caiu duramente sobre tais instituições a fim de esterilizar o terreno educativo de qualquer germe crítico-social e muito menos revolucionário.

Agora a repressão perdeu virulência nesse campo, porque o próprio ideário socialista se desfez por ele mesmo. Como algo sólido, desmanchou-se no ar. Atrás de si, deixou uma juventude sem ideal, sem compromisso, algo céptica e tediosa¹². São os jovens pós-modernos, cansados precoces. Preocupam-se com o triunfo profissional, com salários polpudos a fim de levar

11. *Educação libertadora. Participando da luta social*. Revista de Educação AEC 26 (1997) n. 105: todo o número é dedicado a essa temática da reatualização da educação libertadora de Paulo Freire.,

12. J. D. Jiménez Sánchez Mariscal, *Posmodernidad: El encanto desilusionado o la ilusión del desencanto?* in: *Religión y cultura* 38 (1992): 367-388.

uma vida de sombra e água fresca. Desligam-se da situação social que os cerca. Sabem da miséria, mas alheiam-se dela. Não se sentem culpados dela e por isso também desinteressados em modificá-la. Não acreditam em nada, nos políticos, nos governantes, nos poderes constituídos. Seriam até uns anarquistas, se tivessem uma posição mais aguerrida. Mas nem chegam a tanto, já que se consideram imunes e isentos das contaminações dos miasmas da decomposição social. Evidentemente, não se pode generalizar. É a onda pós-moderna, mas que ainda não afeta a todos os jovens. Muitos labutam numa vida dura, sacrificada para construir o próprio futuro. Outros descobrem dimensões mais dignas da vida.

A campanha da fraternidade de 1998 vem muito a calhar a esse momento de desgaste dos idealismos por parte dos jovens. As descrições dos comportamentos decepcionantes de uma nova geração sem consistência não levam longe. As causas são tão vagas e genéricas que não conseguem ser atacadas. O caminho parece ser ir encontrando as brechas pequenas por onde se infiltram raios de esperança.

À guisa de exemplo, aponto a preocupação espiritual unida a uma sensibilidade mais fina pela natureza, pela estética, pelo prazer pequeno do cotidiano. Aí há uma fonte de esperança para resistir a uma cultura massificante, orquestrada pela mídia. Há uma busca de pequenos momentos novos, de narrativas mínimas de vida, de gotas de sentido que podem lentamente ir enchendo o vaso da existência.

A massificação destruidora de uma cultura da violência e das emoções fortes, em espiral crescente de intensidade, tem feito estragos consideráveis no mundo: suicídios, crimes, drogas pesadas. O caso dos jovens de Brasília, que queimaram o índio Pataxó, exemplifica essa dolorosa realidade até as raias da tragédia. Por isso, é auspicioso perceber uma reação crescente na juventude,

seja na direção da busca de experiências espirituais, seja na descoberta da ternura, na realização de encontros gratuitos e gratificantes.

A militância aguerrida de tantos jovens da década de 60 e seguinte, anterior à Assembléia de Medellín e também reforçada depois por ela, assumiu, em alguns casos, a radicalidade ascética e austera até o sacrifício da vida. A nova geração não consegue sacrificar-se dessa maneira e entende a importância de viver os gozos da existência. O desafio do momento presente consiste precisamente em reconhecer o ranço cansativo de certa militância do passado, mas sem aboli-la totalmente, unindo-a a uma dimensão de humanidade, de convívio afetivo, de mística.

Numa palavra, a educação pós-moderna no espírito de Medellín é desafiada a conservar, sem os radicalismos de antanho, a tônica da militância, unida à nova onda da espiritualidade e da subjetividade. Em oposição a uma subjetividade exasperada por um subjetivismo individualista, afirmar uma subjetividade que se construa nas relações sociais. Está em questão uma nova concepção de subjetividade que não pode regredir às explosões das ondas existencialistas nem ser sacrificada por um puritanismo revolucionário, mas construir-se lentamente no cultivo dos pequenos afetos e nos compromissos vizinhos. Antes corria-se o risco de amar a China e desprezar a empregada da própria casa. Hoje o risco é ainda maior. De não amar ninguém, mas de gostar das pessoas em momentos fugazes. A subjetividade a ser construída não se perde em abstrações, mas parte das relações menores, próximas e persistentes, para ir ampliando-se até horizontes maiores. Vai-se do vizinho à causa ecológica, dos companheiros do cotidiano até a preocupação pelo futuro do planeta também para as próximas gerações. Em todas essas relações permanece o repto da constância, da estabilidade.

3. DE UMA VIDA RELIGIOSA INSERIDA A UMA REFUNDAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA

A vida religiosa, como instituição, especialmente a de natureza apostólica, tinha sofrido depois do Concílio de Trento enorme processo de uniformização. E as Congregações, que foram nascendo nos séculos seguintes, tanto masculinas como femininas, apesar de tentarem mostrar a originalidade de seus carismas, terminavam por ser pequenas variantes de um modelo único.

Criou-se uma combinação instável de certos ideais da vida monástica com necessidades da vida apostólica. No interno da vida religiosa, muitos costumes tipicamente monacais impuseram-se, especialmente na época de noviciado e formação. A vocação propriamente apostólica ficava restrita aos religiosos formados.

A ruptura trazida pelo Concílio Vaticano II não foi tanto uma volta ao carisma inicial, como se repetiu bastas vezes, mas muito mais uma resposta aos anseios e imperativos da modernidade. Aconteceu, em muitos casos apressadamente, uma entrada do "espírito moderno" na vida religiosa, modificando-lhe a autocompreensão e o ritmo de vida.

A vida religiosa começou a dar cada vez mais importância às experiências das pessoas, a respeitar-lhes a subjetividade, a modificar-se em vista de abrir maiores espaços para a liberdade e iniciativas pessoais. Ora, uma vida religiosa, regida fundamentalmente pela tradição, pela autoridade extrínseca, pelos regulamentos e normas externos, passa por verdadeira revolução com a entrada do espírito da moder-

nidade. Em pouco tempo, a face exterior da vida religiosa se transformou..

Medellín trouxe outro fluxo. No momento anterior, os religiosos deixavam os gigantescos conventos e iam para pequenas comunidades. Em geral, situadas no mesmo ambiente social correspondente às obras educacionais ou semelhantes. Com Medellín, muitos religiosos e religiosas deslocam-se para pequenas comunidades inseridas nos bairros populares. E aí vivem uma vida bem mais próxima do povo pobre, com novas e profundas mudanças na figura da vida religiosa nos seus elementos constitutivos: experiência de Deus, vida comunitária e missão¹³.

A experiência de Deus articula-se mais intimamente com a vivência no meio dos pobres. Eles tornam-se para os religiosos e religiosas a mediação privilegiada, com implicações na maneira de rezar, de celebrar, de cultivar a interioridade espiritual. A vida comunitária assume a feição dos bairros populares. E a missão envolve-se com o mundo conflituoso em que os pobres vivem¹⁴.

Por conseguinte, de Medellín brotou uma renovação profunda da Vida Religiosa, ao encaminhar-se esta para maior inserção nos meios pobres, abandonando a suntuosidade de suas casas. Processo que fora protagonizado pela Conferência Latinoamericana de Religiosos (CLAR) e pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). Isto é memória.

O élan de ida aos pobres, às comunidades inseridas arrefeceu. Alguns hábitos voltaram, na sua exterioridade do vestuário como de costumes. Regressou-se às casas maiores ou mais afastadas do calor dos conflitos populares.

13. C. Palacio, *Vida religiosa inserida nos meios populares*, Rio, CRB, 1980; M. Carmelita de Freitas et alii, *Inserção: novo modo de ser da vida religiosa*, Rio, CRB, 1989.

14. Cl. Boff, *Comunidades autogovernadas. Autoridade e obediência nas pequenas comunidades*, in: *Convergência* 18 (1983): 38.

Nesse contexto, começa-se a falar de refundar a vida religiosa¹⁵. Há um esforço de redescobrir ou, pelo menos, de valorizar mais a dimensão carismática, teologal e sobretudo profética da vida religiosa. Aliás, o que Medellín tanto fizera. Nesse sentido, esta refundação tem um desejo de recuperar Medellín depois desse interstício de centralização e de volta a certo tradicionalismo.

No fundo dessa aspiração de refundar a vida religiosa, está um duplo sentimento. Percebe-se que, de um lado, a “imaginação reformativa se esgotou”¹⁶ e, de outro, que o edifício da vida religiosa já não responde a muitos dos atuais desafios. Se não basta reformar, então é preciso ir mais fundo e encontrar os alicerces da vida religiosa e aí construí-la. Evidentemente, esses alicerces só podem ser o evangelho de Jesus Cristo. Mas, está em jogo a maneira como ele deve ser apreendido no momento presente. Isso supõe a passagem da “imaginação reformativa” para a “imaginação criativa”¹⁷. Este parece ser o sentido que se está dando ao termo “refundação”.

A refundação da vida religiosa se faz encontrando a fonte sempre nova do evangelho. Este se manifesta hoje no espírito de liberdade do Concílio Vaticano II e no compromisso com a libertação dos pobres explicitado por Medellín. São dois critérios fundamentais para entender corretamente esse processo refundador. Não se trata de enveredar-se pelos sopros carismáticos festivos de certos ventos que agitam os ares da espiritualidade.

O positivo do impulso carismático, ao longo da história da Igreja, sempre tem sido o sentido de liberdade. Quando, porém, amarra fanaticamente as pessoas a ritos, a experiências restritas, a líderes autoritários, a grupos fechados, a ideologias conserva-

doras, ele perde o melhor de si. Sob este aspecto, tanto o Concílio Vaticano II como Medellín foram surtos carismáticos precisamente porque despertaram a Igreja, especialmente de nosso Continente, para uma liberdade criativa, que tinha sido afogada pelo ritualismo, moralismo, dogmatismo, autoritarismo, juridicismo esterilizante. João XXIII comparou a era do Concílio com novo Pentecostes ou com lufadas novas de ar em recinto antigo e fechado.

Muito do que se chama hoje de carismático, talvez não tenha, na verdade, esse caráter criativo e de liberdade, próprio do carisma. É Paulo que nos ensina a ligação profunda entre Espírito e liberdade: “Pois o Senhor é o Espírito, e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade (2 Cor 3, 17).

Essa reflexão sobre a liberdade vale do outro critério evangélico da opção pelos pobres. Pertence ao coração mesmo da revelação bíblica no Antigo e Novo Testamento. Basta recordar o sermão escatológico, em que Jesus se identifica com o faminto, sedento, estrangeiro, nu, doente, prisioneiro (Mt 25,31-46).

Refundar a vida religiosa na herança de Medellín só pode significar uma experiência mais profunda da liberdade cristã. Paulo situa-a entre os dois extremos da lei e da libertinagem, simbolizadas pelo judeu e pagão. Nem a escravidão judaica da lei nem o desmando pagão¹⁸. É uma “liberdade de” sem limites, porque é uma “liberdade para” o amor. Realiza o que Santo Agostinho, de modo lapidar, formulou: “Ama et fac quod vis!” “Ama e faze o que queres”. Evidentemente trata-se de um “amar” como “eu vos amei” (Jo 13,34), a exemplo de Jesus.

Segundo a memória e o espírito de Medellín, é a opção pela libertação dos exclu-

15. F. Martínez Díez, *Refundar la vida religiosa. Vida carismática y misión profética*, Madrid, San Pablo, 1994.

16. Frei Prudente Nery, *Refundação da vida religiosa*, in Equipe de Reflexão Teológica, *Vida Religiosa em face do III Milênio*. Texto preparatório, Rio, CRB, 1997: 21.

17. Ibid. 22.

18. J. Comblin, *O Espírito Santo e a libertação*, Petrópolis, Vozes, 1987: 81s.

dos, seu grande legado, que nos deve orientar como vivenciar a liberdade, herança maior do Concílio Vaticano II, na vida religiosa. De que e para que nos liberta a opção pelos pobres? Respondendo a essas duas perguntas, a vida religiosa pode encontrar critérios para uma refundação no momento atual.

Nos tempos do Vaticano II, fomos levados a libertar-nos de toda uma vida religiosa fossilizada por rígida tradição para uma vida religiosa pessoal, livre, assumida existencialmente. Nos tempos de Medellín, fomos provocados a libertar-nos de uma forma burguesa de vida religiosa, em direção aos pobres. E em tempos de neoliberalismo, de globalização, de tantos movimentos importantes culturais e sociais, de que os excluídos nos libertam e para que?

Se o dogma central do neoliberalismo é o mercado, a vida religiosa só encontrará seu espírito carismático e profético se souber resistir a que o mercado seja o centro organizador da vida comunitária, o critério de escolha e de condução das obras apostólicas. Mais. O profetismo da vida religiosa exige inverter o sinal para que a partilha se transforme em seu pólo centralizador e dinamizador.

Se a cultura principal do momento é o reforço das forças sadias da sociedade, a vida religiosa terá significado se se colocar ao lado do mais fraco, doente, menor, resistindo a investir suas energias preferentemente nos setores mais bem assistidos e sãos da sociedade.

Se a onda montante cultural conjuga paradoxalmente a globalização de informações de modo que tudo se interliga mas, ao mesmo tempo, se afirma cada vez mais a singularidade original de cada pessoa, a vida religiosa é desafiada a viver o comunitário com a renúncia de muitas singularidades e a conservar uma identidade na contra-onda da globalização nivelante de costumes, grifes, modas, pruridos de novidade.

Talvez, como nota muito bem Frei Prudente no artigo citado, já tenhamos consciência de tudo isso, mas vivamos em instituições que não acompanham essa mudança de modo de pensar, de perceber, de entender. Instala-se desta sorte perigoso hiato entre a consciência dos membros e a instituição a que pertencem.

O desafio maior reside, pois, não tanto nas pessoas que já assomam com seu modo de ver a horizontes mais elevados, mas o piso que devem habitar que está no rés-do-chão. E há engenheiros e arquitetos do poder que impedem as reconstruções.

CONCLUSÃO

Medellín, como fato histórico, pertence ao passado. No entanto, tornou-se para a Igreja da América Latina uma bandeira, um símbolo. Pertence já ao imaginário social religioso não só da Igreja Católica mas de cristãos e cidadãos do Continente, que se sintonizam com ele. O Medellín simbólico constrói-se a partir dos elementos mais significativos do Medellín histórico e começa a fazer caminhada luminosa já há duas décadas. Por ocasião de Puebla, travou-se verdadeiro duelo simbólico a fim de configurar a imagem dominante de Medellín. Apesar do ardor da refrega, firmou-se o Medellín simbólico da opção pelos pobres, do compromisso de libertação, da educação libertadora, da vida religiosa inserida.

Santo Domingo, em seu texto final, tampouco afastou-se do universo imaginativo de Medellín. As ameaças maiores vêm do novo espírito pós-moderno, que pretende deixar toda a história para trás. Declara-se o "fim da história"¹⁹. A memória e tradição de Medellín são chamadas a resistir a esse nivelamento a partir do puro presente. Mas, não para parar num saudosismo passado e sim para relançar para o futuro os sonhos ainda não realizados, vividos tão ardentemente desde Medellín.

19. F. Fukuyama, *O fim da história e o último homem*, Rio, Rocco, 1992.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Na primeira parte do artigo, o autor mostra com muita clareza as principais mudanças sócio-culturais e eclesiais que se deram de Medellín até hoje. O fenômeno atual da exclusão com suas causas principais é descrito vividamente. O próprio autor faz algumas interrogações: a) As intuições de Medellín ainda podem iluminar-nos o momento presente? b) Medellín que tem a dizer sobre esta situação? Depois de ler o texto, discuta em comunidade as idéias do autor e tente responder a essas perguntas lançadas por ele.
2. Na segunda parte, o texto resgata elementos básicos da educação liberta-

dora, — uma das grandes heranças de Medellín. — Esta intuição dos anos setenta influenciou a missão educativa da sua Comunidade? Que saldo positivo deixou? Que perspectivas novas abriu? Como fazer frente aos desafios da educação pós-moderna, no espírito de Medellín?

3. Na terceira parte, o texto lança sérios questionamentos à Vida Religiosa e sua missão no mundo de hoje. Procure refletir sobre esses questionamentos e partilhar em comunidade as perspectivas que se abrem para religiosos e religiosas a partir dessa nova situação.

A CONSCIÊNCIA ÉTICA E O ESPÍRITO SANTO

Frei Bernardino Leers, OFM
Divinópolis, MG

Páscoa sem Pentecostes não basta. A força libertadora de Jesus continua pelo Espírito Santo na história da humanidade peregrina nesta terra.

O individualismo é bode expiatório de muita crítica negativa da vida moderna. Até no âmbito da vida consagrada a lógica individualista consta nas listas de lamentações. Individualismo é cada um por si e eventualmente Deus para todos; é apartamento solitário com vizinhos desconhecidos; é seguir seu próprio plano de vida sem se interessar pelos outros; é auto-projeção que não sabe trabalhar em equipe; é um mundo próprio que só se comunica para tirar proveito; é autonomia imperial que usa os outros como objetos manipuláveis e decide tudo sozinho; faz do mundo um circo e "Eu" sou o Senhor Diretor.

1. INDIVIDUAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO

Dentro desta roupagem está o processo moderno da individuação pelo qual as pessoas se destacam da coletividade, de todo mundo pensa ou faz assim, aos poucos for-

mando sua própria identidade, convicções e atitudes. Este processo nunca é automático mas problema de formação contínua. O velho aviso do Apóstolo Paulo sobre aqueles que ficam flutuando por qualquer vento como folhas secas vale também para a vida dos religiosos e religiosas, expostos ao bombardeamento da propaganda comercial e ideológica atual: é moda, é moderno e está explicado. No fluxo caótico da sociedade pluralista com apelos e ofertas de todos os tipos, a formação de atitudes, apreciações e posições assumidas se torna difícil e a desorientação é grande. Tomar decisões, fazer opções de modo responsável, eventualmente contra a vontade de outros, supõe uma maturidade em que cada pessoa é eterno aprendiz. Votos temporários e solenes não escapam desta dinâmica interna da vida consagrada.

O amadurecimento de uma pessoa depende, porém, da combinação entre individuação e socialização. Desde o início, existência humana é coexistência em que cada um cresce, se desenvolve, muda para melhor ou pior pela convivência com outros num jogo contínuo de dependências e trocas. Também religiosos e religiosas formam sua rede de relações humanas e constroem seletivamente seu mundo comum, em que vivem juntos e se movimentam juntos, mais ou menos por si e mais ou menos para os outros. O nome atual em voga é comunidade, mas a realização da vida comunitária é condicionada pelas comunicações, conver-

sas e diálogos em comum, para organizar o clássico “reza e trabalha”. O dinamismo da convivência de religiosos é diferente da engrenagem social em ambiente de religiosas, porque as maneiras de viver a vocação e o evangelho e de construir a convivência e as relações mútuas são masculinas ou femininas. Mas para ambos os gêneros a comunicação aberta é básica.

O equilíbrio entre os dois processos é uma tarefa sempre ainda a completar. Em muitos institutos religiosos há um fluxo relativamente intenso na composição das comunidades. Mas mesmo se a comunidade é bastante estável, a dinâmica há de funcionar, porque sempre entram mudanças e novidades que levam a procurar nova harmonia entre o ser-por-si-mesmo de cada membro e o ser-com-os-outros. Esta engrenagem é tanto mais complicada, quanto mais tempo os membros da comunidade vivem e trabalham fora de casa e pertencem, pelos mesmos trabalhos e amizades, a outros círculos de relações, às vezes absorventes.

2. A CONSCIÊNCIA ÉTICA E SEU DESENVOLVIMENTO

A âncora do processo da revisão pessoal e comunitária é a dinâmica da consciência ética de cada um. Apesar da secularização e o “desaparecimento” de Deus, entre o povo continua a tradição de ligar a moral à religião e a consciência ética à consciência religiosa de Deus, vontade de Deus, pecado, culpa, castigo, expiação e penitência. Nesta esfera cabe a descrição de Pio XII que o Concílio Vaticano II tem repetido: a consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do ser humano, onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa a sua voz. Pela consciência se descobre, de modo admirável, aquela lei que se cumpre no amor de Deus e no amor do próximo, seguindo o exemplo daquele Bom Samaritano, Jesus, que se consumiu pelo serviço à humanidade. Como o

próprio termo consciência já parece sugerir; ela é o instrumento fundamental para cada um se unir aos outros, cristãos ou não, na busca da verdade e na solução justa dos inúmeros problemas morais que se apresentam na vida e afligem as pessoas e as sociedades contemporâneas. Já a Regra áurea sugere esta socialização em sua forma positiva e negativa.

Enquanto a Bíblia fala geralmente de coração, coração de pedra, coração de carne, coração de que saem coisas boas e más — termo guardado até hoje na linguagem ética popular —, no cristianismo latino pontificou o termo consciência que discerne e decide à luz de Deus o que é bom e o que é mau. A teologia moral tradicional distingue várias formas: consciência ignorante, laxa, rigorosa, cega, escrupulosa, certa, duvidosa, reta, falsa. Na realidade, o assunto é muito mais complexo: é inesgotável, porque a consciência ética segue, cresce e recua concretamente conforme a singularidade de cada pessoa, em sua história e seu pensar, apreender e agir. Normas morais em vigor costumam formar uma “consciência coletiva” e receber uma aceitação comum, sem massificar as pessoas ou excluir a particularidade da maneira de cada um interpretar, avaliar e aplicar a norma nas situações em que se encontra. Como conceito abstrato, consciência é insuficiente para manifestar a riqueza das variações que a vida real das pessoas concretas de carne e osso apresenta.

Em sua intimidade, o ser humano encontra, conforme a expressão tradicional a “voz” de sua consciência prática que lhe orienta o agir, tranquiliza-o ou avisa dos riscos, acusa-o e carrega-o de culpa. Na caminhada da vida, ela se desenvolve, aprendendo normas e proibições, virtudes, ideais e costumes, e vai se formando de maneira pessoal na convivência com pais, irmãos, parentes, homens e mulheres, idosos e crianças de seu ambiente sócio-cultural em que cada um vai amadurecendo e

3. JESUS, CENTRO NORMATIVO DA MORAL CRISTÃ?

Ao contrário da Igreja oriental, no Ocidente, o Espírito Santo falou pouco à imaginação popular. Nos arcos principais das Igrejas do barroco mineiro, o Pai ganha o rosto de um patriarca do barba branca, Jesus está na cruz e o Espírito Santo é uma pomba branca de asas estendidas, símbolo conhecido das miniaturas medievais. Jesus se comunica o ano todo, desde a manjedoura do presépio até sua agonia, paixão e morte crucificada. Mas a Semana Santa tradicional terminava com a longa procissão do enterro, enquanto a ressurreição ficava na sombra e o Bom Jesus posto permanentemente em baixo do altar. Na iconografia cristã e na devoção do povo, a humanidade de Jesus e os acontecimentos humanos de nascer, caminhar, morrer concentravam a atenção, porque estão mais próximos à sensibilidade piedosa.

No entanto, no viver e agir dos fiéis, o Espírito Santo ocupa o lugar central, dá vida e esperança, comunica a verdade que é o Cristo de Deus e leva a praticar o amor e a criar justiça e paz. Também do Evangelho vale que a letra mata, se falta o Espírito da vida e da liberdade (Cf. 2 Cor 3,6). Para quebrar a esfera sombria e deprimente de pecado e condenação que os manuais da teologia moral para confessores incentivaram, várias idéias novas surgiram em redor do Vaticano II para ultrapassar e sublimar o esquema dos mandamentos e proibições e estruturar a ética cristã conforme o tema do seguimento de Cristo, a eclosão da glória de Cristo, a lei de Cristo ou plena libertação do universo criado em Cristo, Alfa e Ômega, até formar uma ética teológica dos membros do Corpo de Cristo. Nesta linha João Paulo II afirma que seguir Cristo é o fundamento essencial e original da moral cristã. O comportamento de Jesus e a sua palavra,

as suas ações e os seus preceitos constituem a regra moral da vida cristã.

Na Idade Média, Santo Tomás de Aquino identificava a nova lei do Evangelho com o Espírito Santo, que se comunica gratuitamente aos corações dos fiéis, dando-lhes a vida da fé e inspirando-lhes o que hão de fazer. Templos do Espírito Santo, os cristãos são inspirados e movidos a praticar o bem, a justiça e o amor. Com a simplicidade de sua fé, Francisco de Assis considerava o Espírito Santo o ministro geral do seu movimento evangélico e evangelizador, sentindo profundamente em sua conversão e caminhada com seus irmãos e irmãs a inspiração, o ardor e o estímulo contínuos do Espírito de Deus. Queria por esse título na Regra, mas a bula papal da aprovação não o deixou passar.

A maior parte da travessia de Jesus pela história humana terrestre é desconhecida, entregue a suposições contextuais. Mas foi o Espírito Santo que fez a Palavra de Deus tornar-se carne, fruto do ventre da mulher de fé que era Maria de Nazaré. Ele conduziu Jesus para o deserto, o jejum e o encontro com o espírito das trevas (Mt 4). Na primeira proclamação de sua mensagem libertadora, Jesus mesmo escolheu o texto do Profeta Isaías: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,17-22).

O impacto veio logo depois da leitura: Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura. O público da sinagoga daquele tempo admirava as palavras cheias de graça, que saíam da boca de Jesus. Mas nem os judeus nem os cristãos garantem automaticamente a realização deste programa de Jesus, não por nada sinal de contradição para a queda e para o soerguimento de muitos, também, dentro da Igreja e da vida dos religiosos e religiosas (Lc 2,34).

4. O SANTO OPERAR DO GRANDE "AUSENTE"

Páscoa sem Pentecostes não basta. A força libertadora de Jesus continua pelo Espírito Santo na história da humanidade peregrina nesta terra. Conforme São João, Jesus de saída prometeu enviar o Paráclito para estabelecer a culpabilidade do mundo e conduzir os discípulos e discípulas à verdade plena (Jo 14,24; 10,5-13). Este Processo criativo começou publicamente, quando línguas como de fogo apareceram no dia de Pentecostes e os seguidores de Jesus reunidos ficaram repletos do Espírito Santo e de coragem para fazer todas as nações se tornarem discípulas do Senhor (At 2,1-4; Mt 28,10s). Custou uma visão para convencer a Pedro de que o batismo com o Espírito Santo e com o fogo não era monopólio de um só povo, mas havia de ser comunicado a todos (Mt 3,11; At 10,9-16). É o Espírito Santo que faz a história até o fim dos séculos pela mediação humana, se o mistério da iniquidade não obscurecer a luz verdadeira de Cristo.

Enquanto for possível entender a história humana secular e a passagem de cada homem ou mulher, o campo operacional do Espírito Santo não é o barulho do mercado ou a gritaria da massa, mas o silêncio dos corações, das consciências éticas em procura da verdade e da justiça. Sem Ele nada de bom acontecerá e ninguém pode fazer o que agrada a Deus. Nem o entendimento prático da Sagrada Escritura nem a vida eucarística com Jesus seriam possíveis sem o Espírito Santo (Cf. 1Cor 12,3). Não é a morte que Ele produz, mas a vida, a justiça, o amor e o perdão entre os seres humanos. Jesus trocou a Lei antiga do olho por olho, dente por dente, pela missão de perdoar setenta vezes sete, mas esta missão de paz é impossível sem receber o Espírito Santo (Ex 21,24; Mt 5,38; Cf. Jo 20,22).

O que o Espírito Santo provocou na humildade da Serva Maria serve de sím-

bolo para os discípulos e discípulas gerarem por sua vez de sã consciência o espírito do Senhor Jesus na sociedade de hoje, insegura e manchada de sangue e injustiças. Na teologia de São Paulo, em contraste com o homem do pecado e da morte, é o homem do Espírito que produz, para a libertação da humanidade e do cosmos, os frutos do amor verdadeiro, da alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio. Se vive pelo Espírito, pelo Espírito pauta também a sua conduta com os outros e o meio ambiente comum (Col 5,16-25).

Neste itinerário histórico e produtivo da humanidade para dentro do mistério de Deus, os cristãos correm o risco de se fecharem no castelo murado de seu poder e auto-suficiência orgulhosos. No entanto, sempre de novo é o mandamento do amor que cria próximos como na parábola do bom samaritano e exige a saída para fora, para o mundo. Mais ainda, o realismo com que Jesus apresenta, segundo Mateus, o julgamento final da humanidade abre o caminho estreito para servir aos que têm fome, sede ou doença, estão nus e sem moradia, ou presos em qualquer forma de escravidão: o que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes (Lc 10,29-37; Mt 25,31-46).

5. O INSTINTO DO ESPÍRITO SANTO

Tal projeto de vida, de formação de atitudes firmes para realizar e propagar o Reino de Deus, supõe o crescimento pessoal e comunitário da percepção daquilo que Tomás de Aquino chamou o instinto do Espírito Santo, as inspirações e impulsos do Espírito Santo. Por falta de vivência deste instinto, os cristãos ficam como subnutridos em seu interior e reduzidos à execução cega do princípio "ordem é ordem". À luz da fé, a consciência ética cristã, se torna uma caminhada

criativa em que o Espírito Santo com seus dons provoca, estimula e acompanha os fiéis em procura da vida virtuosa. O Espírito interior do temor e confiança em Deus, da sabedoria, inteligência, da ajuda e fortaleza alimenta o crescimento da fé, do amor ao próximo, da esperança que não desanima, da prudência no sentido clássico, da justiça, do equilíbrio e da coragem de viver e enfrentar as surpresas da vida dos mortais neste mundo (Cf. Is 11,1-5).

Como o aço frio de um corrimão, proibições morais podem dar apoio e segurança, quando a angústia e a fragilidade humanas ameaçam tomar conta dos atores no palco do mundo terrestre. Mas códigos de ética não revelam a riqueza generosa da vida cristã sob a luz e a força do Espírito de Deus que acompanha, incentiva e orienta os peregrinos desde a concepção até o fim. Em humildade interiorizada, o Espírito Santo coopera com todos os seres humanos para descobrirem o caminho do bem-servir e combaterem os males que afligem pessoas, famílias e povos. Sem esta cooperação entre o céu e a terra, as letras de normas e direitos ficam ocas e a liberdade responsável dos agentes morais arrisca dar golpes no ar e trabalhar em vão. Vasos de barro quebram facilmente e as criaturas humanas são feitas de barro. Pelo Espírito, porém, as pessoas se recuperam e se renovam para renovar a face da terra sofrida e criar o prelúdio do Reino eterno e universal, da verdade e da vida, da santidade da graça, da justiça, do amor e da paz.

O Espírito Santo não é o olho ameaçador que, na função de detetive particular, persegue todos os passos dos peregrinos, nem é o inquisidor-mor que fica procurando por uma lente grande as manchas de pecado dos viajantes por este mundo em caminho para Deus. Não costuma funcionar na tempestade, no barulho e na gritaria; aparece mais dentro da brisa tão suave e leve que mal dá para perceber. Ele pode dormir nas barcas dos mortais, como Jesus na barca de Pedro

e companheiros. A gritaria dos desesperados o acordou. Ele fez bonança, mas criticou a falta de fé dos discípulos. O Espírito Santo nem sempre faz bonança, dando solução ou a saída certa na hora. Ele testa os seres humanos, feitos à imagem e semelhança de Deus a fim de verificar e confirmar o que eles arrumaram, junto com as capacidades de sua cabeça e as sensibilidades de seu coração, para fazer o bem e evitar ou endireitar o mal no caminho estreito da vida.

A pedagogia do Espírito em educar as consciências éticas das criaturas humanas é a calma paciência de quem sabe esperar. Na medida em que a história reconstrói a longa caminhada da humanidade até o momento presente, a admiração cresce pela paciência tranqüila com que o Espírito Santo inicia, estimula, corrige, endireita, perdoa, completa, renova e acompanha os peregrinos, revelando aos poucos por tantos e tantos séculos aquele conhecimento da verdade que São Pedro sabiamente juntou à viva fé, à virtude, ao autodomínio, à perseverança, à piedade, ao amor fraterno e à caridade (2Pd 1,5-7). Pela sua palavra, Jesus mesmo é a garantia deste trabalho íntimo da consolidação e consolação da verdade (Jo 16,5-15; 20,19-22). Seu conhecimento cresce e se desenvolve nos seres humanos. Nem sempre dá bons frutos, é ameaçado por erros e desvios humanos, abusos de poder e injustiças embutidas na convivência social e nas relações entre as pessoas e as nações. Mas o Espírito da verdade continua semeando com generosidade as sementes da verdade pela terra toda. A longanimidade do Espírito de Deus supera em fôlego toda capacidade humana de correr no estádio.

A atuação do Espírito Santo não é simplesmente a de transmitir códigos morais. A formação, interpretação e observância destes supõem a mediação humana dos discípulos, porque moral é sempre questão de conhecimento reto e liberdade responsável daqueles que foram feitos à semelhança de Deus. Ele ilumina o caminho estreito que cada um tem de seguir; torna os talentos humanos opera-

cionais para descobrir a verdade, encontrar a solução, formar fraternidade, criar a paz pela justiça e perseverar até o fim, apesar das tentações de desânimo, fraqueza e fuga. Na vida de cada dia, Ele realiza a parábola da ovelha perdida, faz o papel do bom samaritano, perdoa setenta vezes sete e mais, alivia a dor, cura, anima, dá força para homens e mulheres se tornarem fiéis à sua vocação com que Deus, o Criador, chama cada um e cada uma pelo nome.

Apesar de todos os sinais da iniquidade que marcam a história da humanidade, Deus confia em suas ovelhas, mesmo se ficam desorientadas e perdidas no mundo. Com respeito admirável pela liberdade dada às suas criaturas humanas, o Espírito Santo é capaz de "dormir" como Jesus na barca de Pedro. Confiando nos dons da inteligência, busca da verdade, força de vontade, coragem de enfrentar a vida que ele dá aos seres humanos, feitos à semelhança e imagem de Deus, sua pedagogia conhece a paciência secular de deixar homens e mulheres acertarem sua vocação, conversão e seu caminho comum e, superando erros e injustiças herdados e repetidos, criarem uma melhor qualidade de vida em um mundo mais habitável para todos. Com licença pela expressão popular, o Espírito de Deus não deixa a peteca cair; mantém sua palavra, mas segue seu ritmo de libertação, (Cf. Rm 8,18-25). Deus tarda, diz o povo, mas não falta.

O instinto do Espírito Santo não fornece um mapa feito de todo o percurso a fazer até o fim. A vida conhece não somente novidades, mas tem também suas surpresas malditas que caem por cima de peregrinos que não foram avisados nem preparados. Nas calamidades não se encontra sempre uma viúva temente a Deus que corta a cabeça de Holofernes e salva seu povo (Cf. Jt 8,16). O Espírito criador do universo aproveita do universo todo para abrir os olhos e chamar a atenção dos seres humanos, apelar à sua responsabilidade e sua inteligência, motivar sua coragem e fazê-los assu-

mir a missão de colaborar para o melhor. Com os talentos que receberam todos são chamados a trabalhar na obra maravilhosa da libertação de tudo e todos os que foram criados para a felicidade. Infelizmente participantes da escravidão da corrupção, mas sabendo, que o Espírito socorre sua fraqueza, os santos e pecadores são provocados para aguardar com perseverança o que ainda não se vê, mas gemendo e suspirando espera (Cf. Rm 8,20-27).

Na memória vive ainda a belíssima seqüência "Veni Sancte Spiritus", em que a longa vivência cristã da graça de Deus ganha uma forma poética densa. Nela, peregrinos em um mundo de riscos, os fiéis pedem o sopro e a luz ao pai dos pobres e doador dos bens, que lhes inspira e ilumina a caminhada para a liberdade. Ele é o hóspede dos corações, a fonte da água que refresca, descanso no trabalho pesado, sombra no calor, consolação na tristeza. Sua luz benfazeja penetra na intimidade dos corações. Sem seu poder, o ser humano seria um nada perdido na culpa. Ele purifica o que está sujo, irriga o que secou, cura as feridas, flexibiliza o que ficou endurecido, esquenta a frieza do coração e reconduz o que se desviou. Venha com seus sete dons da vida.

Por esta síntese da piedade e confiança no Espírito Santo, o próprio tratado da ética dos manuais começa a desabrochar em flor, ganhando uma beleza que dá vida à ligação seca, muitas vezes dura e traumatizante, entre norma e obediência. Uma simples aprendizagem de normas ou adestramento de código de conduta talvez seja um alimento indispensável à pedagogia infantil. Mas é uma árvore torta, seca e solitária do sertão ao lado da exuberância de vida da mata amazônica que forma um extenso ecossistema saudável e fértil. Pessoas e autoridades podem ser impiedosamente cruéis com os outros. Em seu amor imensurável o Espírito Santo assume as criaturas humanas e mora nelas, sejam quais forem suas condições ou andanças por este mundo, perdoando, consertando, inspirando, estimulando, fortalecendo para

que elas também dêem de graça aos outros o que de graça constantemente recebem (Cf. Mt 10,8). De dentro das pessoas comunica a vida, não quebra a cana rachada nem apagará a mecha que bruxuleia, porque é o modelo primeiro e perfeito da caridade derramada nos corações humanos (Is 42,3; 1Cor 13; Rm 5,5). O velho homem talvez rode como boi cego no moinho de seu egoísmo, mas o Espírito Santo o libertará e o conduzirá pelo caminho do amor a Deus e aos próximos.

6. O INSTINTO DA CONSCIÊNCIA ÉTICA

Geralmente a iconografia tradicional cristã apresenta a concepção do Filho de Deus em Maria pela visita do anjo, mensageiro de Deus, vestido de roupas resplandescentes e asas brancas. Às vezes, falta o anjo no encontro e entra pela janela a luz forte e criativa do Espírito Santo que capta e ilumina Nossa Senhora pela sua irradiação comunicativa da vida humano-divina nova. Não foi o primeiro encontro especial entre o Espírito Santo e a nova Eva. Na fé e devoção cristãs, Maria foi concebida sem pecado e forma a exceção da experiência comum que o salmista confessa: eu nasci na iniquidade e pecador minha mãe me concebeu (Sl 51,7). A força santificadora do Espírito de Deus protegeu a futura mãe de Jesus contra a mancha do pecado, a sorte dos demais filhos e filhas de Adão e Eva. Na segunda comunicação forte, Maria ficou com medo e sem entender a mensagem, mas treinada na confiança em Deus e pela melhor explicação do anúncio, mostrou-se a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra. E a nova mãe se pôs a caminho apressadamente com seu filho Jesus em formação.

Neste processo sublime da graça criativa de Deus há algo que ilumina a consciência e a ação éticas dos cristãos. Também neles o Espírito Santo toma a iniciativa, lança a idéia, solta um desejo, faz uma proposta. Muitas vezes, seu chama-

mento não é como acender a luz no quarto obscuro da consciência, mas usa a mediação humana de pessoas e situações. Alguém apela em sua ignorância pelo saber; está com fome e quer comer; sem coragem, desanimado, e precisa de apoio, estímulo, motivos para decidir; errou, causou um conflito bravo em casa e não sabe como fazer as pazes e obter perdão. Os apelos são legião e abrem os olhos e os ouvidos para situações de injustiça, de violência, de exclusão de milhões dos direitos humanos fundamentais: a comida, casa, saúde, emprego para ter como pôr as coisas em casa, segurança pública para viver e se movimentar e tantas coisas mais.

A vida confortável do religioso ou da religiosa: — tudo na hora, tudo garantido, dinheiro não falta —, não é condição favorável para entender estes apelos ou para perceber os rostos sofridos de tanta gente que constantemente se encontra na estrada da vida social. Boa audição e bons olhos não são suficientes para a consciência ética despertar e, em vez de cair em lamentações e visões apocalípticas e ameaçadoras, começar a agir. Quantos séculos passaram entre a primeira vez que Deus ouviu o clamor de seu povo escravizado e a vez que esta frase despertou a Igreja do Brasil, ao menos em parte, para recomeçar a libertação do povo e criar eficazmente mais justiça, comunhão, participação e fraternidade para todos? A caminhada é lenta, as resistências são grandes e os mal-entendidos legião, a fim de vencer as injustiças sociais e corrigir as discriminações degradantes da dignidade humana. A pastoral eclesial que, em suas muitas formas, procura preparar e construir o Reino de Deus é como o mar que cerca a longa praia do Brasil. As ondas rolam por cima das praias e avançam, depois recuam e se retiram num jogo contínuo. E “Maria Fumaça”, o trem clássico de Minas Gerais, sempre tinha no último vagão o freiador para diminuir a força de propulsão da máquina. Sob a capa da união funcionam forças antagônicas e atrás de muitas verdades de papel assinado muitas interpretações colidem na práxis.

Cada vez de novo manifesta-se na história, que o Espírito Santo, o Espírito do bem, do amor comunitário é mais forte do que todos os demônios humanos de onde seja que surjam. Mas isso não impede que os cristãos vejam como por espelho, de modo enigmático, difícil de decifrar.

Ao instinto do Espírito Santo corresponde a formação geralmente lenta e acidentada do instinto da consciência ética, uma sensibilidade refinada sempre mais segura de escolher o caminho certo para fazer a vontade misericordiosa de Deus. Pela pedagogia do Espírito, olhos e ouvidos ficam mais abertos e aguçados para captar a realidade, a racionalidade se torna mais perspicaz e a capacidade de tomar decisões acertadas e de executá-las se desenvolve como se percepção, coração, razão e força decisória do bem-agir fossem algo de uma segunda natureza. Até em situações mais complexas, em colisões de deveres e em circunstâncias incomuns, o instinto da consciência mostra certa espontaneidade intuitiva em acertar o rumo da vida e conseguir passar pela tempestade da insegurança e medo. O jeito, forma brasileira da antiga epiquéia, e a ética da sobrevivência, com ou contra normas estabelecidas, fazem parte da experiência, certa ou não, de muitas criaturas de Deus. "Que Deus me perdoe, mas não teve outro jeito", não pode ficar fora da reflexão ética.

Centro de avaliação, decisão e ação, a consciência ética é a luz da fé, templo do Espírito Santo (1Cor 3,16; 2Cor 6,16). O simbolismo do Deus-conosco traz sua força criativa e libertadora para dentro das criaturas prediletas, a fim de iluminá-las, orientá-las e encaminhá-las pela estrada certa. Conhecendo melhor do que elas mesmas, as limitações, fraquezas e malícias humanas, o Espírito de Deus respeita a liberdade de seus filhos e filhas até os erros e pecados, e tem tempo até à colheita final. Ele não é só o amor que os faz crescer em gratidão, ou a sinalização na caminhada de cada um, mas é também a misericórdia, o perdão e a espe-

rança de que o filho pródigo volte. Trigo e joio, virtudes e vícios humanos se reproduzem constantemente na história em que o princípio da responsabilidade há de cultivar as virtudes e se defender contra os tentáculos das paixões mundanas (T 2,12).

No processo, porém, da interiorização humana do instinto do Espírito Santo o obstáculo sério se apresenta na experiência do Deus escondido, ou como o povo diz: "Deus se esqueceu de nós". O seu Espírito não é uma empresa de consultoria que atende por telefone dia e noite, nem computador que dá a resposta certa na hora. Tão simples a Aliança entre Deus e a humanidade não é. O mistério de Deus que se manifesta muitas vezes e de diversos modos na história (Hb 1,1) não é um livro aberto: basta lê-lo e se sabe tudo. Ao contrário, Deus é um abismo de riqueza, sabedoria e ciência; seus juízos são insondáveis e impenetráveis são seus caminhos. Quem conhece o pensamento do Senhor para poder instruí-lo ou dar-lhe conselhos? (Rm 11,33-35; 1Cor 2,16). Muitas vezes a fragilidade e o medo humano fazem este papel. Quantas vezes a própria vontade e a própria opinião humanas são assinadas erradamente com o nome de Deus?

Na história da ética cristã sempre duas fontes funcionaram: a fé baseada na graça e a racionalidade fundada na natureza criada por Deus nos seres humanos e na realidade da terra e no dinamismo do cosmos. Por isso, desenvolvem-se duas "pernas": a confiança no instinto do Espírito Santo e a confiança na criatividade ativa daqueles que são a imagem de Deus. Porque as duas confianças correspondem ao tamanho dos agentes morais; até decisões erradas, ignorâncias e desvios normativos são fatos históricos do passado e riscos da atualidade. Apesar de um certo triunfalismo da posse da verdade moral, o estudo mais detalhado da história demonstra como o povo chegou à sabedoria de que Deus escreve reto em linhas tortas e, com misericórdia e paciência endireita os caminhos no decorrer dos tempos.

É P I A
B
E R
C
O

Quanto mais complexos os problemas éticos, que são muitos no mundo moderno, tanto mais as opiniões e atitudes costumam se dividir e contrastar mesmo entre cristãos que confessam o mesmo credo. Nem as polarizações se deixam evitar. A sabedoria popular ensina, que dois sabem mais que um só. Se nas discussões um grupo se impõe aos outros seja na política econômica ou na religião, a distância entre autoridade e autoritarismo se torna curta. O instinto libertador do Espírito Santo não se deixa monopolizar por nenhum grupo ou poder e abrange o universo. Como o Deus criador deu abundância de vida à natureza e abençoou os primeiros seres humanos para crescerem e se multiplicarem, assim também seu Espírito não se concentra em uma só pessoa, mas se comunica a todos e forma comunidades. Pentecostes foi e é uma festa comunitária. Com fé e razão o documento do primeiro Concílio confirma: pareceu bem ao Espírito Santo e a nós (At 15,18). "Nós" é participação, partilha e comunhão abertas a fim de os fiéis reunidos chegarem a um consenso e concordância e encontrarem uma solução prática que todos assumem, de modo que a palavra se torna práxis e muda o rumo da história humana. Sem o apoio da comunidade, sem uma certa consciência ética coletiva, muita decisão passa como o vento e não deixa marca.

Onde as palavras evangelização e ano 2000 se multiplicam, o Espírito Santo e sua força viva estão no centro da Igreja, o Povo eleito de Deus em ação, chamado a manifestar o Reino de Deus na sociedade atual. Todo o dom precioso e toda dádiva perfeita vem do alto (Tg 1,17) e se comunicam em todo o bem histórico que a humanidade produz em termos de justiça, amor e paz. Trabalhando no interior do coração, na consciência ética de cada pessoa, o Espírito de Deus continua pairando sobre o caos da iniquidade e injustiça, iluminando e impelindo constantemente os atores humanos da política, economia, cultura, ética

e religião a entrarem no processo libertador de Deus, mesmo se religião é considerada por alguns um anacronismo ou simples ignorância. Variando o texto de Mateus 25,31-46, no último juízo as criaturas humanas perguntarão admiradas onde viram o Espírito Santo durante sua vida neste mundo. A resposta será igual. Ele se esconde, mas é de seu seio que jorram rios de água viva, de verdade, amor, justiça, fidelidade e perseverança (Cf. Is 45,15; Jo 7,38).

Os dons de Deus são muitos e diversos, tanto no plano pessoal, quanto em qualquer união operativa de pessoas, mas o Espírito é o mesmo, fonte de vida eterna (1Cor 12,4). Nas condições humanas, esta atuação fundamental se torna um processo contínuo de conversão e purificação, no qual o Espírito de Deus faz entender melhor a verdade, clareia e purifica as consciências e corrige e endireita os rumos da vida das pessoas e dos povos. Como parte da humanidade, os cristãos têm uma responsabilidade especial nesta história, pela sua abertura, seu espírito de diálogo e paz e sua paciência de comunicar a razão de sua esperança aos outros (Cf. 1 Pd 3,15). A consciência de que neles também a carne, no sentido paulino, tem aspirações contrárias ao espírito se completa pela descoberta humilde de tudo quanto há de comum humano na Igreja e em todos os que não pertencem ainda por opção pessoal ao Corpo de Cristo e pela confiança de que o Espírito Santo socorre a fraqueza humana (Gl 5,17; Cf. Rm 7,14-23; 8,26ss).

A PERGUNTA QUE FICA

Se esta reflexão contém alguma verdade, por quê a Igreja aproveita tão pouco de toda a comunicação do Espírito Santo nas consciências éticas dos cristãos e não-cristãos? O Magistério fala, o moralista explica, o povo obedece, é uma caricatura injusta da história eclesial.

De fato, não se trata apenas do problema do formar opinião pública ética entre o

Povo de Deus e escutar sistematicamente o que o Espírito fala a cada Igreja local, a cada povo em cada cultura. Surge de novo a afirmação do Concílio Vaticano II: Em seu múnus profético, o conjunto dos fiéis, ungidos que são pela unção do Espírito Santo, não pode enganar-se na fé quando

apresenta um consenso universal sobre questões de fé e costumes (L.G. 12). Especialmente nas áreas de sua vida própria e competência, os fiéis, leigos (as), religiosos (as) são sujeitos ativos e responsáveis da fé e da ética cristã, com direito de participarem nos processos decisórios.

LITERATURA SUGERIDA

J. Reiter, *Modelle cristozeptrischer Ethik*, Dusseldorf; Patmos, 1984.

G. Holotik, *Die pneumatische Note der Moraltheologie*, Wien; V W Goe, 1984. Pp. 178-243 / 244-275.

S. Pinckaers, *L'instinct de l'Esprit au coeur de l'éthique chrétienne*, em AAVV, *Novitas et Veritas Vitae*, Paris: Cerf, 1991, pp. 213-224.

André Guindon. *Le développement moral*, Paris: Desclée, 1989.

R. Duska, M. Whelan, *O desenvolvimento moral na idade evolutiva*, São Paulo, Loyola, 1994.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A primeira parte do artigo oferece elementos psicológicos e antropológicos importantes para se chegar a uma compreensão adequada da consciência ética e de seu desenvolvimento. Depois de refletir sobre as idéias aí expostas, procurem discutir em comunidade aqueles aspectos que considerem mais importantes para a vida das pessoas e do grupo comunitário.
2. O artigo faz uma densa síntese do que se poderia considerar elementos básicos de uma pneumatologia do Novo Testamento, destacando a atuação do Espírito Santo na vida de Jesus e na vida dos

seguidores de Jesus. Esta síntese tem quatro eixos: — Jesus, centro normativo da moral cristã? — O santo operar do grande “Ausente”. — O instinto do Espírito Santo. — O instinto da consciência ética. Depois de uma leitura meditativa do texto, procurem partilhar como comunidade os aspectos de cada um desses quatro eixos que mais questionaram as pessoas e a comunidade.

3. Quais são para você e sua comunidade os principais desafios que emergem da leitura do texto seja na linha da formação seja na linha da missão?

O ESPÍRITO DO SENHOR ESTÁ SOBRE MIM EVANGELHO DE LUCAS

Irmã Rosana Pulga, FSP
Belo Horizonte, MG.

Lucas escreve para comunidades sob o domínio do Império Romano, num período de perseguição, onde é proibido ser cristão.

O Projeto Rumo ao Novo Milênio está caminhando muito bem, graças ao empenho de muitas pessoas. Em 1997 foi Marcos quem orientou nossa caminhada na estrada de Jesus. Em 1998 é Lucas quem nos introduz na casa da misericórdia onde se alcança a salvação.

QUEM É LUCAS?

Quando Lucas descreve as viagens de Paulo nos Atos dos Apóstolos, a certo ponto ele se inclui dizendo: “nós partimos...” (At 16,10), isto indica que ele é companheiro de Paulo, pelo menos em algumas de suas viagens missionárias. De acordo com algumas cartas, esteve com ele na prisão (Cl 4,14; Tm 2,4; 2Tm 4,11). A partir de seus escritos podemos deduzir que Lucas não é judeu, mas grego, e segundo a carta aos colossenses, seria médico (Cl 4,14). Lucas é um homem que se entusias-

mou pela pessoa de Jesus e se apaixonou pelo seu projeto. Este é o fato mais importante. Ele não conheceu o Jesus histórico que atuou na Palestina. Sua experiência foi com o Cristo da fé através de missionários, como Paulo, Barnabé e Silas. De missionárias como Lídia e Priscila.

Percebe-se nos escritos de Lucas que ele é uma pessoa muito culta e sensível. Conhece bem a Bíblia e é bom escritor. Ele dedica sua obra a “Teófilo” (Lc 1,4; At 1,1). “Teófilo” pode ser apenas um personagem literário, a palavra vem da língua grega e significa “amigo de Deus”. Portanto, pode ser um missionário amigo de Lucas, ou alguém que o apoiou ou ajudou no seu trabalho. Também pode ser toda pessoa que adere ao Evangelho de Jesus. Podem ser as comunidades! Elas, de fato, são verdadeiras “amigas de Deus”, os “Teófilos” de verdade.

QUANDO E ONDE LUCAS ESCREVE SEU EVANGELHO?

Lucas não foi o primeiro a escrever um “evangelho”. Ele tem muita consciência disso, pois ele mesmo diz que: “muitos tentaram escrever os fatos ocorridos entre nós...” (Lc 1,1). Bem antes dele Marcos escreveu o seu “Princípio do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de

Deus" (Mc 1,1), em Roma ou na Síria (?), em torno dos anos 70 d.C.

Lucas escreve mais tarde e em outro lugar, num outro contexto sócio-político-econômico e ideológico. Ainda não temos certeza do local geográfico. Parece que foi fora da terra de Jesus, a Palestina. Provavelmente em Antioquia da Síria, na Grécia ou na Turquia como o deixam entrever seus escritos. Já passara a primeira e a segunda geração de cristãos. As pessoas são outras e os costumes também. Ele escreve para comunidades que estão sob o domínio do Império Romano e num período de perseguição, onde é proibido ser cristão. Portanto, um tempo muito complicado. Alguns já não têm coragem de confessar o nome de Jesus diante dos poderosos. Outros já esfriaram no seu primeiro amor. Outros ainda desistiram de fazer o bem e caíram na rotina. Começam a surgir as primeiras heresias. Esta é a situação da década de 80 d.C. Então Lucas sente necessidade de animar os "Teófilos", por isso escreve o Evangelho que vem completado com os Atos dos Apóstolos. Lembra aos missionários e missionárias o projeto de Jesus. A grande alegria da salvação. Mostra o rosto misericordioso do Pai. A ação do Espírito Santo e a missão da Igreja de estender o Reino de Deus a todas as nações. Lucas quer infundir confiança nas comunidades. Espera que elas sejam misericordiosas como Jesus. Ele quer que verifiquem a solidez do caminho no qual estão andando (Lc 1,4). (A primeira pessoa que atribuiu esta grande obra a Lucas foi o bispo santo Irineu, por volta do ano 180 d.C.).

As comunidades estão sendo sacudidas pela ideologia do império romano e questionadas pelo projeto de Jesus. Há gente rica, muito rica. Que faz festa e se banqueteia o dia inteiro. Há gente pobre, muito pobre que não tem onde reclinar a cabeça. Há gente que não recebe nem as sobras da mesa dos ricos (Lc 16,19-31). Há exclusão! E o pior é que estes contrastes entram na própria comunidade. Como fazer então?

- Que significa para a comunidade viver segundo os critérios de Jesus?
- A comunidade corre o risco de virar espiritualista (Amém! Aleluia!), de criar categorias separadas de cristãos (eu sou deste movimento, eu sou daquele), de "perder" os mais ricos e a característica da partilha, ou de frustrar a esperança dos mais pobres. Como resolver estas questões?
- Será que esta preocupação de Lucas ainda tem sentido hoje? Como? Quando?

Lucas sabe que as comunidades são santas e pecadoras. Ele quer encorajá-las à misericórdia, ao perdão e à conversão (exemplo Lc 8, 43-48).

ELE ME UNGIU PARA A MISSÃO

O evangelho de Lucas cita o profeta Isaías e fala que Jesus recebe a unção do Espírito do Senhor. Ele lhe dá força e o impulsiona para a missão. E, desta maneira, Jesus é confirmado no seu batismo.

É bom refletir e aprofundar o sentido do Espírito Santo no Evangelho Lucas. Devido à importância que Lucas dá ao Espírito Santo, o seu Evangelho é também chamado de "Evangelho do Espírito Santo". É o Espírito do Senhor quem confere a Jesus a "unção" para a missão, para que ele possa abrir os olhos cegos; os ouvidos surdos; libertar das prisões e anunciar o "ano da graça do Senhor" (Lc 4, 18-19).

Lucas é um teólogo do Espírito Santo. O Evangelho e os Atos dos Apóstolos são experiências onde o Espírito Santo deixou marcas fantásticas. No início do Evangelho já se sente sua presença discreta, mas eficaz.

"Espírito de Deus tinha agido sempre na história. Uma de suas especialidades tinha sido suscitar profetas. Mas na época de Jesus,

a situação era tão difícil que era comum as pessoas pensarem que o Espírito tivesse se retirado e não agia mais. Esperava-se, então, que Ele fosse “derramado” abundantemente quando chegasse o Reino de Deus. Mas isso no futuro...” (Hoje a salvação entra nesta casa, CNBB, Paulinas, 1997).

O Espírito Santo vai revolucionar a história da salvação. Jesus vai agir com a força deste Espírito (4, 14). Os apóstolos os seguidores e seguidoras de Jesus receberão esta mesma força. (At 2,1-13) e farão prodígios (At 2,43; 5,12 etc.).

Lucas mostra que o Espírito Santo está em ação. Basta ter olhos abertos. É graças à assistência perene do Espírito Santo que a Igreja proclama a *ressurreição* de Jesus como esperança para a humanidade. Como verdade que vence o erro, vida que vence a morte, justiça e paz que derrotam o ódio e a violência. Como a única libertação capaz de transformar as pessoas e as estruturas sociais. É *hoje* que Ele está agindo. A velha esperança está se realizando *agora!* Sabemos que a palavra Evangelho vem da língua grega e significa *BOA NOTÍCIA!* Lucas apresenta para as comunidades cristãs dos anos 80 d.C., a Boa Notícia do Espírito Santo. Certamente em nossa cabeça surge logo uma pergunta: mas quem é o Espírito Santo? Na definição teológica ele é a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Esta definição é muito difícil. Lucas apresenta o Espírito do Senhor como “ação” agindo em Jesus e na comunidade expressando-se como fogo, força, luz, consolo, alegria, paz, sabedoria, sopro de Deus. No Evangelho de Lucas o Espírito Santo deixou marcas fantásticas. Vamos verificar!:

- envolve João Batista desde o seio materno (1,15);
- faz a Palavra se encarnar no ventre de Maria (1,35);
- faz João Batista saltar de alegria no seio de sua mãe Isabel (1,41);

- faz Isabel reconhecer a presença da salvação no ventre de Maria (1, 43-45);
- faz Zacarias prorromper num cântico de ação de graças, pela visita de Deus ao seu povo (1,67-79);
- abre os olhos do velho Simeão e lhe faz enxergar a salvação prometida (2,30);
- faz a profetisa Ana falar do “menino” a todos os que esperavam a salvação de Israel (2,38);
- faz João Batista anunciar aquele que batizará com o Espírito Santo e com o fogo (3,16);
- enche Jesus de fortaleza e paz e o faz sentir-se “Filho muito amado e gerado por Deus” (3,21-22);
- fortalece Jesus diante das tentações e o conduz para um justo discernimento (4,1);
- consagra e unge Jesus para a missão e lhe dá força para realizar o projeto do Pai (4,18-19, ver também Is 11,2-3; 61,1-2);
- produz em Jesus gozo e alegria diante da abertura dos pobres e simples à Palavra de Deus (10,21);
- ele dá segurança diante dos acusadores e ensina o que responder aos principados e autoridades (12,11);
- Jesus promete que o Pai dará o Espírito Santo aos que lho pedirem (11,13; 24-49);
- Lucas nos diz que Jesus também adverte: quem se fechar à ação do Espírito Santo e se recusar à ação de Deus, enfraquecerá na fé e nas obras da fé e se dará mal (12,10; veja também 1 Sm 16,14);

Para Lucas só pode conhecer Jesus e receber a salvação os que se abrem à ação

do Espírito Santo. Serão “ungidos” com a força de Deus que os impulsionará a fazerem as obras que Jesus fez. Estes são suas discípulas e seus discípulos. Estes são verdadeiramente felizes!

- ♦ Quem é o Espírito Santo? Que significado ele tem na minha vida?
- ♦ Como percebemos sua ação na vida da comunidade?
- ♦ Como se expressa a vivência da “unção” do crisma?
- ♦ Que motivos temos hoje para exultar de alegria no Espírito Santo?

➤ Oração ao Espírito Santo

- *Espírito de Deus, enviai dos céus um raio de luz!*
- Vinde, Pai dos pobres, dai aos corações vossos sete dons.
- Consolo que acalma, hospede da alma, doce alívio, vinde!
- No labor descanso, na aflição remanso, no calor aragem.
- Enchei, luz bendita, chama que crepita, o íntimo de nós!

- Sem a luz que acode, nada o homem pode, nenhum bem há nele.
- Ao sujo lavai, ao seco regai, ao doente curai.
- Dobrai o que é duro, guiai no escuro, o frio aquecei.
- Dai à vossa Igreja que espera e deseja vossos sete dons.
- Dai em prêmio ao forte uma santa morte, alegria eterna. Amém.

O HOJE DE DEUS NO CHÃO DA HISTÓRIA

“Enrolou o livro e o entregou ao servente. Sentou-se e começou a dizer: “Hoje se cumpre essa passagem da Escritura que acabais de ouvir” (4, 20-21).

Lucas não é nenhum historiador, no sentido que se entende hoje. O que Lucas quer fazer é olhar a história com o olhar de Deus e fazer uma interpretação dos acontecimentos. Ao fazer isto ele se torna um teólogo da história. Ele quer mostrar para os seus “Teófilos” que Deus está na história numa ação contínua e presente. Para Lucas Deus é presença, Deus é ação, é misericórdia, é salvação. Por isso ele interpreta:

HOJE se cumpre a Escritura

Lucas chama a isto HISTÓRIA DA SALVAÇÃO que acontece em três “tempos”:

Tempo das promessas (Lei e Profetas)

Tempo de Jesus (Vida-Morte-Ressurreição)

Tempo da Igreja (Espírito Santo e Missão)

→ já se cumpriu o Antigo Testamento

→ Já começou o Novo Testamento

→ Já se vislumbra um futuro novo

Portanto, ele apresenta um Deus conseqüente: promete, cumpre e continua presente. Acompanha até a consumação definitiva da história (parusia). Deus não se contradiz. Não esquece as promessas feitas no passado e as cumpre em Jesus (4,12; 24,26). Ele acompanha fiel e pacientemente seu povo em toda a história da salvação. Lucas mostra a continuidade desta cadeia de acontecimentos que se sucederam e se sucedem no cenário da história humana (cf. Sb 19,22).

JESUS CHORA SOBRE A CIDADE

*“Ah! Se tu também compreendesses hoje o que te pode trazer a paz!
Isto porém está escondido a teus olhos”
...não reconheceste o tempo em que foste visitada!” (19,42-44)*

O Jesus de Lucas é extremamente humano. Caminha à frente, firme e decidido. (19,28). Quando chega perto do monte das oliveiras pára. Lança um olhar sobre a cidade de Jerusalém. Cidade maravilhosa, aclamada por Davi. Cantada e rezada nos salmos. Cidade que enchia de alegria e saudades os peregrinos (Sl 122 (121). Cidade de Deus (Sl 48 (47)! Chorada pelo povo no exílio da Babilônia (Sl 137 (136). Jesus, lança um olhar cheio de ternura e misericórdia sobre a grande Jerusalém e chora (19,41). É um ato profundamente humano e comovente. Mas por que Jesus chora ao ver Jerusalém? Certamente Jesus amava esta cidade, pois ele também tinha ido em peregrinação com seus pais quando era adolescente. Tinha voltado lá quando adulto. Tinha rezado e ensinado no Templo. Então por que chora? O choro de Jesus sobre a cidade não se explica só pela emoção de ver a cidade querida. O choro de Jesus é mais profundo, mais humano. É amor verdadeiro!

Jesus sente seu peito comprimir-se de tristeza e de misericórdia ao ver a dura realidade da “cidade santa”. Tem um profundo desejo que também nesta casa possa entrar *hoje* a salvação. Ah! Se Jerusalém reconhecesse quem pode lhe trazer a paz!

Pedi a paz para Jerusalém:
Que tuas tendas repousem,
E haja repouso em teus palácios!”

Por meus irmãos e meus amigos
Pela casa do Senhor nosso Deus
Eu desejo: “A paz esteja contigo!”
Eu peço: “Felicidade para ti!”
(Sl 122 (121),6-9)

Jesus não tem ilusões, mas não deixa afogar em seu coração o desejo de salvar também aqueles que vão crucificá-lo.

AGORA PORÉM ISTO ESTÁ ESCONDIDO AOS TEUS OLHOS

Há um luxo que não deixa enxergar. O Templo é uma maravilha. É o centro político-religioso. É a atração das nações. E é também o único espaço de liberdade nacional. Os dominadores podem mexer em tudo, menos no Templo. Há muito luxo aí também (21,5). Mas Jesus não se encanta com isso. Antes fica triste com o que vê (20,45-47; 21,1-4). Este Templo já foi destruído 600 anos antes e agora está na iminência de cair outra vez nas mãos dos poderosos. Jesus diz: “virão dias em que não ficará pedra sobre pedra”. Como não chorar?!

Há uma estrutura que explora os pobres. Na verdade ele está impedindo o povo de encontrar aí a “casa de oração, a casa de todos”. Fizeram dela um “antro de ladrões” um espaço de aluguel e exploração. Jesus começa a expulsar o mal, a injustiça e purifica a casa de Deus porque ela é a casa do povo. Como não chorar?!

Há opositores do Reino de Deus. Jesus encontrou opositores desde o início de sua missão, mas agora em Jerusalém encontra-os reunidos e articulados. Sempre prontos a armar-lhe ciladas. Espreitando tudo o que Jesus diz e faz para apanhá-lo em culpa e condená-lo à morte. Jesus vê nesta organi-

zação o poder que mata os profetas e devora os pobres (20, 9-19). Como não chorar?!

- Os discípulos e discípulas que o seguem na firme decisão de evangelizar a cidade não devem esperar outra sorte. Como não chorar?!
- Como Jesus age nestas situações? Qual é sua metodologia para evangelizar a cidade?
- Jesus choraria ao ver nossa cidade? Por quê?

SE COMPREENDESSES O HOJE DE DEUS!

Jesus entra em Jerusalém montado num jumentinho. Entra humilde e pobre e os pobres e humildes o reconhecem e o aclamam. Estendem seus mantos surrados, mas coloridos, abrem ala e fazem festa. Gritam de alegria: "Bendito aquele que vem em nome do Senhor!".

Depois Jesus sobe até o portal do Templo onde está o cofre das ofertas. Senta-se e observa: os ricos jogam dentro moedas e as fazem ressoar em todo o Templo. Querem que todos saibam do seu grande gesto. Os pobres, oferecem de sua penúria no mais absoluto silêncio. Jesus vê a humilhação do seu povo, mas vê aí sinais de *esperança*: mantos surrados, gritos de alegria, pequenas moedas, a presença da mulher, a sede pela Palavra de Deus, a partilha dos bens. Os grandes não compreendem o *hoje de Deus*. Isso mexe com a opinião pública e apavora os poderosos. "Eu porém vos digo, se eles se calarem as pedras gritarão. Hoje a salvação entra nesta casa! ...muito foi perdoado porque ela demonstrou muito amor!". Jesus sente-se protegido pelos pobres e pelo povo (19, 47-48). Durante o dia sente-se protegido pelo povo, à noite refugia-se fora da cidade (21, 37-38).

Jesus prepara seus discípulos e discípulas para enfrentarem a missão quando sua pessoa não estiver mais junto deles. Dá-lhes

clareza e anima-os a perseverarem nela, sabendo que enfrentarão perseguições, incompreensões, desafios, até no ambiente familiar (21,12-19). Por outro lado ensina-os a olhar confiadamente para o futuro (21,28). Jesus não deixa morrer a esperança!

Perfil das comunidades no tempo de Lucas:

1. Comunidades urbanas e não rurais como as da Palestina (At 15,36).
2. Comunidades com ricos e pobres (Lc 6,20-23. 24-26; 12,16-21; 16,19-31).
3. Cristãos convertidos, mas ainda ligados às instituições do império romano (Lc 7,1-10).
4. Grande atuação das mulheres (Lc 7,36-50; 8,1-3; 10,38-42; 13,10-17; 15,8-10). Revela um contexto de marginalização da mulher e de sua significativa presença nas comunidades.
5. Situação de desânimo (Lc 24,13-35). Por volta dos anos 80 as comunidades viviam conflitos, desânimo, desistências, dúvidas se Jesus era mesmo o Salvador prometido. Será possível essa convivência fraterna e igual para todos como foi proposta por Jesus?

Alguns dos objetivos que as comunidades de Lucas se propõem a alcançar:

- Ajudar a alcançar a confiança na caminhada e na missão.
- Mostrar o lugar da comunidade (Igreja) na história da salvação universal.
- Acentuar as relações entre o Antigo e o Novo Testamento.
- Encorajar a comunidade a viver a conversão.
- Mostrar o valor do tempo presente, o *hoje de Deus*.
- Ressaltar a opção preferencial de Jesus pelos pobres.
- Apresentar o rosto misericordioso de Jesus salvador.

A COMUNIDADE DE JESUS SE TORNA UM ESPELHO PARA LUCAS. TANTO NO EVANGELHO COMO NOS ATOS DOS APÓSTOLOS. ELE VALORIZA OS PEQUENOS, A MULHER E A RELIGIÃO-SERVIÇO. DESSE MODO ELE APRESENTA JESUS AGINDO E A PROPOSTA DELE PARA SUAS SEGUIDORAS E SEUS SEGUIDORES OS QUE VÃO CONTINUAR SUA MISSÃO LIBERTADORA.

- Quais são os sinais de esperança que encontramos hoje em nossa missão?
- Já fizemos algum gesto concreto para evangelizar nossa cidade?
- Que é preciso para compreender o hoje de Deus?
- A nossa comunidade tem *objetivos* que se propõe a alcançar? Está conseguindo?

Pode-se fazer a Leitura Orante do texto de Zaqueu (19,1-10).

Ou da mulher que sofria do fluxo de sangue (8,43-48).

Preparar bem o ambiente: Bíblia aberta, flores, vela e outros símbolos de acordo

com o texto escolhido. Escolher também algum canto.

Seguir estas ou outras perguntas:

De quais assuntos o texto está falando?

Que personagens aparecem e o que fazem?

O que o texto diz para mim, para nós, para nossa comunidade?

O que ele nos faz dizer a Deus? (em forma de oração)

Que compromisso ele nos (me) sugere?

Nota: Este estudo ficará mais completo se for enriquecido com a leitura atenta do livro lançado pela CNBB: *Hoje a salvação entra nesta casa*, Paulinas, 1997. Ele é o texto-base de estudo do Projeto Rumo ao Novo Milênio para 1998.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

CNBB, *Hoje a salvação entra nesta casa, o Evangelho de Lucas*, Paulinas, SP. 1997.

GEORGE, A, *O evangelho de Lucas*, Ed. Paulinas, SP. 1982.

CNBB/SAB *Curso Bíblico Popular, o Evangelho de Lucas*, Paulinas, 1998.

SAB, *O Evangelho de Lucas para as comunidades eclesiais e educativas*, Paulinas, 1998.

VITÓRIO J., *A Palavra partilhada — ano B*, Paulinas, 1997.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

Após uma leitura orante do artigo, procure refletir em comunidade sobre o seu conteúdo e responder às seguintes perguntas:

1. Que significado tem o Espírito Santo na minha vida?

2. Como percebemos sua atuação na vida da comunidade?

3. Quais são os sinais de esperança que o Espírito Santo nos leva a perceber hoje em nossa missão?

EDUCAÇÃO PARA A JUSTIÇA E A SOLIDARIEDADE

Jussol — SP

“Viver e não ter a
vergonha de ser feliz
Cantar a beleza de ser
um/a eterno/a aprendiz”

Gonzaguinha

INTRODUÇÃO

Está em discussão um “velho” tema: educação. O que é educar? Para que educar? A quem educar? Quem educar? Estas questões logo remetem-nos à memória do educador que esse país conheceu, mas que, no entanto, não tanto reconheceu: Paulo Freire. A educação abre horizontes e perspectivas. Por que então sofremos ainda hoje exatamente a falta de perspectivas e de horizontes? Que concepção temos de educação? Como a temos tratado? Qual o valor que a ela temos dado? Que posição temos ocupado nesse mundo: de um ser sedento de sólida aprendizagem ou de um ser passivo de lições inúteis? Nas mãos de quem está o destino da humanidade e do mundo, da nossa gente e do nosso país, das próximas gerações e do universo?

A identidade da Vida Religiosa remete-nos ao desenvolvimento e ao esforço por uma humanização integral que sempre teve na história um cunho formador-educacional marcante, em vista de comunicar algo da busca e da aprendizagem dos valores máximos da existência do ser. O processo de humanização integral é, por si mesmo, fator de crescimento, de liberdade e meta

da vida humana. Por isso, esse mesmo processo é também determinante na Vida Religiosa, no seguimento de Jesus Cristo.

O mundo muda mais rápido que a nossa percepção dele. Os desafios contemporâneos exigem de nós uma nova compreensão de tudo, muito mais ampla e abrangente da que nossa prática tem respondido, muito mais na perspectiva de uma conscientização integralizadora, que nos aproxime de uma resposta igualmente total, micro e macro, por exemplo, uma concepção de educação como processo contínuo de aprendizagem, uma interpretação de educação a partir de uma visão de justiça e solidariedade.

As mudanças da história provocam em nós, religiosas e religiosos, uma profunda renovação, no nosso jeito de viver e no de educar, quer nas instituições educacionais ou nas atividades de educação popular, quer no serviço pastoral ou no companheirismo em algum setor da sociedade, quer pelo testemunho nas relações comunitárias, gerando pessoas livres. Será que estamos promovendo em nosso meio, no mundo, a pessoa nova, o ser humano novo à imagem de Cristo, o irmão universal?

Somos formadoras e formadores, todos nós, desde nossa presença num chão concreto, num tempo e espaço definidos, desde nossa percepção de mundo. Somos educadoras e educadores, todos nós. Comunicamos, sempre. A questão é como ser, hoje, educadora, educador? Como pensar, ou repensar, a profissionalização? Como educar para a Justiça e a Solidariedade e não apenas preparar profissionais para o mercado?

EDUCAÇÃO PARA A JUSTIÇA E A SOLIDARIEDADE

VER E JULGAR

Pós-Modernidade

Contexto marcado por mudanças radicais. Mudanças não apenas para a vida do gênero humano, mas para todas as formas existentes de vida. No mundo pós-moderno, todas as coisas estão interconectadas. Nesse período, quando então os conceitos e padrões estabelecidos pela modernidade entram em colapso, concluímos que precisamos de uma nova visão de mundo. A confiança demasiada na razão e a imagem do mundo como algo funcional, passível da manipulação humana, levou-nos ao racionalismo, à fragmentação, ao mecanicismo, à intolerância ao diferente, ao dualismo, ao antropocentrismo, ao androcen-trismo, ou reducionismo.

Um dos meios para tomarmos consciência do grau que os novos valores estão recebendo em nossa escala é a educação. Hoje é inconcebível uma educação isolada. Todo o trabalho educativo, se deseja ser influente na promoção da vida, tem que ser pensado globalmente e agir localmente.

Exclusão social

A Campanha da Fraternidade nos convoca para o espírito e a prática solidária. O que significa ter o nosso país uma população de 22 milhões de pessoas que não dominam a leitura ou que com dificuldade assinam o próprio nome? A cidadania de cada uma dessas pessoas, mulheres e homens das mais diversas idades, está comprometida. Sofrem limitações diárias, vivem na dependência das pessoas letradas, o que é motivo de vergonha para algumas. Isso é uma injustiça. Quem teria, na verdade, de se envergonhar? A falta de condições econômicas, condições que deveriam garantir a escolaridade, provoca o não acesso ou o abandono da educação formal. Ensino, hoje, significa mercadoria. E de alto custo. O esforço sobre-humano de agentes educacionais que lutam muitas vezes no anonimato em favor de quem ainda insiste, em meio a grandes sacrifícios, em continuar os estudos, reclama por apoio

governamental concreto, por uma real valorização da sua força de trabalho. Isso também é uma injustiça. São pessoas que por vezes surgem na tela de nossos televisores como heroínas e heróis. Meninas e meninos, adolescentes e jovens que nas grandes (e já nas cidades médias) fazem da rua sua casa e sua "escola" de vida, que na área rural são obrigados a abandonar a escola pelo trabalho no campo e alguns entre eles e elas sonham com a vida na cidade,... toda essa população nos interpela, questiona sociedade e governo quanto ao seu compromisso de incluí-la na cidadania ativa e participativa a que têm direito pleno e constitucional. O desânimo e a falta de estímulo que sofre essa população leva-a a uma compensação fácil e destruidora, ou pelas drogas, no consumo ou no tráfico, pela criminalidade, promiscuidade, exploração sexual, e por outras vias "alternativas", que surgem de tempos em tempos, trazendo novas doenças, novas drogas, novas maneiras de autodestruição.

Política

As decisões políticas tomadas e a política salarial adotada não tem sido à altura dos desafios que o quadro educacional brasileiro nos impõe. Precisaríamos de uma campanha governamental massiça e nacionalmente assumida, em todos os cantos e recantos desse país, contra o analfabetismo, contra os salários mesquinhos, contra a exclusão social, em favor de uma população relegada, em favor também de toda a nação, em nome da justiça e solidariedade, em nome da vida, em nome das próximas gerações.

Estamos carecendo urgentemente de uma política pública eficiente e eficaz, em áreas de extrema importância como educação e saúde.

Existem várias formas de analfabetismo, não só o letrado. Há o analfabetismo político (Bertold Bretch que o diga), o analfabetismo ecológico, o analfabetismo de gênero, o analfabetismo cultural, o analfabetismo religioso, o analfabetismo universal, e podíamos ainda citar outros. Quem não conhece a linguagem da vida, como vai sobreviver?

Quem não deseja aprender o “bê-a-bá” da vida na terra, como vai sobreviver?

Tecnologia

Não podemos nos equivocar quanto ao avanço e aos recursos mil que a revolução tecnológica trouxe; sim, eles são um bem. Porém, o valor que se dá à tecnologia é desproporcional, a soma de investimentos no mercado tecnológico é gigantesca, e quão pouco se investe na qualidade de vida, principalmente humana. Podemos falar de responsabilidade? De culpa? A tecnologia trouxe consigo o consumismo. A mensagem veiculada pelos meios de comunicação tem conseguido seduzir o/a consumidor/a, transformando-os em consumistas, e em alguns casos crônicos. Propagandas de produtos cada vez mais sofisticadas têm “feito a cabeça” de muita gente, tem educado crianças, adolescentes, jovens e adultos. Perguntamo-nos se ela já estaria “substituindo” a educação familiar, a educação escolar, a educação social, a educação religiosa, a educação popular? Está ela penetrando nos espaços privilegiados da vida humana onde a relação de amor, de amizade, de comunhão tem sua especificidade, espaços que julgamos insubstituíveis?

Cultura

O aspecto cultural tem igualmente corrido risco. As idéias e os valores que têm povoado a mentalidade da população em geral são tão diversos e dispersos que se fala hoje de uma cultura superficial. Vive-se em clima de amedrontamento e de autoprotecionismo contra a violência (que, por vezes, acaba ocasionando efeito contrário ao desejado). Esta conduta interfere direta e profundamente em nosso comportamento cotidiano. Desenvolvemos, então, entre nós uma cultura da violência e da agressividade. O objetivo da educação aqui é visivelmente o de resgatar as nossas verdadeiras raízes culturais, nas quais a paz, a verdade e a justiça determinam nossas relações.

Somos um país historicamente multicultural e multirracial. A cultura é a identidade de um povo, é a sobrevivência de uma nação. Que rumo tem tomado a ação educativa nesse país? A “lei de Gerson”, a ausência de justiça nas instituições do poder constituído (casos há por demais a serem apontados; nossa indignação lembra, por exemplo, a sentença judicial dada aos jovens que queimaram vivo o índio pataxó Galdino), a grave falta de ética nas decisões políticas, tudo isso leva-nos a um esvaziamento do sentido da justiça e do compromisso com a cidadania.

Estamos nos aproximando da memória dos 500 anos de Brasil. Há muito o que se resgatar de nossas raízes históricas enquanto país multifacetado. Povo indígena, povo negro, povo europeu, povo oriental, povo mestiço. Povo da terra, povo do milho, povo latino.

Estamos urgentemente sedentas e sedentos de uma cultura da solidariedade e da partilha. A própria ausência de uma e outra já é em si um clamor. Quanto há que se resgatar...! A sabedoria e a preservação da cultura dos povos indígenas sempre se basearam na tomada de decisões pensando na sétima geração. Isso é pensar no futuro, prática cultural já há muito tempo por nós esquecida.

Integridade e Integralidade da Criação

O pensamento ecológico está ficando cada vez mais forte, as pessoas estão se dando conta que as questões do quadro real geral estão relacionadas entre si. A cada dia desaparecem no mundo 10 espécies de seres vivos. A cada dia no mundo todo 40 mil crianças morrem de desnutrição e doenças evitáveis. São partes de uma realidade maior, que inclui economia, meio ambiente e a grande dívida de países pressionados pelo Banco Mundial ou pelo Fundo Monetário Internacional. A nossa floresta amazônica sofre uma destruição equivalente a um campo de futebol por segundo, e o desmatamento, seguido de queimada, é uma das causas do efeito estufa na atmosfera.

Nesse final de século surge uma nova teoria que coloca suas afirmações numa estrutura coesa e coerente. É a chamada teoria dos sistemas, dos sistemas vivos, de todos os seres vivos, bem como os sistemas sociais e ecossistemas. A teoria dos sistemas pensa nos princípios de organização, percebendo os sistemas vivos como um todo. Ela vem contribuindo muito na compreensão das ciências que lidam com a vida. A teoria dos sistemas reconhecendo a rede de relações como a essência de todas as coisas vivas.

Sustentabilidade é a capacidade de satisfazer as necessidades e aspirações sociais e culturais sem diminuir as chances das futuras gerações. A Carta do Direito das Gerações Futuras, em seus cinco artigos, escrita por filósofos, biólogos, físicos, oceanógrafos, entre eles, Jacques Cousteau, declara que as gerações futuras têm direito a uma terra sem contaminação e destruição, que cada geração tem o dever de evitar danos irreparáveis ao meio ambiente, que cada geração tem a responsabilidade de manter uma avaliação e vigilância constante sobre atos próprios e alheios, que cada geração se empenhe para que sejam tomadas as medidas para garantir esses direitos e que governos, organizações não governamentais (ONGs) e indivíduos deverão utilizar todos os seus recursos e imaginação para perpetuar esses princípios.

Relações de Gênero

Poderíamos chamar a ação de educar para a vida, para a compreensão e prática de direitos iguais de "generificar".

As características vulgarmente conhecidas como femininas e masculinas, distintas umas das outras, são na verdade resultado de uma construção social ocorrida ao longo dos tempos. A natureza humana é uma só para a espécie humana. Mulher (fêmea da espécie humana) e homem (macho da espécie humana) são seres diferentes nas suas características biológicas e anatômicas, mas seres semelhantes em sua essência humana, ou seja, na capa-

cidade racional, nos sentimentos, emoções, na expressão da sexualidade, próprios do gênero humano. A construção social ou psico-cultural foi quem se encarregou, erroneamente, de atribuir à mulher as características mais sensíveis e ao homem, as mais racionais.

Relações de gênero verdadeiras são relações justas. Mulheres e natureza estão intimamente vinculadas em nossa cultura; ambas têm sido relegadas à matéria e à corporeidade, conseqüentemente à subordinação e à dominação. Ambas são geradoras de vida e, como tal, sujeitas a servir às necessidades de uma sociedade androcêntrica (centrada no ser masculino, o homem). A perspectiva feminista concebe uma visão de mundo no qual o princípio feminino, de essência geradora de vida, recria e regula todas as coisas. A mulher, através dos tempos, tem preservado essa concepção, conscientemente ou não, na sua maneira de lidar com a vida, de se relacionar com as diversas formas e manifestações de vida, seja no grupo familiar, na atividade doméstica, no trabalho profissional, no grupo social ao qual pertence, na sua expressão cultural e religiosa, enfim, tem sido digna de crédito, muito mais que o homem, em sua identidade de verdadeira educadora. Ao homem, com quase total acesso ao poder, temos atribuído a destruição da vida, o controle desmedido sobre a existência dos seres, colocando em risco a sobrevivência do planeta. Nas mãos dos homens, o mundo tem se tornado frágil, doente, agressivo e sem esperança.

Resgatar a vida planetária significa promover justiça nas relações. Isso é tarefa educativa, a partir dos nossos relacionamentos cotidianos, da tomada de consciência de nossas pequenas ações, do tempo empregado no que fazemos, da qualidade de nossa vida comunitária, da avaliação de nosso caráter solidário, etc.

O grito da terra, da mulher, do índio, do negro e outros tantos formam um só clamor por uma EDUCAÇÃO que privilegie a VIDA, a JUSTIÇA e a SOLIDARIEDADE.

Espiritualidade

O que tem marcado esse tempo pós-moderno? Entre as características, destacamos a volta ao sagrado, ao religioso, ao transcendente. Deus tem sido motivo de muitas voltas, a razão das buscas de muita gente que, caindo ou correndo o risco de cair no reducionismo religioso que o racionalismo moderno provocou, quer voltar às fontes. Quer-se acreditar na "força que hoje faz brotar a vida", tenha ela o nome de paz, de união, de justiça ou de solidariedade, ou outro de mesma essência e princípio. Seja como for, é o Deus da Vida que é veementemente ansiado, pois é a vida que corre perigo, em tantas situações de injustiça, e por vezes tão cruéis, no Brasil e no mundo.

Deus é o Uno ou o Todo unificante que conecta todas as coisas. Religião é a vivência que religa tudo. Estamos na chamada era do Espírito. O Espírito é fonte de vida e abarca a totalidade humana e cósmica. Seu oposto é a morte. Busca-se, muito mais hoje, uma espiritualidade centrada na vida, que tenta valorizar a vida em todas as suas formas e manifestações. Devemos zelar por ela em atitude de gratidão e veneração. A maneira, então, que encontrarmos para determinar nossas relações vai em direção da sororidade, irmandade, amizade, comunhão e solidariedade. Todas as criaturas partilham o mesmo destino, todas têm o direito à cidadania no mundo.

Deus tem um sonho. O povo de Deus são muitos povos. E o sonho de Deus é um só para todos, e é também o nosso sonho. A espiritualidade macroecumênica nos remete para esse sonho, um sonho além do ecumenismo, além das fronteiras do cristianismo, em canal de diálogo amplo e aberto com todas as expressões de fé que alimentam uma prática de valorização da vida em todas as suas manifestações.

Deus, Espírito da vida, é em permanente epifania no mundo através da energia e vida contidas no contínuo e desdobrável processo cósmico. O Espírito Vivifi-

cador que estava presente na origem da vida (Gn 11,2) continua sua tarefa incansável de gerar vida. A redescoberta da tradição do Espírito Santo trouxe também a preocupação feminista e ecológica.

Jubileu do Novo Milênio

Sabemos que jubileu é sempre um anúncio, uma declaração de vontade para que Deus venha julgar e resgatar as dívidas que contraímos com Ele. É um colocar na balança da justiça divina todo o desequilíbrio provocado por nossas ações. É o mundo todo que viverá esse momento. Não será um momento digital, muito menos mágico ou milagroso. Mas um momento universal. Um tempo de renovação da aliança com o Deus da Vida. Biblicamente, o jubileu consistiu no:

- a) Descanso da terra
- b) Perdão das dívidas
- c) Liberdade para os cativos
- d) Devolução da terra ao legítimo dono.

O resgate das dívidas sociais e das condições de igualdade e liberdade dos filhos e filhas de Deus (Lv 25,8-12) exige de nós, desde já, uma séria e lúcida preparação.

AGIR

Pistas para uma prática educacional emergente

O Brasil está evidentemente atrasado. Onde se priorizou educação, o progresso sadio chegou, como também onde se concretizou a reforma agrária a democracia prevaleceu.

Mas já há muitos sinais à vista, e isso nos alegra e muito. Sinais de organização, no campo e na cidade, entre crianças e adolescentes, organizações de adultos e idosos. Há organizações ecológicas, grupos populares de saúde ou medicina alternativa que se multiplicam cada vez mais. A questão agrá-

ria vem sendo heroicamente assumida por pessoas organizadas no Movimento Sem-Terra (MST). A alternativa educacional, da mesma maneira, vem se desenvolvendo através de diversas organizações, como o Movimento de Educação de Base (MEB), diversos grupos de Alfabetização de Adolescentes, Jovens e Adultos.

As diversas pastorais têm dado seu grito teimoso no anúncio da vida em abundância. A Pastoral da Terra, a Pastoral da Saúde, a Pastoral Indigenista, a Pastoral da Criança, a Pastoral Operária, a Pastoral da Mulher Marginalizada, a Pastoral Afro, a Pastoral Carcerária, a Pastoral do Menor, e outras tantas e tantos outros serviços como o de Justiça, Paz e Integridade da Criação, o CIMI, o CEBI, e tantos mais. Quantas "Marias" educam sobre esse chão com seu testemunho, sua coragem, sua paixão pela vida, com sua profecia.

É ainda muito atual, e cremos sempre será, o ditado popular que diz: "Faça a sua parte que Deus o ajudará". A transformação começa quando acreditamos na mudança e fazemos a nossa parte, a parte que nos cabe. Nosso lugar nesse mundo é único. Cada pessoa ocupa um espaço e tempo próprios. Fazer a sua, a minha parte significa participar e engajar, de maneira autônoma e decidida.

Pensar globalmente e agir localmente é uma lição para o nosso tempo.

Uma nova ética chama as pessoas, como núcleo consciente da criação, a uma administração responsável da vida e do cosmos. Não percamos a memória do analfabetismo da cidadania que o cidadão brasileiro Betinho nos deixou e solidifiquemos a prática da partilha e da solidariedade.

Uma das possibilidades concretas que temos diante de nós, favorecida pelo fato histórico da invasão portuguesa em terras nativas brasileiras é a de trabalhar contra uma possível e já sinalizada indiferença nacional no tratamento da questão indige-

nista, afro e mestiça, trabalhar o anúncio da solidariedade com esses povos e trabalhar a denúncia da injustiça que contra os mesmos se comete até hoje.

Tomemos já em nossas mãos a lição e o desafio de encurtar a distância entre a proposta bíblica de Justiça e Solidariedade e prática educativa!

As diversas datas comemorativas são boas oportunidades para uma educação verdadeiramente conscientizadora para a justiça e a solidariedade. Registramos abaixo uma agenda continental e mundial de comemorações que nos ajudam no resgate de uma educação conscientizadora e uma prática solidária com as causas mais destacadas da contemporaneidade:

- Janeiro: 01 — Dia Mundial da Paz
30 — Dia da Não-Violência e da Paz
- Fevereiro: 11 — Dia Mundial do/a Enfermo/a
14 — Dia da Amizade
- Março: 08 — Dia Internacional da Mulher
21 — Dia Internacional pelo Fim da Discriminação Racial
- Abril: 07 — Dia Mundial da Saúde
08 — Dia em Memória do Holocausto de Judeus
17 — Dia Internacional da Luta Camponesa
19 — Dia Panamericano do Índio
22 — Dia da Terra
23 — Dia do Livro e dos Direitos de Autor/a
30 — Dia Nacional da Mulher
- Maiio: 01 — Dia Internacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras
08 — Dia da Cruz Vermelha Internacional
15 — Dia Internacional dos Objetores de Consciência
17 — Dia Mundial das Telecomunicações

25 — Dia da Libertação da África

31 — Dia Mundial sem Fumo

Junho: 04 — Dia Internacional das Crianças Vítimas Inocentes da Agressão

05 — Dia Mundial do Meio-Ambiente

21 — Ano Novo Andino

26 — Dia Internacional da Luta contra o Uso Indevido e o Tráfico Ilícito de Drogas

Julho: 11 — Dia Mundial da População

25 — Dia Nacional do/a Trabalhador/a Rural

Setembro: 08 — Dia Internacional da Alfabetização

28 — Dia da Bíblia

Outubro: 01 — Dia Internacional das Pessoas de Terceira Idade

16 — Dia Mundial da Alimentação

17 — Dia Mundial da Erradicação da Pobreza

Novembro: 20 — Dia Internacional dos Direitos da Criança

20 — Dia Nacional da Consciência Negra

25 — Dia Internacional contra a Exploração da Mulher

Dezembro: 01 — Dia Mundial da Luta contra a Aids

03 — Dia Internacional do/a Deficiente Físico/a

04 — Dia Internacional do/a Voluntário/a

10 — Dia dos Direitos Humanos

10 — Dia Internacional dos Povos Indígenas.

Dispensamos aqui o registro das comemorações já tradicionalmente agendadas e celebradas, pelo simples motivo de nossa familiaridade para com elas.

“As crianças em volta da fogueira vão aprender coisas de sonho e de verdade, vão perceber como se ganha uma bandeira e vão saber o que custa a liberdade”.

Martinho da Vila

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

São muitos os questionamentos que o texto lança para todos aqueles e aquelas que estão comprometidos com a prática educacional no País, particularmente religiosos e religiosas. Depois de ler atentamente o artigo, procurem responder em comunidade às seguintes perguntas:

1. Que concepção temos de educação?
2. Será que estamos promovendo em nosso meio, no mundo o ser humano

novo à imagem de Cristo, o irmão universal?

3. Que rumo tem tomado a ação educativa no País?
4. O artigo da terra, da mulher, do índio, do negro, e outros tantos formam um só clamor por uma educação que privilegie a vida, a justiça e a solidariedade. Até que ponto nossa missão educativa trata de responder a esse clamor?

1. ONDE ESTAMOS?

As bolsas de valores mundiais em queda: apreensões e efeitos na realidade brasileira

A economia globalizada e o livre mercado financeiro trazem surpresas, muitas vezes amargas. Assistimos, nesses últimos meses, ao efeito cascata da brutal queda da bolsa de Hong Kong, arrastando consigo, em todo o sudeste asiático, tanto as economias tradicionais (Cingapura, Taiwan, Coreia do Sul, Japão), quanto as economias emergentes (Malásia, Indonésia, Tailândia, Filipinas). Tal efeito repercutiu em todas as bolsas mundiais, de Paris a Nova York, atingindo em cheio as bolsas brasileiras.

A atual política econômica e financeira no Brasil esteve fortemente ameaçada. A queda das bolsas obrigou as autoridades financeiras, particularmente o presidente FHC, a tomarem medidas rápidas para defender de ataques especulativos o carro-chefe brasileiro: o Real e o plano de estabilização financeira.

Analistas¹ enfatizaram que o episódio mostrou *“de forma irrefutável o elevado grau de exposição do programa de estabilização financeira brasileiro a choques externos”* e, *“na prática, a fragilidade da*

nossa posição, exageradamente dependente do fluxo de capitais externos”. Bastou a queda da bolsa de Hong Kong e as suas repercussões mundiais para que o nosso país, em dois dias, *“perdesse 10% das suas reservas internacionais e o Banco Central tivesse que dobrar as taxas de juros do overnight para estratosféricos 43% ao ano”*.

O ataque financeiro às suas moedas já debilitara o patrimônio financeiro desses países, tidos até então como exemplos bem sucedidos do modelo econômico no sudeste asiático.

Outras análises revelam o risco que isso significa: *“O modelo de crescimento baseado na mão-de-obra barata, subvalorizada, exportações exageradas, juros elevados para atrair especuladores financeiros internacionais, tudo isso enquadrado num regime político autoritário, desde então aparece menos exemplar e até perigoso”*².

A chamada mundialização³ do capital financeiro, revelada pelo episódio das bolsas e posteriores conseqüências, coloca todos os países em estado de insegurança generalizada. Esta mundialização criou o seu próprio Estado. É um poder sem sociedade, acima das nações e sem controle da democracia parlamentar. Especulam em cima do valor das moedas e provocam alta de juros reais. Isso cria a recessão e a im-

1. Carlos Ivan Simonsen Leal, *“Crises financeiras, bolsas e estabilização”*, Correio Braziliense, 23/11/97, pág. 24.

2. Ignacio Ramonet, *“Soulager la planète”*, Le Monde diplomatique, n° 524, nov. 1997, pág. 1.

3. Ignacio Ramonet, *“Désarmer les marchés”*, Le Monde diplomatique, n° 525, dez. 1997, pág. 1.

possibilidade de investimentos produtivos. As primeiras vítimas são os assalariados imediatamente demitidos como forma de sanear a incômoda situação das empresas.

A democracia parlamentar e muito menos ainda a democracia popular já não controlam os grandes e efetivos detentores desse poder supranacional, que se encarna no Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial, Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e Organização Mundial do Comércio (OMC). É um poder sem fronteiras e de amplos espaços, com ampla repercussão na mídia e apregoam aos quatro ventos as “virtudes do mercado”.

Um dos grandes desafios cívicos, revelados pela atual crise financeira em particular para os países de economia emergente, é o de como controlar a especulação financeira em cima da variação cambial das moedas.

O ataque especulativo às moedas, que não é senão uma decorrência da lógica do sistema, se dá exatamente por causa da alta real dos juros que, por sua vez, inibe o consumo e o investimento produtivo. Apesar desse ataque ter atingido mais diretamente a Coreia do Sul, a Tailândia, as Filipinas e a Indonésia, nada indica ainda que o Brasil esteja absolutamente imune de situações semelhantes.

O “pacote fiscal” preparado pela equipe econômica do governo brasileiro, logo após a crise das bolsas, com 51 medidas provisórias, visava arrecadar 20 bilhões de reais. Era o dinheiro necessário para cobrir as despesas para apaziguar o ataque ao Real.

A elevação da taxa de juros de 20,7% para 43,4%⁴ ao ano é claro que aumentaria o serviço da dívida interna do país, ao evitar a fuga de capitais. O ônus das 51 medidas recaiu certamente sobre os assalariados. Foram eles os primeiros a pagar as contas do desajuste maior da política econômica atrelada ao capital externo, financiador da nossa dívida interna. Até quando?

Muitas incertezas acumulam-se no horizonte da economia mundial e nacional.

“Um sinal alvissareiro neste último ano é a constatação de que a batalha intelectual aparentemente reverteu o sinal: liberais e neoliberais de plantão cada vez falam menos coisas acreditáveis e os estadistas vêm-se impelidos a retomar referenciais teóricos e práticos de controle e regulação dos mercados, especialmente dos mercados financeiros... Mas o que fica evidente na atualidade é a mais completa inadequação do discurso do livre-cambismo, da desregulamentação e da privatização dos bens públicos, com resultados concretos de mobilidade e instabilidade do capital financeiro internacional”⁵.

O “outro lado” dá sinais de que reconhece que o Brasil “paga caro para resistir à pressão externa”⁶ pois o País “lançou-se em uma guerra para evitar ser o próximo dominó”. E afirma Roger Cohen que o “colapso financeiro na Ásia obrigou o governo brasileiro a adotar medidas amargas, que podem aumentar as desigualdades, para assegurar a manutenção do Plano Real em um ano de eleição”.

“Francamente o Brasil personifica a dívida: será que as pressões da economia

4. Recentemente, em 28/01/98, o Banco Central abaixou a taxa de juros em torno de 34%. Em dezembro de 1997, fora reduzida em torno de 37%. Evidentemente, é uma tentativa de ouvir os apelos dos empresários, receosos de uma profunda recessão. Aliás, cresce a taxa de desemprego, conforme dados publicados também em 28/01/98.

5. Guilherme C. Delgado, “Economia brasileira: propostas e perspectivas para 1998”. Artigo inédito para “Tempo e Presença”.

6. Roger Cohen, “The New York Times Service”, “Brasil paga caro para resistir à pressão externa” tradução apud “O Estado de São Paulo”, 06/02/98, pág. B-11.

ESTADÍSTICA

global não extraem um custo demasiado alto na estabilidade de uma sociedade classificada entre as mais desiguais do mundo?"

"As medidas que o Brasil adotou para resguardar sua moeda — as quais por enquanto têm agradado os mercados globais — estão atingindo os pobres e a classe média. A crise asiática representou altas taxas de juros e empregos perdidos."

Será que no contexto atual da crise financeira mundial teremos encaminhado soluções duradouras apenas com a elevação dos juros e aumento dos impostos?

Neste contexto, é suficiente defender a qualquer preço a estabilidade da nossa moeda?

É importante ainda salientar algumas advertências de alguém como Rubens Ricupero⁷, ex-Ministro da Fazenda no tempo da implantação do plano Real.

"Nossa vulnerabilidade aos choques especulativos provém, como se sabe, de um processo inacabado de reconstrução econômica."

"Para prevenir a volta da inflação, exageramos na dose dos juros e da valorização da moeda."

Lembra ele, ainda, o nosso desastroso déficit comercial e que *"a fim de financiar esse déficit nos viciamos na dependência de recursos financeiros de fora, muitos a curto prazo, atraídos pelos juros altos"*. *"Essa forte presença estrangeira nas bolsas e mercados financeiros exacerba a volatilidade e o perigo de contágio de choques vindos do exterior."*

Um país como o nosso tinha todas as condições para crescer sem sacrificar a oferta de empregos. No contexto atual *"temos que correr para não ficarmos para-*

dos". É evidente que *"a crise exterior nos impôs o seu próprio ritmo: é preciso acelerar já as reformas, o crescimento e o emprego"*.

Emprego e Projeto Nacional: crise conjuntural ou estrutural?

No momento agrava-se em nosso país a questão do desemprego. Os efeitos do "horror econômico"⁸ parecem que vieram para ficar.

As empresas automobilísticas foram as primeiras a se mobilizarem a pretexto do aumento de juros e do pacote fiscal. Vendo desabar a produção de veículos automotores, logo enxergaram a saída na demissão de empregados. Chantagem ou resistência às mudanças que se impõem?

A parte mais fragilizada, a dos empregados, se mobilizou articulada por lideranças sindicais divididas. A divisão se dá quanto à concepção de como e o que negociar.

As centrais sindicais, ligadas ao sindicalismo de resultados (leia-se Força Sindical), sem se preocupar em discutir **direitos** no âmbito das negociações, preferiu a via da redução da jornada de trabalho com redução salarial, mesmo sem garantias reais de que não acontecerão demissões no futuro. É a posição de quem prefere manter os atuais empregos, mesmo ganhando menos.

A vertente sindical ligada à Central Única dos Trabalhadores (CUT) não aceitou tal posição. Procurou enxergar a crise num contexto mais amplo: o da socialização dos lucros e prejuízos, preservando direitos adquiridos.

A questão chave é a de que quase nunca se fala em reinvestir os lucros numa situação favorável e, conseqüentemente, aumentar os postos de emprego. Quando se trata de socializar os prejuízos a primei-

7. Rubens Ricupero, "O equivalente moral da guerra", Folha de São Paulo, 08/12/97, pág. 2-2.

8. Viviane Forrester, "L'horreur économique", Edições Fayard, 1996.

ra medida é demitir os trabalhadores ou forçá-los a acordos degradantes.

Ao contrário, não seria o caso de aumentar as vagas para os trabalhadores com a redução de jornada de trabalho, mantendo os mesmos salários?

É também evidente que o assunto não é tão simples assim. A grave questão do desemprego nos remete à uma questão fundamental: *as atuais opções políticas de produção e do que é prioritário produzir, não estariam voltadas, em primeiro lugar, para o projeto de desenvolvimento, exclusivamente ligado aos parâmetros da economia neoliberal globalizada? Haveria ainda lugar para um projeto novo, restaurador da integridade nacional?*

A questão do desemprego no Brasil está longe de ser solucionada apenas com ameaças de demissões ou acordos tipo redução de horas de trabalho ou redução de salários e, mais recentemente, mediante contrato de trabalho por tempo determinado⁹, aprovado no Congresso Nacional. Todas essas iniciativas reforçam a tese da flexibilização dos direitos do trabalho e do trabalhador.

A questão, aparentemente conjuntural, ao se aceitar a inevitabilidade da recessão, nos leva a uma dimensão estrutural. Na verdade, o que se busca na lógica do desmonte social é a chamada flexibilização do trabalho onde direitos se curvam às leis do mercado.

O êxito do plano Real se deve ao seguinte fato: *“os brasileiros acreditaram nele”*. *“A chave de tudo foi a construção da confiança por meio da informação abundante e clara. Respeitando a inteli-*

*gência do povo, explicou-se, passo a passo, o que se ia fazer, o como e o porquê das decisões”*¹⁰.

O governo lava as mãos e teima em não aceitar intermediar e discutir as atuais questões naquilo que elas têm de mais estrutural. Falta-lhe humildade e um projeto político, capaz de mobilizar o país e *“mostrar as razões do que falta fazer e porque disso depende a melhoria da vida das pessoas”*¹¹.

A política de contenção inflacionária, por si só, é insuficiente *“se por meio dela não procurarmos a materialização de um projeto de reorganização nacional, em que se busque assegurar a viabilidade e a emancipação da economia brasileira, dentro do quadro... democrático e das reformas sociais...”*.

“Terá que ser uma reforma incorporada às aspirações do povo, que suba das próprias bases sociais...”

“Terá de produzir, a curto prazo e sem violência, com respeito dos direitos... uma redistribuição de renda social, de modo que... atinja a sociedade no seu todo, eleve o padrão da vida e crie (o) número crescente de ocupações e atividades.”

“Mas nenhuma reforma... poderá ser implantada hoje... se não conseguirmos, em primeiro lugar, obter de nós mesmos, da classe dirigente como das classes produtoras e trabalhadoras, um nível mínimo de confiança na viabilidade de um projeto brasileiro...”

Em síntese, essas considerações de Santiago Dantas¹², há 34 anos atrás, continuam

9. Lei 9.601, aprovada pelo Congresso Nacional em janeiro de 1998, já sancionada pelo Presidente da República e regulamentada pelo mesmo Congresso. As opiniões a respeito desta lei são divergentes. Ela é defendida por empresários e Governo, criticada pelos sindicatos filiados à CUT e tolerada pelos sindicalistas de resultados (Força Sindical) como um mal menor. Cf. Folha de São Paulo, 08/02/98, pág. 2-11.

10. Rubens Ricupero, *“O equivalente moral da guerra”*, Folha de São Paulo, 08/12/97, pág. 2-2.

11. Rubens Ricupero, *“O equivalente moral da guerra”*, Folha de São Paulo, 08/12/97, pág. 2-2.

12. Visão, 08/11/63, citado por Rubens Ricupero, *“O equivalente moral da guerra”*, Folha de São Paulo, 08/11/97, pág. 2-2.

Igreja as conquistas positivas em favor do homem realizadas nesses últimos 30 anos?

Em particular como será, daqui para frente, a presença da Igreja local neste contexto?

As respostas a essas perguntas podem ter começado a serem dadas pela presença do Santo Padre em Cuba. Durante quatro dias, ele teve a oportunidade de falar à população, entusiasmada e curiosa, que o acolheu como uma personalidade internacional importante, cheia de carisma e empatia pessoal.

O Papa não hesitou em insistir sobre as inegáveis lacunas do regime cubano: a ne-

cessidade de maior liberdade individual¹⁶, a importância do protagonismo de cada um dentro da sociedade politicamente organizada¹⁷, o direito de educar¹⁸, a possibilidade de divergir ao insistir na liberdade para os presos políticos¹⁹ e alertou a respeito de sistemas econômicos que alimentam opressões e ilusões consumistas²⁰.

O mesmo tom, nesse sentido, foi o de alguns membros da hierarquia local, como foi o caso do Arcebispo de Santiago de Cuba, Dom Pedro Meurice²¹, em seu discurso de saudação ao Papa, que foi "o momento mais tenso de toda a visita"²², ao enfatizar a confusão existente entre Estado-Partido-Nação.

16. "... Que esta terra possa oferecer a todos uma atmosfera de liberdade, de confiança recíproca, de justiça social e de paz duradoura" (Discurso na cerimônia de chegada a Havana, 21/01/98).

"A liberdade que não se fundamenta na verdade condiciona de tal forma ao homem que algumas vezes o torna objeto e não sujeito de seu ambiente social, cultural, econômico e político, deixando-o quase sem nenhuma iniciativa de desenvolvimento pessoal. Outras vezes, essa liberdade é de tal maneira individualista e, sem considerar a liberdade dos demais, fecha o homem no seu egoísmo. A conquista da liberdade com responsabilidade é uma tarefa imprescindível para toda pessoa" (Homilia em Havana, 25/01/98).

17. "Filho ilustre desta terra é o Padre Félix Varela y Morales, considerado por muitos como pedra angular da nacionalidade cubana."... ele "ensinou que para assumir responsabilmente é preciso aprender em primeiro lugar a difícil arte de pensar corretamente e pela própria cabeça. Ele foi o primeiro a falar em independência nestas terras. Falou também de democracia, considerando-a como o projeto político mais harmônico com a natureza humana, ressaltando igualmente as exigências que dela derivam" (Discurso ao mundo da Cultura, 23/0198).

18. "... A Igreja em Cuba deseja poder dispor de espaço necessário para continuar servindo a todos de acordo com a missão e ensinamento de Jesus Cristo" (Discurso na cerimônia de chegada em Havana, 21/0198).

19. "Existe também o sofrimento da alma, como o que padecem os segregados, os perseguidos, os encarcerados por diversos delitos ou por razões de consciência, por idéias pacíficas ainda que discordantes. Estes últimos sofrem o isolamento, uma pena da qual sua consciência não os condena, enquanto desejam incorporar-se à vida ativa em espaços onde possam expressar e propor suas opiniões com respeito e tolerância" (Discurso no Santuário de São Lázaro, 24/0198).

20. "...Ressurge em vários lugares uma forma de neoliberalismo capitalista que subordina a pessoa humana e condiciona o desenvolvimento dos povos a forças cegas do mercado, onerando a partir dos seus centros de poder os países menos favorecidos com encargos insuportáveis...se observa no conjunto das nações ao enriquecimento exagerado de uns poucos à custa do empobrecimento crescente de muitos, de tal maneira que os ricos são cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres" (Homilia em Havana, 25/01/98). "Contudo, a sombra aterradora da crise atual de valores que sacode o mundo ameaça também a juventude desta luminosa Ilha...enquanto se tem a tentação de render-se aos ídolos das sociedades de consumo, fascinados pelo seu brilho fugaz. Inclusive o que vem de fora do País parece deslumbrar... Por que a abundância de meios e instituições não chega a corresponder plenamente ao fim desejado? A resposta não deve ser buscada apenas nas estruturas, nos meios e instituições, no sistema político e nos embargos econômicos, que são sempre condenáveis por lesar aos mais necessitados. Estas causas são apenas parte da resposta, porém não tocam o fundo do problema" (Mensagem aos jovens cubanos, 23/0198).

21. "Nosso povo é respeitoso frente à autoridade e agrada-lhe a ordem, mas precisa aprender a desmistificar os falsos messianismos". Fez referência "a um número crescente de cubanos que confundem a pátria com o partido, a nação com o processo histórico que vivemos nas últimas décadas e a cultura com uma ideologia".

22. Frei Betto, "Woytyla, furacão sobre Cuba: uma leitura da viagem do Papa à luz da Teologia da Libertação", "Correio da Cidadania", pág.04, 07 a 14 de fevereiro de 1998.

Uma das grandes lacunas da vida política em Cuba é a inexistência do espaço crítico da sociedade civil organizada²³. Não há organizações sociais independentes do Estado. Apesar de existirem mobilizações populares de caráter cívico e organizativo, elas não se estruturam fora do sistema hegemônico ou do Partido único.

É bom lembrar também a quase inexistência de uma opinião pública alimentada por amplas informações e formada através do debate crítico. Os jornais são poucos e há sempre o filtro do pensamento hegemônico.

Apesar de não existir uma repressão sistemática a qualquer posição crítica, as pessoas, consciente ou inconscientemente, já desenvolveram mecanismos de autocensura permanente nos seus relacionamentos sociais.

A crise atual do país e a possibilidade de livre circulação de moeda forte tornam as pessoas extremamente criativas. Sobreviver no contexto do longo embargo norte-americano e na ausência de subsídios da extinta União Soviética é uma aventura e uma grande realidade.

A crise ela mesma abre espaços, que induzem o afloramento de certa consciência crítica, como pude perceber num diálogo estabelecido com Alfonsin²⁴, um motorista particular.

"Sinceramente acho que a visita do Papa João Paulo II, aliás estimadíssima por todos, não irá trazer grandes mudanças na sociedade cubana. Nem Fidel Castro é culpado da atual crise. Na verdade, muitos revolucionários, muitos ministros do alto escalão estão acomodados. O povo está acomodado por que já não luta pelos

ideais do socialismo. Sempre nos ensinaram que tudo é para todos e feito por todos. Este grande ideal já não está tão presente no cotidiano das pessoas. O cotidiano é hoje absorvido pela sobrevivência. E o povo sobrevive, apesar da crise, apesar da acomodação generalizada... Já não se percebe, tão claramente assim, um elo entre a produção de riquezas e distribuição de benefícios sociais. Há grandes projetos turísticos mas ainda não se vê onde vão parar os benefícios gerados por tais projetos."

Percebe-se nessa espontaneidade pessoal que a crise trouxe à tona a atual distância entre o Estado-Providência e o povo, pela falta de criatividade e acomodação generalizadas.

Contudo, conclui o motorista, *"não saio deste país jamais, pois aqui nasci e ainda quero ver como sair dessa crise"*.

É neste contexto que se situa o grande desafio da Igreja cubana que *"... imersa na sociedade, não busca nenhuma forma de poder político para desenvolver sua missão, mas antes quer ser gérmen fecundo de bem comum e tornar-se presente nas estruturas sociais. Visa em primeiro lugar a pessoa humana e a comunidade na qual vive, sabendo que seu primeiro caminho é o homem concreto em meio às suas necessidades e aspirações"*²⁵.

O Papa João Paulo II ao se dirigir aos bispos cubanos²⁶ afirma que *"vocês não podem deixar de responder a esses apelos nem deixar de buscar os meios que permitam realizá-lo com eficácia e solícita caridade. Isso nos move a exigir para a Igreja não uma posição hegemônica ou exclusivista, mas reclamar o lugar que de direito lhe corresponde na trama social onde*

23. Dicionário expresso: "A Sociedade Civil em Cuba, DIAL (nouvelle série) n° 2065, 16 a 31/12/97.

24. O nome é fictício, o personagem real. Encontrei-o nas andanças em algum lugar de Cuba.

25. João Paulo II, *Homilia em Santiago de Cuba*, 24/01/98.

26. João Paulo II, *Encontro com os bispos*, Havana 25/01/98.

se desenvolve a vida do povo, contando com os espaços necessários e suficientes para servir a seus irmãos. Busquem estes espaços de forma insistente, não com a finalidade de alcançar o poder — o qual é alheio à sua missão, mas para aumentar a sua capacidade de serviço.”

Com essas palavras do Santo Padre inaugura-se um roteiro para a Igreja em Cuba, até aqui suficientemente despojada, na medida em que participa da crise e vive na simplicidade de bens materiais.

Continuará esta Igreja despojada de qualquer tentação de poder ou de hegemonia, colocando-se realmente a serviço do povo cubano?

Certamente soará como um alerta a palavra do Papa para que permaneça “*neste empenho, com espírito ecumênico, procure a sadia cooperação com as demais confissões cristãs, e mantenha, procurando ampliar sua extensão e profundidade, um diálogo franco com as instituições do Estado e as organizações autônomas da sociedade civil*”²⁷.

São tarefas desafiantes mas que definem um rumo. Numa sociedade civil ainda frágil e diante de um Estado onipresente, à Igreja cabe ocupar um amplo espaço de credibilidade.

Primeiramente através de uma atitude de serviço e de diálogo. Mais do que nunca torna-se exigente o acolhimento, a pa-

ciência, a tolerância, sem limite. Educar-se e educar nesta atitude tendo consciência de que “*a sociedade civil pode contar com aqueles que acreditam em Deus; estes pelas suas profundas convicções, não só não se deixarão enredar facilmente por ideologias ou correntes totalizantes, mas esforçar-se-ão para agir de acordo com suas aspirações em relação a tudo que é justo e verdadeiro*”²⁸.

A convocação de João Paulo II à Igreja em Cuba vai requerer preparo e criatividade. As conquistas sociais para se consolidarem necessitam da superação de radicalismos e de mediações lúcidas.

Requerem, igualmente, um longo período de transição onde as pessoas e a sociedade civil organizada passem, efetivamente, a serem protagonistas de alguma coisa maior, em termos de aspiração humana.

Devem ser conquistas além das simples conquistas sociais e das ilusões da sociedade capitalista e neoliberal, “*que subordina a pessoa humana e condiciona o desenvolvimento dos povos a forças cegas do mercado, onerando a partir dos seus centros de poder os países menos favorecidos com ônus insuportáveis*”²⁹.

A missão profética confiada à Igreja cubana vai requerer tanto sensibilidade e aprofundamento da sua experiência em humanidade quanto estímulo ao protagonismo de leigos e leigas comprometidos³⁰.

27. João Paulo II, *Encontro com os bispos*, Havana 25/01/98.

28. João Paulo II, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz 1988*, 3, citação incluída no texto do Encontro com os bispos cubanos.

29. João Paulo II, *Homilia em Havana*, 25/01/98.

30. Nesse sentido, é significativa a tentativa do Centro de Formação Cívica e Religiosa da Diocese de Pinar del Rio em Cuba, como iniciativa de Igreja. Promovendo leigos atentos “*aos sinais dos tempos, trata de reconhecer a situação do homem cubano e da sociedade onde vive para responder às necessidades de todos os tipos que nunca lhe são alheias (Gaudium et Spes)*”. Cf. documento de apresentação mimeografado, conseguido “*in loco*”, que mostra uma proposta inédita para “*preparar fiéis leigos que tenham vocação e carismas para exercer um protagonismo — sem aspirações hegemônicas ou excludentes — nos ambientes e espaços da Cultura, da Política, da Economia, dos meios de Comunicação Social, da Família, do Trabalho e do Mundo Estudantil como líderes e animadores, sem perder sua identidade católica, em diálogo e comunicação com o resto do nosso povo*”.

A sociedade cubana, eminentemente laical, requer uma típica presença de Igreja que valorize as autonomias e desperte a mística e a inquietação de ir além das conquistas sociais ou consumistas.

A tarefa é grandiosa, pois não se trata apenas de recuperar privilégios para a Igreja e nem de fortalecer poderes clericais. Trata-se de uma verdadeira missão inculturada.

Tudo isso sem deixar acontecer que se *“inverta a escala de valores e a política, a economia e toda a ação social”, que “em vez de pôr-se a serviço da pessoa, a consideram como um meio em lugar de respeitá-la como centro e fim de todo agir”, causando “um dano à sua existência e à sua dimensão transcendente”*³¹.

Trata-se de querer um ser humano não apenas como *“um simples consumidor, com um sentido restrito de liberdade muito individualista, ou um simples produtor com muito pouco espaço para suas liberdades civis e políticas”*³².

Nessa perspectiva, a Igreja em Cuba é desafiada a ser mediadora, a lançar sementes e a educar homens e mulheres novos, para construírem juntos, dentro de uma situação real, uma nova Sociedade Cubana de Bem-estar Social, que não se veja *“privada dos vínculos com os outros povos, que são necessários para o desenvolvimento econômico, social e cultural”,* e contribua para *“superar a angústia causada pela pobreza, material e moral, cujas causas podem ser, entre outras, as desigualdades injustas, as limitações das liberdades fundamentais, a despersonalização e o desânimo dos indivíduos e as medidas econômicas restritivas impostas de fora do País, injustas e eticamente inaceitáveis”*³³ (leia-se embargo econômico imposto pelos EUA).

De qualquer maneira, o fato religioso provocado pela visita do Papa, está posto e emerge em Cuba e não pode ser mais ignorado. Foi evidente o *“despertar do sentimento religioso como manifestação coletiva. Nunca houve nada parecido na história do País”*³⁴.

O povo *“encontrou nos atos litúrgicos um espaço não-oficial de expressão de seus anseios e sentimentos, alegrias e esperanças”*. Foram momentos de transcendência diante da pura *“racionalidade e o pragmatismo das manifestações político-ideológicas”*.

A presente análise quer ser a leitura de caminhos possíveis de como localizar o trabalho da Igreja na realidade cubana, após o forte impacto da presença de João Paulo II.

São possíveis outras análises³⁵, mais críticas, positivas e negativas, de como se comportaram Igreja e Estado em tão importante evento, bem como algumas previsões do que pode acontecer daqui para frente.

Quais lições tirar para outras Igrejas da América Latina?

E nós, Igreja no Brasil, como nos situarmos em nosso contexto onde, a passos largos e mediante um pensamento hegemônico, vemos desmantelar-se a Sociedade de Bem-estar Social, onde os direitos fundamentais são substituídos pelas leis inexoráveis do mercado, na educação, na saúde, na alimentação, na previdência social, no trabalho, nas reservas estratégicas, nos transportes, nas telecomunicações, na informação, na economia e na cultura?

Terra e Reforma Agrária

Os conflitos agrários continuam no país. Parece que há uma orquestração dos gran-

31. João Paulo II, Encontro com os bispos, Havana, 25/01/98.

32. João Paulo II, Encontro com os bispos, Havana, 25/01/98.

33. João Paulo II, Palavras de despedida, Havana, 25/01/98.

34. Frei Betto, “Woytila...”, “Correio da Cidadania”, pág. 05, 07 a 14 de fevereiro de 1998.

35. Frei Betto, “Woytila...”, “Correio da Cidadania”, pág. 04 e 05, 07 a 14 de fevereiro de 1998.

des proprietários, tendo à frente a UDR, para que se intensifiquem as ações de desalojamento das ocupações dos Sem-Terra. Haja vista os acontecimentos recentes no norte do Paraná³⁶. Desde o ano passado, este recrudescimento dos conflitos fora anunciado³⁷ e de certa forma oficializado³⁸.

A Reforma Agrária governamental se arrasta, sem uma dimensão política definida, o que a mantém sempre aquém dos grandes desafios. Está atrelada a recursos financeiros que deveriam vir do tesouro nacional se, de fato, a Reforma Agrária fosse política e socialmente prioritária.

Nem mesmo a aprovação pelo Congresso Nacional do chamado Banco da Terra satisfaz, quer os que são contra³⁹, quer os que estão a favor⁴⁰ da Reforma Agrária. Com esse Banco o Governo praticamente abandona os instrumentos legais de desapropriação. O referido Banco torna-se instrumento de negociação direta entre minifundistas e latifundiários. Já se sabe de antemão o resultado.

Ademais, numa questão tão nevrálgica, o Governo ao se retirar com o seu poder mediador, decreta o fim de sua presença como guardião da função social da terra.

Em boa hora aparece o documento⁴¹ do Pontifício Conselho "Justiça e Paz". Documento de envergadura política, traz uma clara definição a favor dos excluídos. Levanta a voz profética da Igreja para denunciar a concentração da riqueza e da

terra. Tais poderes impedem, neste mundo cada vez mais globalizado e dependente das leis inexoráveis do mercado, a verdadeira distribuição de riqueza em benefício de todos os excluídos.

O documento dirige-se particularmente aos países carentes de um pleno desenvolvimento e que ainda não tiveram a coragem de realizar uma verdadeira reforma agrária, em cumprimento dos desígnios de destinação universal dos bens e função social da propriedade privada.

O documento recupera a metodologia Ver-Julgar-Agir, como instrumento válido de análise e proposta eficaz de ação à luz da fé.

Um dos pontos nevrálgicos do documento é a questão da ocupação da terra. O tema tem muito a ver com a mobilização política do Movimento dos Sem-Terra (MST) no Brasil ao reconhecer que "*o retardamento e adiamento da reforma agrária tiram toda credibilidade às ações de denúncia e de repressão das ocupações de terra*"⁴².

Em outras palavras, para o Brasil tal afirmação significa reconhecer a importância política do MST, como instrumento de mobilização e pressão social para agilizar a reforma agrária.

Como despertar o compromisso de valorizar este Documento da Pontifício Conselho "Justiça e Paz"?

36. "Participaram do ataque, ocorrido nas fazendas Boa Sorte e Santo ângelo, 80 homens encapuzados. O Sem-Terra Sebastião Camargo Filho, 65, foi morto, e outros dois ficaram gravemente feridos... Para o delegado, a UDR está por trás das mortes. Segundo ele, Augusto Barbosa da Costa disse que a Fazenda Figueira, da Agropecuária Santa Maria, funcionou como centro de operações do ataque." Folha de São Paulo, 12/02/98, pág. 1-8.

37. Análise Conjuntura, agosto de 1997.

38. Análise de Conjuntura, setembro de 1997, onde se destaca a infeliz entrevista do Ministro da Justiça, Íris Rezende, "Pelo confronto", Veja 24/09/97.

39. Editorial, "Terra para dar e vender — e invadir", "O Estado de São Paulo", 08/02/97, pág. A-3.

40. Luiz Eduardo Greenhalgh, Adão Pretto, "O banco do latifúndio", Folha de São Paulo, 10/02/97, pág. 2-2.

41. Para uma melhor distribuição da terra — O desafio da reforma agrária, Libreria Editrice Vaticana, 1997.

42. Documento citado na nota anterior, nº 44.

Que ações promover, em nível de Igreja e de sociedade civil, para que se torne um instrumento de diálogo em todas instâncias executivas e protagonistas da Reforma Agrária?

Como inseri-lo nas preocupações das Pastorais Sociais e da Terceira Semana Social Brasileira?

O Sínodo da América

Certamente será objeto de análises mais qualificadas, devido à sua importância e significado. Pela primeira vez, estabeleceu-se o intercâmbio entre as Igrejas da América, tão diversificada na cultura, nos povos, nas línguas e nas situações políticas, econômicas e sociais.

É oportuno destacar um aspecto, tão bem enfatizado por um dos delegados⁴³ numa de suas inúmeras análises, quando participava de tão importante evento.

“Uma das evidências que emergem do Sínodo é a questão da globalização. É o fenômeno que marca hoje a humanidade”... “irreversível em sua dimensão de manifestação da vocação humana à unidade, vem acompanhado de muitas ambigüidades”... “Algumas dessas ambigüidades produzem resultados trágicos”...

“Em meio a essa situação, a Igreja Católica, neste Sínodo da América, se sente interpelada a marcar presença no meio do processo de globalização. Para iluminar os caminhos da verdadeira integração de todos os povos e continentes no destino comum que nos une. Para apoiar formas de integração regional que preservem valores e garantam uma gradualidade de avanços, compatíveis com o ritmo das populações, como é o caso do Mercosul e de outras associações regionais que vão tomando forma na América Latina. E incentivar uma verdadeira solidariedade, que

faça urgir os critérios da justiça e as prioridades da vida humana na organização do sistema econômico mundial.”

Em síntese, a grande experiência do Sínodo da América é a certeza, afetiva e efetiva, de que “a Igreja se sente cada vez mais cidadã do mundo”. Mais ainda, que “sua vocação se reforça na medida em que a história avança”... “E sua missão se clareia olhando mais para o futuro do que para o passado”... “... é o retrato antecipado do que deve ser a humanidade, na medida em que encontrar os verdadeiros caminhos da globalização que respeite a vida e se coloque a serviço dela”.

Mesmo que seja a percepção de um dos delegados, estas reflexões podem ser uma boa chave de leitura das propostas aprovadas, bem como ajudarão a colocar em prática o Documento conclusivo, vindo do Santo Padre o Papa João Paulo II.

3. PARA ONDE VAMOS?

O Fórum de Davos, na Suíça, todos os anos, é uma espécie de assembléia geral de todas as forças e organizações econômicas e financeiras do mundo inteiro. Por lá circulam estadistas, chefes de Estado — Fernando Henrique Cardoso esteve este ano — economistas, empresários, lobistas e até alquimistas.

O escritor Paulo Coelho foi uma das estrelas que lá brilharam pela palestra que realizou, a convite dos organizadores do evento. A sua presença mostra a que grau de incertezas se chegou, diante de expectativas imponderáveis, vagando pelos ares da economia mundial.

Causa preocupação o fato de que se caminha, a passos largos, em direção a carência de garantias fundamentais das pessoas humanas.

43. Dom Demétrio Valentini, comentários via Internet, 2ª Semana do Sínodo da América.

As perspectivas globais de sobrevivência estão cada vez mais ameaçadas pela degradação do meio ambiente. Mais graves, porém, são as degradações causadas pelas desigualdades e concentração da riqueza mundial produzida e mal distribuída, pela corrupção moral e ética, pelo aviltamento das pessoas transformadas em objeto de prazer e prostituição, pela droga e pela violência. Grave ainda é a quase certeza de que se perde o controle da riqueza e dos seus instrumentos de produção.

O capital volátil está cada vez mais em mãos de gananciosos. Pela primeira vez, começa-se a perceber que o mercado globalizado, sem um mínimo de controle, ameaça implodir o próprio sistema por ele criado, ao espalhar o descrédito generalizado.

Cada vez mais se requer, ao menos, uma postura ética, baseada num mínimo de sensibilidade pela humanidade, sua dignidade, seus direitos fundamentais. Aqui está a chave do controle que parece fugir das mãos dos mais preocupados com o futuro da humanidade.

O quadro de expectativas e apreensões mostra o caos como uma grande realidade. Muitos afirmavam ser impossível que o "Titanic" afundasse e quiseram fugir das regras do bom senso. E aconteceu o pior!

A face brasileira da tragédia mundial está estampada nas apreensões com a recessão e o desemprego. A fascinação pela estabilidade financeira impede de se ver claro as alternativas para preservar o bem público e garantir o mínimo para todos.

A maior riqueza a ser preservada é a estabilidade dos direitos fundamentais à saúde, à alimentação, à educação, à moradia, à terra, ao trabalho, à previdência e assistência social. Colocar à venda tais direitos e subordiná-los a interesses egoístas, aos monopólios, ao mundo financeiro virtual, é quase apostar num "Titanic" nacional.

Os sorrisos e comemorações de vitórias avassaladoras no Congresso Nacional, destruindo garantias e direitos, conquistados a duras penas, revela a insensibilidade das nossas elites, mais preocupadas em obter favores e benefícios pessoais, do que olhar de frente para o nosso povo e tentar construir um novo projeto nacional.

Queira Deus que não esteja diante de nós um majestoso "iceberg"!!!

João Paulo II, com coragem e testemunho, sensível às dificuldades de um povo, bateu de frente com um poder hegemônico, num dramático apelo ao bom senso de todos, para dar um passo à frente e superar contradições, sempre apoiado no homem, na sua dignidade e na sua transcendência.

E nós, Igreja no Brasil, como agiremos profeticamente diante da hegemonia e pensamento único que se instalam pela obstinação e insensibilidade das nossas elites?

Como, de fato, estaremos vivendo, nesta hora de nossa história, as angústias, as alegrias e tristezas de nosso povo?

O nosso projeto de construção do Reino de Deus, desde aqui e agora em nossa realidade, poderá aceitar — e até quando — a imobilidade da nossa sociedade civil organizada ou a organizar-se?

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

Ao longo do texto o autor formula numerosas perguntas. Como comunidade, escolham para refletir e debater aquelas que vocês considerem mais importantes e oportunas no seu contexto.



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 abril de 1998

Por duas vezes, neste mesmo canto de revista, em janeiro/fevereiro e março, lhe falei deste segundo opúsculo da série 'Para o Nosso Retiro Mensal': **A FÉ SALVA: O que é a fé?** Afinal, o livro está à sua disposição na CRB Nacional ou na sede de sua CRB Regional. Você vai gostar deste novo volume.

Uma fé intelectualizada nos enche de dúvidas. É completamente insuficiente. Sem nenhum valor salutar. Não proporciona a vida e a salvação por ela anunciadas. Desconfiar, pois, sempre de uma fé feita apenas de palavras e conceitos. As maiores dificuldades da fé não são racionais mas existenciais: **o medo do risco de se comprometer** com todas as conseqüências que este compromisso implica. As verdades da fé afetam a vida de quem crê naquilo que esta vida tem de mais profundo.

Quem crê tem de aderir ao bem, pois sua vontade está conaturalizada com ele. A fé cria o dever de amar o bem, pois além de ser um ato religioso de encontro pessoal com Deus, é, também, **uma opção decisiva face aos valores criados**. Implica o conhecimento do dever de obedecer em tudo ao Senhor. Este postulado moral é parte integrante da fé que se professa.

A fé é, ainda, um abandono, uma disponibilidade absoluta, uma confiança ilimitada em Deus. Ele é **o juiz mais confiável do que é melhor para nós**. Numa linguagem poética e simbólica: Deus é a água cristalina que rega, com abundância, a aridez do deserto de nossa afetividade tão carente de carinho e de amor. Por iniciativa dele, nunca faltará esta água generosa de sua proximidade agraciante. Pelo nosso abandono a ele, recebemos o **dom** que é Deus. Aquiescência, portanto, alegre às suas disposições. **Os seus planos são de sabedoria e de amor** e ultrapassam as categorias meramente humanas. Crer no amor de Deus por nós. Pôr-se a caminho como Abraão, embora não se tenha diante de si o mapa do futuro. Deus guia nossos passos, mas a gente não sabe onde vai.

Só quem ama crê. Importa amar para crer.
O amor é a forma pela qual
se expressa a fé. A fé ama. A caridade
crê e sustenta a esperança. Esperar
é crer no amor. Crer é possuir o que se espera.

Crer como Maria. Maria dá à sua fé uma dimensão processual. Ela se perturba. Tem medo. **Não** duvida, porém. Não nega a Deus o crédito que lhe é devido, embora não entenda a possibilidade intrínseca da verdade revelada. Pergunta. Ouve. Reflete. Quer saber mais. Persiste com vontade sincera, na investigação da verdade até que se chegue a conhecê-la. Esta busca sincera e leal encerra em si **um valor moral altamente positivo**. Não subordina seu consentimento à concessão de um sinal visível. Creu na possibilidade do cumprimento do anúncio e interpela o anjo sobre a modalidade para melhor cumprir a vontade de Deus.

Fé, antes de tudo, aceitação da mensagem da única ação salvífica de Deus que se realiza em Jesus Cristo e submissão a este caminho decretado por Deus. Há indícios de que está se esgotando nossa maneira de crer, de viver a fé, de transmitir a fé. Desponta no horizonte, como necessidade básica, a volta à **experiência fundante de um encontro com a pessoa de Jesus Cristo**. O encontro privilegia a experiência. Privilegia o coração. Privilegia a vida. Sabemos demais. Saber só não converte. É luz fria. Voltar, então, à raiz, à experiência de encontro com a pessoa de Jesus. Encontro com ele é amor, coração, calor, salvação.

A FÉ SALVA. O que é a fé? É o segundo opúsculo da série "Para o Nosso Retiro Mensal". Adquira o seu exemplar para ler, interiorizar e viver. Em toda parte do mundo, sem exceção, a fé quer ser pura, clara e vigorosa. Conhecer o conteúdo da fé e fazer da vida uma celebração desta mesma fé.

A GRAÇA, dom divino que **Jesus** nos mereceu; o AMOR, iniciativa livre, gratuita e preveniente do **Pai** que nos escolheu por filhos, realizem em nós uma COMUM-UNIÃO por obra do **Espírito Santo**. Filhos no Filho, clamemos no Espírito, Abá, papai. Amém. Com afeto e estima fraterna, subscrevo-me, ao seu inteiro dispor,

atenciosamente